

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em Ciência da Religião**  
**Mestrado em Ciência da Religião**

**Giane Rena Cardoso Queiroz**

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PAULA CÂNDIDO (MG):**  
Identidade, memória e ritual no Congado e no Reinado.

Juiz de Fora  
2013

**Giane Rena Cardoso Queiroz**

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PAULA CÂNDIDO (MG):**

Identidade, memória e ritual no Congado e no Reinado.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora  
2013

Queiroz, Giane Rena Cardoso.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido (MG) :  
Identidade, memória e ritual no Congado e Reinado. / Giane  
Rena Cardoso Queiroz. -- 2013.  
140 f. : il.

Orientador: Emerson José Sena da Silveira  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Religião, 2013.

1. Congado. 2. Identidade. 3. Festa. 4. Religiosidade. 5.  
Ritual. I. Silveira, Emerson José Sena da, orient. II. Título.

**Giane Rena Cardoso Queiroz**

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PAULA CÂNDIDO (MG):**

Identidade, memória e ritual no Congado e no Reinado.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2013.

---

Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Robert Daibert Júnior  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Rubens Alves da Silva  
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico a meu pai, Getúlio (*in memoriam*), que me inspirou realizar a pesquisa, que sonhou fazer. Aos congadeiros de Paula Cândido. Ao meu marido e meus filhos que me apoiaram nos momentos difíceis.

## AGRADECIMENTOS

Como deixar de agradecer às pessoas que me ajudaram a tornar este trabalho possível, meu orientador Emerson José Sena da Silveira, o chefe do Congado de Paula Cândido Carlos Eduardo Brígida, o secretário da cultura de Paula Cândido Emerson Rodrigues Lisboa e a todos as pessoas entrevistadas no decorrer do trabalho de campo.

Ao professor Zwinglio Mota Dias, que me mostrou o caminho para a Ciência da Religião; ao professor Rubens Alves da Silva que me encorajou a pesquisar o Congado da minha cidade de coração; ao professor Edimilson de Almeida Pereira pelas palavras de carinho e norte em minha pesquisa; ao professor Robert Daibert Júnior que muito me ajudou na qualificação direcionando-me no melhor caminho; ao professor Ricardo Vélez Rodríguez por seus conselhos; ao professor Mário José dos Santos por suas palavras de alento, ao professor Ronaldo com seu exemplo de amor à profissão; ao professor Jonas Roos pelos ensinamentos no período em que fui sua bolsista, aos professores do PPCIR; e também à professora Helena Rodrigues Gonçalves, que muito me ajudou na árdua tarefa de escrever, esses momentos foram de engrandecimento onde exercitei não apenas o português e sua escrita, mas também discutimos e analisamos juntas cada parágrafo desta dissertação.

Aos meus colegas da graduação da Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Cláudia e Ricardo pela amizade e apoio; Antônio sempre preocupado com minha jornada dupla (graduação na Filosofia e mestrado), Cristina sempre pronta a ajudar em todos os momentos.

Aos meus colegas da especialização e depois mestrado em Ciência da Religião, Suzana, Humberto, Mateus, Robione, Maria Luiza, Hernandez e Luís Carlos pelo apoio e incentivo. Às minhas companheiras de orientação Mariana e Izabela, que dividem comigo a ansiedade das reuniões e correções de nosso mestre.

Minha família, quem eu sou e por quem sou: meu marido por me incentivar nesse caminho que não é fácil, ter paciência nos meus piores momentos e me acompanhar na minha busca; meu filho Thúlio que com seu carinho me conforta e sua família linda: Taiana a filha que não tive, sempre me colocando pra cima, Gustavo o maior presente que Deus poderia ter me dado, esse neto lindo que veio ao mundo no dia da minha primeira apresentação do projeto de dissertação; ao Caio, meu “grilo falante”, sempre me dizendo a coisa certa mesmo que na hora não entenda assim, ao Pedro por ouvir sempre atento o que tenho a dizer; ao Franco, meu caçula, que com seu abraço e carinho me reconforta estando sempre pronto a me ajudar no que for preciso, principalmente no que se refere ao computador.

Minha mãe que durante o meu trabalho de campo, me ajudou no que foi possível para que minha pesquisa fosse feita, além de acreditar na minha capacidade e me incentivar; a meu pai que mesmo não estando presente, me foi inspiração para essa pesquisa, descobri que ele quando jovem queria muito estudar o Congado; os meus irmãos Vitor e Igor que apesar de longe, sei que torcem muito por mim. E a todos os meus familiares que tornaram possível a conclusão dessa pesquisa colaborando de diversas maneiras para a efetivação do trabalho.

À CAPES pela bolsa a mim concedida e que permitiu total dedicação à minha pesquisa e ao campo.

Aos congadeiros da banda “Antônio Coelho” que me permitiram fazer parte de seus ensaios bem como de suas experiências, tornando-me ainda mais devota de Nossa Senhora do Rosário.

E principalmente a Deus, razão de tudo, e à Nossa Senhora do Rosário!!!!!!!!!!!!

*Somos todos brasileiros nascidos em Minas Gerais, vamos nós, pedir a Deus e a Senhora do Rosário e também São Benedito que abençoe meus trabalhos.*

*(canto congadeiro)*

## RESUMO

Os diferentes períodos de colonização, somando-se às diferentes nacionalidades da mão-de-obra escrava bem como à maior ou menor influência do poder da Igreja, em Minas Gerais, moldaram essa manifestação religiosa, que é o Congado, de forma que suas Guardas não conservam, necessariamente, as mesmas características quanto aos traços nem tampouco quanto à realização das comemorações. Os rituais do Congado e do Reinado, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Paula Cândido (MG), constituem um rico patrimônio da cultura afro-brasileira, que se caracteriza não como uma simples assimilação da cultura do outro, imposta como forma de domínio, mas uma nova composição de símbolos e representações, que configuram a identidade negra. A Festa, em Paula Cândido (MG), que acontece desde 1853, ininterruptamente, em outubro, é uma prova dessas diferenças na configuração do Congado e na organização do Reinado. Configurando uma simbologia religiosa, a Festa e os rituais são perpassados pela cor e pela religiosidade: esse encontro entre cultura e religiosidade suscita questionamentos de como essa herança negra é articulada a partir do exercício da ritualidade e dos traços nela envolvidos, como sinais, linguagens, comportamentos e experiência do sagrado e como essa identidade negra é tecida nesses congos.

**Palavras-chaves:** Congado. Festa. Ritual. Identidade negra. Religiosidade.

## **ABSTRACT**

The distinct periods of colonization in Brazil and different slaves' nationalities, in addition to the influence of the Catholic Church on the state of Minas Gerais gave form to this religious festival called "Congado" which variations do not necessarily present the same characteristics on its different forms of celebration. The rites related to "Congado e Reinado (kingdom)", part of the Our Lady of the Rosary festivals that take place in Paula Cândido, state of Minas Gerais, constitute an important Afro-brazilian cultural patrimony which is characterized by a new composition of African symbols and roles in opposition to a mere cultural assimilation from a dominant society. The festival that takes place every October in Paula Cândido since 1853 without interruption demonstrates the differences in how the "Congado" and "Reinado" are organized. The festival and associated rites are pervaded by race and religiosity configuring a religious symbology: this encounter of culture and religiosity bring up questions on how the African inheritance is articulated through these rites and vestiges of different manifestations such as terminologies, behaviors and contact with the Holy and how the African identity is reflected in the different "Congos" tissues.

**Key words:** "Congado". Festival. Rite. African identity. Religiosity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 Município de Paula Cândido, com a Igreja Matriz ao fundo, com informações sobre sua localização, área, população e distância de alguns centros maiores. Fotografia: [http://www. ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) – 2010----- 45
- FIGURA 2 Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída em 1853, pelos escravos. Localizada na Rua Oliveiros e Silva. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010---- 46
- FIGURA 3 Reza do terço do Rosário, todas as noites no mês de outubro, pelo pároco Tarcísio, com a presença dos Reis Festeiros e dos Reis a serem coroados, bem como da comunidade. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz –2010----- 51
- FIGURA 4 Coroação feita por famílias, a Nossa Senhora do Rosário, todas as noites três ou mais famílias coroaam durante a missa e o terço. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 51
- FIGURA 5 Procissão dos Mordomos que carregam as bandeiras de Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, saindo da casa dos Reis Festeiros indo até a igreja do Rosário, para depois da celebração e do terço, serem hasteadas no mastro localizado ao lado da igreja. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 52
- FIGURA 6 Levantamento dos mastros, após a celebração e o terço, é o momento em que, iniciam-se as festividades de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 52
- FIGURA 7 Início das festividades em frente à igreja do Rosário, após o levantamento dos mastros, a comunidade assiste à banda de música e ao Congado que tem seu ritual de louvor à Santa, pedindo proteção para mais um ano de Festa, quando eles cantam e dançam. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 53
- FIGURA 8 Retirada do Reinado Velho de casa, os congadeiros se posicionam do lado de fora esperando que o Reinado saia para encaminharem à igreja, para as celebrações. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 53
- FIGURA 9 O Chefe do Congado, os Reis-do-Meio, alguns Corta-Ventos, músicos e congadeiros que carregam a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, entram na casa dos Reis Velhos para que o Reinado seja retirado de casa para ir à igreja. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 53
- FIGURA 10 Rainha de Promessa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 54
- FIGURA 11 Rei de Promessa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 54
- FIGURA 12 Cortejo de Reis de Promessa que acompanham o Reinado até à igreja, os Reis de Promessa não são sempre os mesmos nos dois dias da Festa, costumam variar, alguns veem todos os anos. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 54
- FIGURA 13 Reunião da Mesa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010----- 55
- FIGURA 14 Reunião da Mesa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012----- 55

FIGURA 15	Príncipe e Princesa do Reinado Velho. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>56</b>
FIGURA 16	Rei e Rainha do Reinado Velho. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-	<b>56</b>
FIGURA 17	Casa dos Reis Velhos. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>57</b>
FIGURA 18	Casa dos Reis Novos. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>57</b>
FIGURA 19	Rei e Rainha do Reinado Novo. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-	<b>57</b>
FIGURA 20	Corte do Reinado Novo. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>57</b>
FIGURA 21	Cerimônia do Congado no cemitério, ao lado da igreja do Rosário. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>58</b>
FIGURA 22	Congadeiros carregam os andores de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito para a procissão rumo à matriz. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>58</b>
FIGURA 23	Procissão para a matriz, com o padre e um colaborador. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>58</b>
FIGURA 24	Congado acompanha a procissão até a matriz. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>58</b>
FIGURA 25	Trono dos Reis Velhos de 2012. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-	<b>59</b>
FIGURA 26	Trono dos Reis Novos de 2010. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-	<b>59</b>
FIGURA 27	Rainhas coroam Nossa Senhora após a transmissão da coroa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>60</b>
FIGURA 28	Congado retira os Reinados da igreja, após a coroação dos Reis Novos. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>61</b>
FIGURA 29	Reinado Novo sai da igreja, após cerimônia congadeira. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>61</b>
FIGURA 30	Reinado Velho sai da igreja, após cerimônia congadeira depois da saída do Reinado Novo. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>61</b>
FIGURA 31	Banda de Música: “Corporação Musical Monsenhor Lisboa”. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>62</b>
FIGURA32	Congado: Guarda “Antônio Coelho”. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>62</b>
FIGURA 33	Congado em frente à igreja do Rosário durante a Reunião da Mesa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>68</b>
FIGURA 34	Congado “pula” enquanto acontece a Chamada, na igreja. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>68</b>

FIGURA 35	Reis negros coroados. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>70</b>
FIGURA 36	O Congado na Festa da comunidade de Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>75</b>
FIGURA 37	Capela onde acontece a celebração da Festa em Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>75</b>
FIGURA 38	Congado presente na Festa em Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>77</b>
FIGURA 39	Congado “pula” na Festa em Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>77</b>
FIGURA 40	O Congado acompanha os Reinados até à Capela de Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>79</b>
FIGURA 41	Após a transmissão da coroa, em Chácara, o Congado leva os Reinados para casa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>79</b>
FIGURA 42	Reinado Velho na Festa em Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>80</b>
FIGURA 43	Reinado Novo na Festa em Chácara. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>80</b>
FIGURA 44	Imagem de Santa Efigênia, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>86</b>
FIGURA 45	Imagem da Virgem do Rosário que é coroada todas as noites no mês de outubro e durante a Festa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>86</b>
FIGURA 46	Imagem de São Benedito, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2009-----	<b>86</b>
FIGURA 47	A Guarda de Congado “José Lúcio da Rocha” de Airões. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>91</b>
FIGURA 48	Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>91</b>
FIGURA 49	Congado canta e dança após o almoço, louvando a comida oferecida pelos Reis Festeiros. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>92</b>
FIGURA50	Congado vai para a igreja, depois de passar pelo cemitério e em outros lugares, enquanto acontece a Reunião da Mesa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>92</b>
FIGURA 51	O Congado preparando-se para a procissão, depois da Reunião da Mesa. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>93</b>
FIGURA 52	O Congado dança com as espadas, esperando os andores para a procissão. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2011-----	<b>93</b>

FIGURA 53	Mulheres componentes da Guarda de Congado de Airões. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>98</b>
FIGURA 54	A Guarda “Antônio Coelho”, Paula Cândido, não tem mulheres em seu grupo. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>98</b>
FIGURA 55	Os congadeiros e seus instrumentos na Guarda de Paula Cândido. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>100</b>
FIGURA 56	Os Corta-Ventos, com suas espadas duelam e protegem os membros da Guarda e os Reinados. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>100</b>
FIGURA 57	Os Reis-do-Meio, responsáveis pelos rituais de louvores à Santa do Rosário, dançam e cantam. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>100</b>
FIGURA 58	Rei Congo ou Chefe do Congado, responsável pela Guarda “Antônio Coelho”. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>100</b>
FIGURA 59	Ritual das espadas entre o Chefe e um Rei-do-Meio. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>104</b>
FIGURA 60	A Guarda de Congado, enfileirados em procissão. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>104</b>
FIGURA 61	Congadeiro em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, como expressão de fé. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2010-----	<b>105</b>
FIGURA 62	Reinado Novo, o Rei negro é irmão do Chefe do Congado. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>110</b>
FIGURA 63	Reinado Negro coroadado em 2012, depois de 106 anos. Fotografia: Giane Rena Cardoso Queiroz – 2012-----	<b>110</b>

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> -----	13
<b>Cap. 1: Catolicismo e Congado em Minas Gerais</b> -----	15
1.1 Perspectiva histórica do Catolicismo mineiro e do Congado-----	16
1.2 Construção da Memória e da Identidade negra no Congado-----	28
1.3 A festa e o ritual como ressemantizadores da identidade negra no Congado-----	34
<b>Cap. 2: Desfiando o Rosário</b> -----	44
2.1 Do levantamento do mastro à distribuição de doces: tradição em movimento na Festa de Paula Cândido-----	45
2.2 Reinado e Congado: tensões e articulações-----	63
2.3 “A Festa lá na Chácara é uma Festa só!”-----	73
<b>Cap. 3: “Essa banda é de Deus oia só, essa banda é de Nossa Senhora oia só, oia só...”</b>	83
3.1 A gênese negra da Festa do Congado-----	84
3.2 A condição de pertencimento do homem congadeiro-----	94
3.3 “Um rastro de alegria para dar continuidade”: a razão de ser congadeiro-----	106
<b>Conclusão</b> -----	117
<b>Referências</b> -----	119
<b>Apêndices</b> -----	127
<b>Anexos</b> -----	133

## INTRODUÇÃO

Tendo como foco o ritual do Congado, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, desde 1853, em outubro, na cidade mineira de Paula Cândido (cerca de cento e cinquenta quilômetros de Juiz de Fora), esta dissertação abordará, não só a memória e a construção da identidade dos congadeiros do grupo “Antônio Coelho”, numa das principais manifestações da religiosidade negra no Brasil, mas também a história e as influências por que passou essa manifestação, no decorrer de mais de dez décadas.

O periódico louvor a Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, mantido há mais de um século, constitui-se como um dos elementos para entender o Congado e a dialética entre a permanência da memória e a busca da identidade, nas mudanças do tempo presente. Trata-se de uma complexa linguagem mítica que tem, na dança e nos cantos, o símbolo do amor da santa pelos cativos, restituindo-os à condição humana que o cativo lhes havia negado.

A simbologia religiosa em que é tecida a construção da identidade negra será analisada através da Festa por meio do Reinado e do ritual do Congado, entendendo que o catolicismo teve influência na composição dessa festividade, de forma que os elementos da religiosidade cristã são assimilados pelos congadeiros. A partir dos elementos essenciais da Festa, Reinado e Congado, pretende-se, além de problematizar como foram gerados os contrastes com a articulação dessa herança negra e o Reinado branco, constatar o porquê da permanência do tradicionalismo exclusivo dos negros na Festa da comunidade rural de Chácara.

Apreendendo os significados da tradição da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido para aqueles que a praticam, percebe-se que não se trata de simples reminiscência do passado, de resíduos de um tempo remoto, mas de uma manifestação viva e constantemente recriada.

Para empreender a análise proposta, a pesquisa de campo consistiu na observação sistemática da Festa em dois anos seguidos (2011 e 2012), acompanhando todos os rituais, tanto do Reinado quanto do Congado, bem como no estudo de registros de suas imagens fotográficas e audiovisuais da Festa, em anos anteriores. As fontes orais foram construídas a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os Reis Festeiros, Reis de Promessa, Padre, Secretário da Cultura da cidade, participantes da Festa e integrantes do Congado. A dissertação foi estruturada em três capítulos. No capítulo 1, será abordada a perspectiva

histórica do Catolicismo e do Congado em Minas Gerais, através da qual serão levantadas questões que favoreceram o surgimento de um catolicismo específico que proporcionou condições para o surgimento do Congado (representação ritualística com seus bailados, ritmos dos tambores e cânticos próprios, culto coletivo de negros aos seus santos padroeiros – Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia), traço mais marcante e patrimônio da cultura afro-brasileira. Será abordada também como se dá a construção da memória e da identidade negra no Congado, demonstrando seus conceitos e sua aplicação. Num último momento, será apontada a Festa e o ritual como elementos ressemantizadores da identidade negra, a partir da qual as festividades religiosas organizam um momento da vida social que busca ligar o passado ao presente, demonstrando os vínculos particulares que a Festa mantém com o tempo, conferindo força simbólica para os que a promovem.

No capítulo 2, será desfiado o rosário da Festa de Paula Cândido, descrevendo, de forma pormenorizada, seus rituais. Ao descrevê-los, busca-se identificar a cultura e a tradição da comunidade e da banda congadeira. Em seguida serão apontadas as tensões e articulações presentes no campo religioso da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido, a partir do Reinado e do Congado; outro ponto abordado será o desdobramento dessa Festa em algumas comunidades rurais do município, dando ênfase à comunidade de Chácara por ter aspectos que a tornam tão peculiar em relação às outras, caracteriza-se por uma peculiaridade: o Reinado é sempre negro.

No capítulo 3, centra-se na banda de Congado “Antônio Coelho”, da cidade de Paula Cândido, fazendo-se um recuo histórico para a compreensão dessa tradição herdada dos negros que, vindos da África, tornaram-se cativos aqui na América. As características desse povo alegre e festivo serão descritas e apontadas como formas de condição na elaboração de pertencimento por parte dos integrantes do Congado de Paula Cândido; a partir daí, numa descrição dos rituais congadeiros, (danças, gestos e músicas), pretende-se demonstrar, por meio dos seus próprios sujeitos, a continuidade de sua tradição que se torna, a partir disso, sua razão de ser congadeiro.

## 1 CATOLICISMO E CONGADO EM MINAS GERAIS

A partir do contexto histórico, serão abordados no capítulo a seguir: tanto a importância do catolicismo e de suas manifestações na formação do campo religioso, quanto o conceito de Congado<sup>1</sup>, com ênfase na região mineira; a forma como se dá a construção da memória e da identidade negra no Congado; e, por último, como um processo de construção e de autoafirmação do indivíduo no grupo em que vive – resultado de uma complexa redefinição de espaço e de seu jeito de ser –, uma análise da Festa e do ritual como ressemantizadores da identidade negra congadeira.

A gênese histórica do catolicismo mineiro caracteriza-se pela devoção a santos, com novenas, procissões e festas de santos padroeiros ou de grandes devoções, como é o caso de Nossa Senhora do Rosário. Essa peculiaridade advém da não exigência da presença de um padre, sendo, denominado, portanto “Catolicismo popular”<sup>2</sup>. A devoção a essa Santa caracteriza o Congado que, a partir de seus rituais, louva-a todo ano por sua proteção.

A partir de uma memória que é reatualizada todos os anos pela Festa, constrói-se a identidade negra dos congadeiros, os quais se orgulham de participar de um grupo que tem em seus antepassados uma fonte de inspiração e modelo de vida. Ao ritualizarem sua devoção, além de reafirmarem sua fé em Nossa Senhora do Rosário, eles delimitam seu espaço social, cultural e religioso e tornam sua herança cultural uma referência que os transforma em importantes agentes de perpetuação da mesma.

Rica em cores, símbolos e gestuais, a Festa e seu ritual, cujos elementos proporcionam ao grupo redefinirem-se como agentes de cultura e religiosidade, remonta a um passado distante em que a fé e a devoção, fundamentais para caracterizar esse grupo, devem ser anualmente rememoradas.

---

<sup>1</sup>Todos os termos que nomeiam elementos simbólicos da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido e de Chácara serão tomados como substantivos próprios, desobrigando a autora desta pesquisa de justificar, a cada ocorrência, o emprego de maiúsculas para os seguintes termos: Congado, Reinado, Festa (Paula Cândido e Chácara), Reis (Festeiro, Compromisso, Promessa, Congo, Rei-do-Meio), Corta-Vento, Chefe e Santa.

<sup>2</sup>“Podemos definir o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial. Isso significa que o catolicismo popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas.” OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe*. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 135.

## 1.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO CATOLICISMO MINEIRO E DO CONGADO

Do descobrimento à Proclamação da República, o catolicismo foi a religião oficial do Brasil através do Padroado<sup>3</sup>, acordo firmado entre o Papa e a Coroa Portuguesa a partir do qual todas as terras conquistadas pelos portugueses deveriam ser catequisadas, desde que tanto a Igreja quanto os religiosos se submetessem à autoridade, à administração e à gerência financeira da Coroa Portuguesa. Dessa forma, o catolicismo no Brasil colonial foi inicialmente implantado pelos Jesuítas e, posteriormente, por outras Ordens Religiosas<sup>4</sup>, que também assumiram o serviço das paróquias, dioceses, institutos educacionais e hospitais.

Em se tratando da capitania<sup>5</sup> de Minas Gerais, a formação religiosa dos mineiros e de seus escravos aconteceu de forma peculiar: até que a Igreja se instalasse oficialmente, os aventureiros<sup>6</sup> já haviam ocupado o território à procura de ouro e pedras preciosas, de forma que a própria população encarregou-se de sua religiosidade. Com esse “catolicismo popular” e com um grande contingente de escravos, a população mineira produziu um novo modo de relacioná-los com o catolicismo, possibilitando a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito por parte dos negros e das Irmandades Leigas<sup>7</sup>, a partir do Congado<sup>8</sup>.

<sup>3</sup>Aliança entre Estado e Igreja criando um compromisso entre o Poder Temporal e o Espiritual, proporcionando aos monarcas tanto o controle da administração do dízimo arrecadado quanto amplos poderes sobre a Igreja Católica. COELHO, Tatiana Costa. *A reforma católica em Mariana e o discurso ultramontano de Dom Viçoso (1844-1875)*. Dissertação de Mestrado em História. UFJF, 2010, p.38. / “Foi assim que o padroado, de uma simples concessão da Santa Sé, se transformou em tutela permanente do direito majestático exercido pelos reis. E esse direito vinha sendo exercido desde 1455, quando Calixto III, pela bulla *Inter-coetera*, deu poderes aos soberanos portugueses para conferir, além da apresentação, a própria collação sem dependência dos diocesanos, assim como toda a jurisdição ordinária, domínio e poder *in spiritualibus*, com faculdade de conceder todos os benefícios, com cura e sem cura d’almas. E não é só. Julio III, em 1551, além de confirmar esses poderes, ainda os amplia, facultando collal-os por si ou por outrem, e provel-os *in temporalibus* como *in spiritualibus*...” In: DORNAS FILHO, João. *O Padroado e a Igreja Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. p. 17.

<sup>4</sup> Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Op. cit., p. 144.

<sup>5</sup>“Imensos lotes de terra que se estendiam, na direção dos paralelos, do litoral até o limite estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas. Esses lotes foram doados em caráter perpétuo e hereditário a elementos pertencentes à pequena nobreza lusitana.” FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 35.

<sup>6</sup>Paulistas, descobridores das minas; portugueses recém-chegados da metrópole; baianos (colonos do Nordeste), que afluíam continuamente à região, atraídos pelo ouro (FONSECA, Cláudia Damasceno. *Embates Mineiros: Criação de três municípios há 300 anos ajudou a curar feridas de guerra, mas deu início a novas rivalidades em Minas*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ed. 69, jun. 2011).

<sup>7</sup>“Associações de fiéis que tenham sido eretas para exercer alguma obra de piedade ou caridade, se denominam pias uniões, as quais estão constituídas em organismos, se chamam irmandades. E as irmandades que também tenham sido eretas para incremento do culto público recebem o nome particular de confrarias.” BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 14-15.

<sup>8</sup> Cultos realizados pelas diversas nações africanas aos seus ancestrais de antepassados comuns, através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias. Essas manifestações, antes venerativas somente ao Rei Congo,

Desde o descobrimento do Brasil, por meio de missionários de várias ordens religiosas, como Jesuítas, Franciscanos, entre outros, a cultura portuguesa, essencialmente católica, por um lado foi imposta ao cativo<sup>9</sup>, por outro, incorporada sincreticamente pelo mesmo. As atribuições que recaíam sobre a Igreja, em todo o período da história colonial brasileira, tornaram-se verdadeiros referenciais da vida da população: o nascimento, o batismo, o casamento, o óbito, além do comportamento moral e social, faziam da Igreja Católica a primeira autoridade presente onde fossem desbravados sertões e se erguessem vilas<sup>10</sup>.

Como esclarece Teixeira<sup>11</sup>, não é possível situar o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade, porque ele é complexo e tem na pluralidade e diversidade seu traço constitutivo, existindo muitos estilos culturais de “ser católico”. Além disso, segundo o mesmo autor, o catolicismo santorial<sup>12</sup>, com seu culto aos santos caracterizou-se, durante muito tempo, por “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”.

Outro aspecto a ser abordado refere-se à autonomia do catolicismo santorial, que consistia na liberdade das devoções populares, em relação ao catolicismo institucional. Embora não houvesse oposição aos padres, sua dinâmica de ampla liberdade religiosa “dispensava” a presença dos representantes oficiais da Igreja. Esse catolicismo do povo sofreu o violento impacto da chamada “romanização”<sup>13</sup>, que marcou, no Brasil, o processo de instauração de um “catolicismo universalista”, isto é, adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes centralizadoras de Roma, com maior controle sobre os leigos e suas associações<sup>14</sup>.

Apesar disso, há quem conceba a romanização como um conceito a ser revisto, por entender que se trata de uma busca de identidade própria ou autoconsciência dos católicos, não sendo a Igreja Católica apenas repressora. Nesse sentido, atingiu também as práticas

depois de cristianizadas amalgamaram-se com a fé popular brasileira. BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas em Minas Gerais*. Brasília: Fundação Palmares, 2001, p.13.

<sup>9</sup>“Quem perdeu sua liberdade; preso, encarcerado. Indivíduo que foi forçado à escravidão.” HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. “Dicionário Houaiss de língua portuguesa”. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa s/c Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 424.

<sup>10</sup>PEREIRA, Camila Mendonça. *Abolição e Catolicismo: a participação da Igreja Católica na extinção da escravidão no Brasil*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011, p. 25.

<sup>11</sup>TEIXEIRA, Faustino. As Faces do Catolicismo Contemporâneo. In: *Revista USP*, São Paulo, n.67. Setembro/novembro 2005, p. 16-7.

<sup>12</sup>Expressão de Cândido Procópio Camargo (1922-1987): lecionou Filosofia e Sociologia do conhecimento na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

<sup>13</sup>De acordo com Martha Abreu, a romanização seria um movimento reformador da prática católica no séc. XIX, que buscava retomar as determinações do Concílio de Trento, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados em Irmandades. Segundo a autora, ultramontanismo e romanização seriam sinônimos. ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pág. 312.

<sup>14</sup>TEIXEIRA, Faustino. Op. cit., p. 18.

religiosas populares herdadas da tradição lusitana, quando buscou integrá-las às diretrizes dos Concílios de Trento e Vaticano I. O conceito de romanização, simplista por supervalorizar um aspecto ao ponto de torná-lo o todo, também está demasiadamente dependente das posições políticas e sociais dos períodos históricos em que foi elaborado<sup>15</sup>.

Bastide<sup>16</sup> faz menção a dois catolicismos existentes no Brasil: o catolicismo branco e o negro ou do escravo. Este se colocava ao lado daquele, porém visto numa esfera mais baixa da hierarquia e julgado inferior. Embora de natureza similar, a estrutura da família patriarcal escravista inibia o igualitarismo cristão das duas partes: os negros não eram admitidos nas capelas, permanecendo do lado de fora, mas celebravam o fim da missa cantando um hino, às vezes em sua língua, de forma que seu catolicismo foi, como as religiões africanas, em certa medida, uma subcultura de classe. A partir disso, caracterizou-se uma construção de identidade<sup>17</sup> não só negra, mas também católica.

Levando-se em conta o contexto social que torna possível a aparição da religião popular, Oliveira<sup>18</sup> caracteriza “catolicismo popular” como o conjunto de representações e práticas religiosas, como o culto dos santos, autoproduzidas pelos católicos de classes subalternas, sem a intervenção da autoridade eclesiástica, mas incorporando elementos do oficial. O resultado é que o mesmo código religioso católico é diferentemente interpretado, de forma que tal maleabilidade real e prática do catolicismo lhe permite ser, ao mesmo tempo, a religião dos dominantes e dos dominados.

Dessa forma, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito aconteceu a partir das Irmandades existentes no período colonial. Para agregar o negro, considerado inferior, ao seu corpo de fiéis e neutralizar o impacto de seus rituais de adoração aos orixás sobre a tradição cristã, a Igreja procurou sobrepor sua cultura em relação à africana<sup>19</sup>.

<sup>15</sup>“Devemos rever os conceitos: ele apresenta um novo entendimento da *romanização*: seria o movimento de reforma da Igreja Católica, buscando uma identidade própria, ou uma autoconsciência, não podendo ser apresentado somente como “repressor”, como insinua o conceito *romanização*”. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. In: *Temporalidades*/Departamento de História-Programa de Pós-Graduação em História. V. 2, n. 2 (ago./dez. 2010). Belo Horizonte: Departamento de História. História, FAFICH/ UFMG. 2010, p. 32-33.

<sup>16</sup>BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Trad. Maria Eloisa Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1971, p. 157.

<sup>17</sup>“As preocupações dos autores que lidam com este fenômeno são muito variadas e é devido a isto que a problemática da identidade referir-se a processos de construção bastante diversificados, abrangendo realidades distintas, tais como: nacional, regional, de gênero, de grupos sociais ou minorias étnicas, entre outras modalidades. Porém, independentemente do recorte privilegiado os autores às voltas com esta questão são unânimes em reconhecer a amplitude deste conceito e a complexidade que envolve o fenômeno”. SILVA, Rubens Alves. *Negros católicos ou catolicismo negro?* Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 137-138.

<sup>18</sup>OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Op. cit., p. 135.

<sup>19</sup>TOMAZ, Laycer. *Da Senzala à Capela*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 23.

Aprofundando essa questão, Ferretti<sup>20</sup> analisa que, além dessa imposição da religião dos colonizadores, aconteceu o sincretismo (“elemento essencial de todas as formas de religião”), muito presente na religiosidade popular (procissões, comemorações dos santos, diversas formas de pagamento de promessas, festas populares em geral) e em diversos elementos da religião oficial, o Catolicismo. O sincretismo delineou-se não apenas como um fator de resistência à dominação cultural e religiosa, mas também como uma forma de fazer alianças, como o escravo aprendeu na senzala e nos quilombos.

Deve-se ressaltar que, há três considerações a respeito do conceito de sincretismo, segundo Sanchis<sup>21</sup>: a primeira consideração consiste numa mistura de culturas e não apenas de religiões, como considera, equivocadamente, o senso comum, ainda que a religião seja um elemento importante dentro da cultura; a segunda é a de que esse fenômeno não se dá de uma forma totalmente harmoniosa e livre de conflitos, já que culturas em contato sempre estarão em posições desiguais, principalmente se uma for ligada ao grupo dominante e a outra ao dominado; a terceira é a de que o sincretismo deve ser entendido como um processo histórico, ou seja, um fenômeno que está sempre se transformando de acordo com o momento e com o lugar.

Assim, segundo o mesmo autor<sup>22</sup>, vigora, no Brasil, historicamente, desde sua origem, um pluralismo peculiar que o caráter regulador do catolicismo não conseguiu disfarçar: primeiro, o catolicismo que aqui se impõe já carrega uma estrutura sincrética: o catolicismo português passou por uma sucessão topológica de religiões cristãs, romana, celta e pré-celta, cujo resultado foi a existência, “num mesmo momento e num mesmo lugar, de uma identidade religiosa (institucionalmente) unificada, na realidade feita da multiplicidade de camadas diacrônicas”<sup>23</sup>; segundo, o Brasil, nascendo com esse catolicismo, dá todas as condições para que o sincretismo se estabeleça, de forma sincrônica, a partir de um espaço aberto e sem fim em que se deu esse encontro, estruturalmente desigual, dos diferentes povos desenraizados, com suas identidades que nunca foram definitivamente unificadas.

De fato, os festejos religiosos, performados sob o estandarte de santos católicos da devoção negra, alastraram-se por todo território brasileiro, imprimidos de conotações que rompiam com a ordem escravocrata, em meados do século XIX. Mesmo abolida a estratégia

<sup>20</sup>FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e Religião na Festa do Divino. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18(2): 105-122 (2007), p. 112.

<sup>21</sup>SANCHIS, Pierre. “As tramas Sincréticas da História: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 28, São Paulo, 1995, p. 123-138.

<sup>22</sup>SANCHIS, Pierre. As Religiões dos Brasileiros. In: *Horizontes*, Belo Horizonte, vol.1, n.2, p. 28-43, 1997, p. 38.

<sup>23</sup>SANCHIS, Pierre. Op. cit., 1995, p. 123-138.

escravista de eleição do “Rei do Congo”<sup>24</sup>, as celebrações que a cercavam e que eram iniciativa dos próprios negros permaneceram, transformando-se em autos ou danças dramáticas<sup>25</sup>.

A mais antiga menção que temos sobre as Congadas data de 1700 e da cidade de Igarassu (PE), mas já existiam, pelo menos fragmentariamente, em pleno século XVII e tinham mesmo sua origem remota em Portugal. A dispersão do costume foi paulatinamente estendendo-se a todo Brasil<sup>26</sup>.

Os festejos<sup>27</sup> em torno da coroação de Reis do Congo<sup>28</sup>, que aconteciam no Brasil desde o século XVII, eram manifestações percebidas de formas diferenciadas, quer seja por aqueles que as realizavam, membros da comunidade negra, quer seja por aqueles identificados com a sociedade senhorial, de origem lusitana, os quais viam aquelas festas com atitudes ora condescendentes ora repressoras. Enquanto, para uns, as festas em torno de reis remetiam a chefias africanas, a ritos de entronização, a prestações de fidelidades, para, outros elas se associavam à noção de um império.

Em virtude de alguns fatores, como a construção de uma nova identidade (os negros ao serem arrancados de seus lugares de origem e escravizados, deixaram de pertencer a um grupo social no qual construíam suas antigas identidades) e novas alianças (os negros eram compelidos a se integrarem, de uma forma ou de outra, às terras às quais chegavam), a penetração dessa festa em muitas comunidades negras do Brasil, principalmente do final do século XVIII a meados do XIX, fez com que as comemorações em torno de um Rei Congo

---

<sup>24</sup>“E quando se quer falar em *rei negro*, nas manifestações bantas recriadas em terra brasileira, fala-se principalmente em *Rei do Congo* como projeção simbólica dos grandes *Muene Kongo*, os Manicongos com quem os portugueses trocaram credenciais diplomáticas e presentes, de igual para igual, em suas primeiras expedições à África Negra. Assim é que um sem-número de manifestações da arte afro-brasileira conserva a lembrança das grandezas passadas no Antigo Congo e de seus reis”. LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 174-175.

<sup>25</sup>MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 37-38.

<sup>26</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 173.

<sup>27</sup>SOUZA, Marina de Mello. A construção transatlântica das noções de ‘raça’, cultura negra, negritude e antirracismo: rumo a um novo diálogo entre pesquisadores na África, América Latina e Caribe. In: *Afro-Ásia*, 28. 2002, p. 127.

<sup>28</sup>“Por volta de 1750, prolongando-se até meados do século XI, a bacia do Congo e de seus afluentes tornou-se então o principal provedor de escravos para as Américas, uma rede de rotas de caravanas particularmente densa ligava-a a uma multidão de portos situados de uma parte e de outra da foz do rio, fosse Loango, Cabinda, Boma, Ambrizette, Ambriz e Luanda”. História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 636.

“O Reino Congo tem seu apogeu no fim do século XV, compreendendo territórios vassallos e tributários, como os reinos de Ndongo, Matamba, Luango, Ngoio e Cacongo, sua extensão era de cerca de 480 Km de norte a sul e outro tanto de leste a oeste. Ia da parte inferior do rio Congo, ao norte, até o rio Cuanza ao sul; e do rio Cuanza, a leste, até o Oceano Atlântico, subdividindo-se em seis principais províncias: Mbamba, Mbata, Mpangu, Nsundi e Sonio. Cada província tinha seu governador, o qual de três em três anos era obrigado a comparecer em presença do manicongo para renovar seus votos de lealdade. A monarquia era eletiva e a organização social e política se baseava nos clãs, cujos chefes é que escolhiam o Manicongo”. LOPES, Nei. Op. cit., p. 117.

tivessem significados importantes tanto para a comunidade negra como para o grupo senhorial, que detinha o poder de permitir ou reprimir as manifestações dos negros: “Novas alianças eram feitas, novas identificações eram percebidas, novas identidades eram construídas sobre bases diversas: de aproximação étnica, religiosa, da esfera do trabalho, da moradia<sup>29</sup>”.

Particularmente em Minas Gerais, segundo Boschi<sup>30</sup>, na virada do século XVII para o XVIII, com o descobrimento das minas de ouro e pedras preciosas, o desordenado afluxo de aventureiros à região que, posteriormente, tornou-se a Capitania das Minas Gerais, trouxe incontáveis religiosos desvinculados das ordens.

Nos primeiros idos da história mineira, até que a Igreja se instalasse oficialmente na nova capitania, como instrumento do Estado, formou-se um catolicismo pela ação dos colonos, chamado de popular, pela sua acessibilidade a todos os fiéis, sem mediação de especialistas eclesiásticos. Surgiu uma nova maneira de relacionar os escravos com o catolicismo, através do uso de significantes católicos reproduzindo suas crenças e seus rituais<sup>31</sup>.

Formado por movimentos leigos e não clericais, em virtude da política que o Estado português impôs nas áreas de mineração no Brasil, o “ciclo missionário mineiro”<sup>32</sup> é diferente dos demais: igrejas sem conventos, como as clássicas igrejas de São Francisco, do Carmo, da Conceição, das Mercês; igrejas de ordens terceiras<sup>33</sup> dos pretos, como a do Rosário dos Pretos, de Santa Ifigênia ou São Benedito. Como os Jesuítas não formavam Ordens Terceiras, sua influência nas regiões mineiras foi mínima. Além de tudo isso, o que diferencia esse ciclo missionário dos demais, segundo Oliveira<sup>34</sup>, é o fato de ser conduzido por leigos.

Passados os primeiros anos do século XVIII, a Metrópole fez valer sua autoridade, estabelecendo sua administração e justiça. A Coroa portuguesa, considerando que as missões não impediriam o contrabando das riquezas, por terem como preocupação a evangelização em detrimento do controle político e fiscal da capitania, proibiu a entrada das ordens religiosas na região. O Estado português temia uma relativa independência dessas ordens, e sua proibição

<sup>29</sup>SOUZA, Marina de Mello. Op. cit., p. 128.

<sup>30</sup>BOSCHI, Caio César. Op. cit., p. 79.

<sup>31</sup>OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Op. cit., p. 112-115-140.

<sup>32</sup>Expressão cunhada por Hoornaert (1982, p. 60).

<sup>33</sup>“Expressões leigas calcadas sobre o modelo clerical”. HOORNAERT, Eduardo. A igreja no Brasil-Colônia (1500-1800). São Paulo. Brasiliense, 1982, p. 61.

<sup>34</sup>OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Op. cit., p. 38.

se deu pela necessidade da centralização do escoamento de ouro e diamantes, e de uma luta constante para deter o contrabando<sup>35</sup>.

A partir de 1709, porém, com a nomeação de Antônio de Albuquerque para o governo de São Paulo e de todo o distrito das minas de ouro, alterou-se completamente a política com relação ao novo território: proibiu-se na região o livre acesso e trânsito, antes permitidos; além disso, a Coroa determinou “despejar a todos os religiosos e clérigos que se acharem nas Minas sem emprego necessário, que seja alheio a seu Estado”<sup>36</sup>.

A ideia da Coroa Portuguesa não era dispensar os serviços clericais, mas de restringir a fixação e permanência somente àqueles que demonstrassem estar exclusivamente vinculados ao seu ministério sacerdotal. O importante para a Metrópole era impedir que o clero se tornasse um elemento de desarticulação do sistema. A partir de então, quando se estabeleceu a administração régia que só se fixou a partir da Guerra dos Emboabas<sup>37</sup>, com a elevação das primeiras vilas, em 1711<sup>38</sup>, a presença da Igreja na região se deu por meio de dois processos básicos: o Padroado e a tributação eclesiástica<sup>39</sup>. Dessa forma, submissos ao Estado, bispos e padres acabaram cuidando exclusivamente de seus próprios interesses e/ou da Coroa, não evangelizando, nem sendo suporte e agentes da religião católica.

A instalação do bispado na capitania de Minas encontrava-se nos planos de controle da monarquia portuguesa. O povo (escravos, livres e libertos) passa a integrar efetivamente uma relação de obediência ao império português. Atendendo a um pedido de D. João V, o Papa Bento XIV criou o primeiro bispado da então capitania das Minas Gerais, com sede em Mariana, em 06 de dezembro de 1745<sup>40</sup>.

Vale ressaltar que o Brasil, na época, dispunha de cinco bispados: Bahia, criado em 1555; Rio de Janeiro, em 1676; Maranhão, em 1677, e Pará, em 1719. O primeiro bispo escolhido para administrar a nova diocese foi D. Frei Manuel da Cruz, até então bispo do Maranhão. Após seu falecimento, em 1764, o bispado foi presidido por procuradores, durante

<sup>35</sup>HOORNAERT, Eduardo. Op. cit., p. 60.

<sup>36</sup>BOSCHI, Caio César. Op. cit., p. 79.

<sup>37</sup>“Do contato entre os forasteiros (pessoas que vieram de Portugal e de vários pontos da colônia) que atingiram a zona mineira e os paulistas descobridores das jazidas, resultaram sérios atritos, entre eles a chamada Guerra dos Emboabas (1708-1709)”. Os paulistas se referiam aos recém-chegados de Portugal como Emboabas – palavra indígena que significava, segundo alguns autores, “aves de pés recobertos de penas”. Porque os portugueses usavam botas ou rolos de pano para proteger os pés, enquanto os paulistas andavam descalços. FERREIRA, Olavo Leonel. Op. cit., p. 91-105.

<sup>38</sup>KANTOR, Íris. Ritualidade pública no processo de implantação do Bispado de Mariana. (Minas Gerais 1745-1748). In: *Projeto História*, São Paulo, n.28, jun.2004, p. 229-242.

<sup>39</sup>“O clero pagava tributo referente aos seus bens fundiários, aos escravos e ao gado por eles possuído”. BOSCHI, Caio. "Como os filhos de Israel no deserto"? (ou: a expulsão de eclesiásticos em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII) In: *Revista do Centro de Ciências Humanas da PUC-MG*, n. 3, 1984, p.126.

<sup>40</sup>TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para sua história*. 2. Edição. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953, p. 56-63.

o período de dezesseis anos, estagnando a vida religiosa da diocese, no século XVIII. Em fevereiro de 1780, D. Frei da Encarnação Pontevel assume a diocese marianense<sup>41</sup>.

Precedendo ao Estado e à própria Igreja, as Irmandades Leigas proliferaram em Minas. Segundo Boschi<sup>42</sup>, sem tempo e sem condições de se impor, a Igreja tentou combatê-las, sem sucesso, não restando alternativa senão absorvê-las, menos para uma política evangelizadora do que para a prática de seus ofícios.

Boschi<sup>43</sup> demonstra que, embora fossem criadas, sustentadas e lideradas pela população local, essas Irmandades acabaram contribuindo para a Coroa Portuguesa ao desenvolverem mecanismos de amortecimento das manifestações sociais que lhe eram hostis. Pode-se afirmar, portanto, que a religião nas Minas coloniais, encarnada nas Irmandades, não foi fator de contestação do Antigo Regime, ao contrário, o que se verifica é que, por intermédio delas, a religião em Minas Gerais permaneceu como um dos sustentáculos do Estado Absolutista.

De fato, nas cidades mineiras, com o respaldo da Coroa Portuguesa, as Irmandades tiveram um papel fundamental na adequação dos ex-escravos a uma nova realidade após a abolição da escravidão. Com finalidades aparentemente assistencialistas, os negros seriam inseridos na sociedade, em sua nova condição de libertos. Mais que apenas força produtiva, eles e seus descendentes participavam da sociedade, da vida religiosa e das festas e trabalhavam nos ofícios de arte.

Nesse sentido, permitindo a manutenção das Irmandades de Negros com suas festas e cultos aos santos de sua escolha, a ação da Igreja em Minas não foi um ato de bondade, pelo contrário, era um meio de dirigir e determinar as formas que norteariam os contatos religiosos dos negros com a cultura, “através da incorporação da liturgia romana ao seu correspondente conjunto doutrinário de uma paraliturgia de origem africana”<sup>44</sup>.

Em virtude do grande contingente de negros trazidos como escravos, percebe-se, em Minas Gerais, um rico patrimônio da cultura afro-brasileira cujo traço mais marcante é o Congado. Ao exercer o papel de disciplinadora e de intermediadora da comunidade negra com a sociedade, a Igreja, tem, hoje, uma influência muito maior do catolicismo no Congado, em algumas cidades, principalmente nas regiões mineradoras, caracterizando-o não como uma

---

<sup>41</sup>Ibid., p. 56-63.

<sup>42</sup>BOSCHI, Caio César. Op. cit., 1986, p. 23.

<sup>43</sup>Ibid., p. 105.

<sup>44</sup>Ibid., p. 155.

simples assimilação da cultura do outro, imposta como forma de domínio, mas como uma nova composição de símbolos e representações, que configuram uma “nova identidade”<sup>45</sup>.

Para Brasileiro<sup>46</sup>, o Congado é uma representação dos cultos realizados pelas diversas nações africanas aos seus ancestrais comuns, através de danças, percussões africanizadas e cantorias. Essas manifestações, antes venerativas somente ao Rei Congo, depois de cristianizadas, amalgamaram-se com a fé popular brasileira.

Segundo Silva<sup>47</sup>, para entender o que é Congado, é necessário compreendê-lo como ritual, interpretando rigorosamente, além dos seus elementos simbólicos (cânticos, danças, gestos, imagens, entre outros), a interpretação dada pelos próprios sujeitos do Congado ao ritual. Por isso, o Congado é a definição mais simples para designar a “reunião de todos os Ternos”<sup>48</sup>, através dos quais seus bailados, ritmos dos tambores e cânticos próprios, representam essa manifestação ritualística. Mesmo nos lugares aonde não se fundaram tais Irmandades<sup>49</sup>, embora vinculado de alguma maneira aos festejos da Igreja Católica local, o Congado surgiu autônomo.

Já para Brandão<sup>50</sup>, cortejos, autos e danças classificadas como Congados podem ser tratados como uma forma, ainda hoje, complexa de modalidades de culto coletivo de negros aos seus santos padroeiros, derivando formas-rituais concretas.

Considerando que “a Congada nunca existiu na África”, Câmara Cascudo<sup>51</sup> classifica-a como um fenômeno genuinamente brasileiro. Com efeito, segundo Brandão:

O fato de serem as congadas um ritual e uma memória africana não é contraditório com a possibilidade de terem elas sido produzidas já aqui no Brasil, por obra e graça dos primeiros escravos trazidos para as grandes produções agrícolas do litoral ou para as minas do interior do País<sup>52</sup>.

---

<sup>45</sup>TOMAZ, Laycer. Op. cit., p. 22.

<sup>46</sup>BRASILEIRO, Jeremias. Op. cit., p. 13.

<sup>47</sup>SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 19.

<sup>48</sup>“De acordo com uma definição bem simples, a menor unidade do Congado corresponde à noção de *Terno*, sendo também empregados os termos *Guarda* ou *Corte*. Essas categorias nativas servem para classificar, de modo genérico, grupos rituais distintos: Moçambiques, Congos, Catopês, Caboclinhos e Marujos, para citar os mais tradicionais” (SILVA, 2010, p. 16-17).

<sup>49</sup>Um desses lugares é a cidade de Paula Cândido – MG, abordada nesse estudo.

<sup>50</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone, 1987, p. 203.

<sup>51</sup>CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000, p. 50.

<sup>52</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit., 1987, p. 193.

Documentados nos fins do século XVII, os registros de coroação de Reis Congos no Brasil vinculam esses eventos à devoção de santos católicos, venerados por Irmandades ou Confrarias<sup>53</sup>:

Em sua coreografia ritual, na cosmovisão que traduzem e em toda sua tessitura simbólica, os festejos e cerimônias dos congos, em sua variedade e diversidade, são microssistemas que vazam, fissuram, reorganizam, africana e agrafamente, o tecido cultural e simbólico brasileiro<sup>54</sup>.

Segundo Martins<sup>55</sup>, incorporada pelo sistema escravocrata como modo de controle dos africanos e de seus descendentes, a coroação de reis negros é tomada pelo próprio negro como reterritorialização<sup>56</sup> das formas ancestrais de organização social e ritual, reinterpretando os ícones religiosos cristãos, investidos de novas conotações semânticas.

É importante ressaltar que, embora os termos Reinado e Congado sejam elementos que sejam componentes da Festa, sendo, por isso, tomados um pelo outro, há diferenças entre ambos: o Reinado é definido por uma estrutura simbólica complexa e por ritos com a presença de uma corte (reis, rainhas, príncipes, princesas etc.), que incluem variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais; já o Congado (grupo que canta e dança) faz reverência ao Reinado, expressando a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, o divino e o humano<sup>57</sup>.

Em Minas Gerais, nos festejos de representação do Reinado e no enredo dos mitos que organizam o Congado (a Santa do Rosário como mãe negra e a retirada da Santa do local de seu aparecimento)<sup>58</sup>, subsiste a representação de um gesto sagrado que funda a própria existência social e simbólica da comunidade, constituindo uma das mais ricas e dinâmicas matrizes da memória: recriando-se, no movimento, a ligação entre o presente e o passado, o descendente e seus antepassados.

---

<sup>53</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 32.

<sup>54</sup>Ibid., p. 35.

<sup>55</sup>Ibid., p. 38.

<sup>56</sup>“Os grupos humanos têm uma necessidade de criar raízes em lugares específicos. A memória coletiva é sem dúvida uma das maneiras mais importantes pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico. Cada povo deslocado procura sua realocação no espaço, o processo de criar um espaço novo torna-se, assim, primordial, e se dá, em parte, pela manipulação múltipla e complexa da memória coletiva no processo de ajustamento ao novo local. Os povos negros da América, que foram deslocados à força da África em consequência do comércio de escravos, oscilam entre o desejo de voltar à sua pátria de origem, concebida em termos gloriosos, e a necessidade de construir novas identidades afro-americanas enraizadas no Novo Mundo”. LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. In: *Textos de História*, n. 4. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1994, p. 6-11-12.

<sup>57</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 37.

<sup>58</sup>Ibid., p. 41.

Estes são os elementos que compõem as celebrações dramatizadas nas festas de Nossa Senhora do Rosário<sup>59</sup>, e também encontradas na Festa de Paula Cândido: levantamento de mastros (Nossa Senhora da Rosário, São Benedito e Santa Efigênia) dá início às festividades; cortejos solenes, coroação de reis e rainhas, cumprimento de promessas e banquetes coletivos são elementos do Reinado; enquanto os folguedos, os cantos e as danças, são componentes do Congado.

A partir dessa leitura, a devoção aos santos reveste-se de instigantes significados, a forma de interpretar o mundo a partir de semelhanças e diferenças tornou o negro um participante da comunidade dos homens. As divindades cristãs tornam-se transmissoras da religiosidade africana, que foi barrada pelo sistema escravocrata: sua “herança mítica se imbricou na teia católica modificando-a e modificando-se simultaneamente”<sup>60</sup>.

A estrutura básica é centrada na devoção a Nossa Senhora do Rosário, que constitui o ícone místico da libertação dos escravos, sobretudo em Minas Gerais, além da devoção a São Benedito e Santa Efigênia. Há vários grupos ou ternos devocionais de Congados (Moçambiqueiros, Catopês, Marinheiro, Candombe, entre outros)<sup>61</sup>, mas apenas um Reinado: o de Nossa Senhora do Rosário, como se constata no mito fundacional do Reinado:

Pela fundamentação mítica, as guardas se formaram ainda em África, quando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. O grupo do Congo se dirigiu para a areia e, tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem se movesse uma vez: num movimento rápido, Nossa Senhora se encaminhou para frente e parou. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores, cantando para a Santa e pedindo-lhe que viesse para protegê-los. A imagem veio se encaminhando, no movimento de vaivém das ondas, lentamente, até chegar à praia<sup>62</sup>.

Baseando-se na fundamentação mítica, o sentido da devoção à Senhora do Rosário é de proteção e amparo diante da vida. Ou seja, trata-se de uma dupla proteção: ao mesmo tempo em que a Santa é protegida, sendo retirada, ela protege as guardas do Congo<sup>63</sup> e os moçambiqueiros. Enquanto os congadeiros dançam em louvor a Nossa Senhora, os

<sup>59</sup>Ibid., p. 44.

<sup>60</sup>Ibid., p. 40.

<sup>61</sup>BRASILEIRO, Jeremias. Op. cit., p. 39-40.

<sup>62</sup>GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000, p. 240.

<sup>63</sup>Na guarda de Congado “Antônio Coelho”, analisada para esta dissertação, os congos não se denominam moçambiqueiros, porém ficam no centro do grupo cantando, duelando com espadas e ritualizando a proteção a Nossa Senhora do Rosário – o que seria a função dos moçambiqueiros – eles se denominam Reis-do-Meio, Corta-Ventos além do Rei ou Chefe do Congado. São acompanhados por duas filas de congadeiros que dançam o tempo todo protegendo os componentes que estão no meio.

moçambiqueiros conduzem-na em todos os momentos da Festa. Assim, enquanto para a classe dominante dos senhores de escravos, a coroação dos reis negros representa uma forma de estabelecer o controle e a vigilância sobre os feitos de seus cativos, para o negro, a coroação é vista como um caminho simbólico possível de libertação, integração, solidariedade e afirmação no contexto social brasileiro<sup>64</sup>.

Nesse sentido, a história do Congado em Minas Gerais é marcada por uma complexa relação de interesses, disputas e tensões, bem como uma tendência, por parte da sociedade na qual está inserido, de diminuir o sentido religioso dessa prática ritual<sup>65</sup>. Nos circuitos de linguagem do Congado, em que a palavra dos antepassados, guardada e transmitida, é sopro, acontecimento e sabedoria, ela adquire uma ressonância única, investindo de poder o sujeito que a manifesta ou a quem se dirige. Enfim, a palavra proferida é investida de um poder de realização<sup>66</sup>.

Por fim, num estado tão grande como Minas Gerais, não há como se pensar em “Congado”, mas sim em “Congados” e suas diversas representações. Embora existam pontos em comum, também existem diferenças: os diversos períodos de colonização, somando-se às diferentes nacionalidades da mão-de-obra escrava bem como à maior ou menor influência do poder da Igreja. Dessa forma, suas guardas não conservam, necessariamente, as mesmas características quanto aos traços nem tampouco quanto à realização das comemorações<sup>67</sup>.

Com isso, ao se expressarem, os membros do Congado dominam de modo prático os esquemas de pensamento e ação referentes ao sagrado, numa ordenação lógica do seu mundo natural e social, integrando-se num cosmos em que se percebem como tal. Assim, fornecendo subsídios para que a identidade se construa e se fortaleça, a memória torna-se essencial para uma cultura que deseja preservar suas características, já que, ao construir a tradição, a memória é criação coletiva. Reunindo pessoas que compartilham suas experiências cotidianas, ela é para os membros de cada grupo humano um universo que lhes parece natural.

De fato, desde o tempo da escravidão colonial, através de suas memórias e graças à devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos padroeiros, os negros do Rosário, ao realizarem a festa em que a fé e as histórias fazem parte do Congado, ressignificam os valores do passado e partilham as experiências comuns e a sua devoção.

---

<sup>64</sup>SANTOS, Carlos Roberto Moreira dos. *Congado e Reinado: história religiosa da irmandade negra em Jequitibá-MG*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2001, p. 26.

<sup>65</sup>SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 176.

<sup>66</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 146.

<sup>67</sup>TOMAZ, Laycer. Op. cit., p. 22-23.

## 1.2 CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NEGRA NO CONGADO

Embora a memória pareça ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, ela deve ser entendida como fenômeno coletivo e social, construído e submetido a constantes mudanças e transformações<sup>68</sup>.

A noção de memória, segundo Halbwachs<sup>69</sup>, mesmo que aparentemente particular, remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”.

Enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, a memória individual não deixa de existir, e isso permite que haja uma transposição de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que só será possível ao indivíduo recordar lembranças de um grupo com o qual suas próprias lembranças se identificam<sup>70</sup>.

Mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado. Isso significa que, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual”<sup>71</sup>, permitindo sua reconstituição de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um.:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes<sup>72</sup>.

Assim, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória

---

<sup>68</sup>POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>69</sup>HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 30.

<sup>70</sup>Ibid., p. 39.

<sup>71</sup>Ibid., p. 42.

<sup>72</sup>Ibid., p. 69.

individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente”<sup>73</sup>.

Na recorrência a essa memória, muitas vezes, é necessário retornar ao momento do fato ocorrido e, nesse retorno, identificar, além das pessoas envolvidas, o momento em que os fatos ocorreram, para atualizá-los. O tempo é visto, segundo Halbwachs<sup>74</sup>, não como recuperação exata do dia, mas como uma recordação de um período, o que faz com que, paulatinamente, reviva-se a lembrança. A identificação de um contexto temporal que particulariza um acontecimento diante de muitos outros pode possibilitar que ele seja lembrado por meio de vestígios que se destacam quando pensamos no momento em que ele ocorreu.

Com efeito, essencial para uma cultura que deseja preservar suas características, a memória fornece subsídios para que a identidade se construa e se fortaleça, e nesse processo de construção e fortalecimento da identidade, fundamenta-se a cultura, que é tradição e criação coletiva. Essa cultura é analisada por Sanchis sob a perspectiva antropológica: algo de que todos os grupos de homens e mulheres têm, porque é exatamente isso que faz com que eles sejam “gente”: ser gente é ser homem, mas homem de “certa maneira”, e “é essa maneira particular de encarar a humanidade que constitui para cada grupo humano sua cultura”<sup>75</sup>.

Partindo desse viés, os grupos humanos não chegam às mesmas conclusões, já que cada grupo, com sua peculiar sensibilidade, lógica racional, emotividade, vontade e sonhos, tende a resolver seus problemas do seu jeito: “por isso, as coisas têm determinada forma e cor de acordo com suas lentes”<sup>76</sup>.

Já para Geertz<sup>77</sup>, segundo o qual o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, o conceito de cultura é essencialmente semiótico, já que a cultura seriam essas teias e a sua análise. Não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados, a cultura não é um poder, ela é um contexto, algo dentro do qual os significados podem ser descritos de forma inteligível – descritos com densidade<sup>78</sup>.

Nesse arcabouço histórico, a memória é elemento fundamental para a identidade, já que, com sua marca ou sinal de uma cultura, é fator de identificação humana, distinguindo ou

---

<sup>73</sup>Ibid., p. 72.

<sup>74</sup>Ibid., p. 125.

<sup>75</sup>SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... In: *CADERNOS CERU*, série 2. v. 19, n. 2, São Paulo, USP, dezembro de 2008, p. 72.

<sup>76</sup>Ibid., p. 72.

<sup>77</sup>GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 4.

<sup>78</sup>Ibid., p.10.

aproximando os sujeitos. Por isso, pode-se dizer que há uma ligação muito estreita entre a memória herdada e o sentimento de identidade, sendo a memória um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é importante para a continuidade e para a coerência de um grupo ou de uma pessoa no processo de autorreconstrução: “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade que se faz no contato com o outro”<sup>79</sup>.

Segundo Silva<sup>80</sup>, a identidade abrange as dimensões individual e coletiva: a individual surge com a tomada de autoconsciência do sujeito como pessoa e é um processo de construção que pode ser redefinido pelo mesmo, ao longo da vida, por meio das experiências, relações e interações sociais; já a coletiva ocorre quando um grupo, por meio de ritos, crenças e tradições, construídos periodicamente através de suas memórias, percebe-se parte integrante de uma sociedade:

Se a identidade consiste na autoafirmação do indivíduo, de um reencontro dele, por assim dizer, consigo próprio, ela não deixa de ser também o resultado experimental do que foi estabelecido a-priori pela cultura do grupo, cujo indivíduo é membro, bem como pelo que é imposto pela sociedade<sup>81</sup>.

Partindo dessa reflexão, a memória da escravidão é central na Festa de Congado: não apenas a memória como etapa de pensamento, mas para além da recordação, da percepção e do reconhecimento<sup>82</sup>. Com efeito, as músicas (leituras de um passado comum: escravidão, libertação do cativo e devoção aos santos e à Senhora do Rosário) bem como o ritual narram sua história na tradição do Congado, de forma que suas identidades são construídas através das memórias transmitidas pelos ancestrais, num passado compartilhado entre os mesmos, dando o diferencial de cada grupo.

Enquanto a cultura carrega de sentidos elementos como sons, gestos e cores, a religião fornece uma visão de mundo também produzindo sentido<sup>83</sup>. A partir de sua memória e de sua cultura, além de respostas a questões existenciais, os componentes do Congado sentem a necessidade desse consenso quanto ao sentido, para que sua tradição religiosa não se perca no tempo.

<sup>79</sup>POLLAK, Michael. Op. cit., p. 205.

<sup>80</sup>SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 138.

<sup>81</sup>Ibid., p. 143.

<sup>82</sup>CEZAR, Lilian Sagio. *O velado e o revelado: imagens da Festa da Congada*. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade de São Paulo. 2010, p. 150.

<sup>83</sup>SANCHIS, Pierre. Op. cit., p. 73.

O periódico louvor a Nossa Senhora do Rosário sobrevive secularmente através de uma dança que passou a simbolizar o amor da santa pelos cativos, restituindo-os simbolicamente à condição humana que o cativo lhes havia negado. Ela se torna, desse modo, símbolo da identidade englobante do escravizado, de sua diversidade étnica e de suas privações ligadas à condição social<sup>84</sup>.

Segundo Barros<sup>85</sup>, a percepção da diferença, enfaticamente calcada na cor, é uma questão cultural que, através de manifestações como o Congado, fortalece o simbolismo da diferença negra perfeitamente assimilada ao cristianismo e à ordem colonial:

A construção social da cor deu-se e dá-se de modo tão particularmente intenso no mundo moderno que todos (...) aprendem de um modo ou de outro a enxergar o mundo a partir desta e de outras diferenciações, as quais acabam se tornando por isto mesmo socialmente significativa em detrimento de diferenças que só aparecem como relevantes no âmbito individual: cor dos olhos, altura etc.<sup>86</sup>.

Partindo da concepção de que a identidade étnica é uma modalidade de afirmação do “nós” em oposição aos “outros”, Silva<sup>87</sup> afirma que essa identidade precisa do outro e é construída em situações específicas e de confronto interétnico entre grupos minoritários e dominantes:

Etnicidade é o termo que damos a aspectos de cultura – linguagem, religião, costumes, tradições, sentimentos por ‘lugares’- compartilhados por uma população. É tentador, portanto usar a etnicidade em sua forma ‘fundante’. Mas esta crença revela-se, no mundo moderno, um mito. A Europa Ocidental não possui nações que sejam compostas de um único povo, uma única cultura ou etnicidade. As nações modernas são todas, híbridos culturais<sup>88</sup>.

Menos por lazer e mais por religiosidade, como afirma Silva<sup>89</sup>, no Congado, a identidade negra surge como um processo complexo de redefinição de espaço e simbolismo articulado. Ele é apontado como o traço mais marcante da cultura afro-brasileira

<sup>84</sup>COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário*. 2006. 120f. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 24.

<sup>85</sup>BARROS, José D’Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade da formação da sociedade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 51.

<sup>86</sup>Ibid., p. 51.

<sup>87</sup>SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 144-145.

<sup>88</sup>HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.62. apud SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 147.

<sup>89</sup>Ibid., p. 148-149.

predominante em Minas Gerais, e seus participantes definem esse evento como “uma Festa de muita religiosidade”.

Para Rubião<sup>90</sup>, as diferenças e semelhanças na construção de uma identidade negra nas expressões culturais, por parte dos integrantes do Congado, podem ser percebidas através de memórias e histórias similares. Por isso é importante pensar as similaridades e diferenças entre as culturas negras, tendo seu caráter plural como perspectiva.

Segundo Gilroy<sup>91</sup>, para quem as semelhanças nas culturas negras foram facilitadas pela experiência urbana, segregação racial, memória da escravidão e experiências religiosas, a cultura e a identidade negra elaborada na diáspora africana são indissociáveis da memória e da escravidão, e é a partir do horror do cativo e da experiência do racismo que se constrói a identidade negra no Ocidente.

De fato, embora manifestações culturais como o Congado tenham características comuns quanto à leitura de um passado comum, estabelecem-se também diferenças, tais como a execução de rituais, a organização dos reinados e o número de guardas, entre outras. Graças à devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos padroeiros, os negros realizam a festa em meio às dificuldades, de forma que a fé e as histórias são por eles partilhadas através de experiências comuns e de sua devoção, desde o tempo do cativo. Enfim, por meio da memória coletiva, os valores do passado são ressignificados e responsáveis pelo autorreconhecimento dos negros, permitindo-lhes encarar a humanidade que constitui sua cultura.

O Congado, por meio de seus relatos que valorizam o negro e sua forma particular de devoção, é apropriado pelos diversos atores que o compõem como uma festa ou dança fundada por grupos de escravos que conquistaram a santa, através da dança e da música. Com isso, foi definida uma religiosidade particular para a festa, ou seja, a devoção negra à santa, desvinculada da Igreja e da própria Irmandade.

Essa desvinculação religiosa levou o negro à consciência de sua raça e à procura de protetores específicos, como São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Assim, reunindo-se em torno de santos de cor, a dedicação dos fiéis era mais que uma ligação mística, era o sentimento de afinidade étnica<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup>RUBIÃO, Fernanda Pires. *Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira* (1950-2009). Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal Fluminense. 2010, p. 134.

<sup>91</sup>GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed.34, 2001, p. 175.

<sup>92</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 166.

Com efeito, para Bastide<sup>93</sup>, o que caracteriza as festas de Congados, não é a familiaridade com os santos, mas a luta entre os negros pelo cuidado com a coroa da rainha Perpétua por eles protegida, na procissão. A partir daí, a cerimônia alcança seu significado, que é a sobrevivência das lutas étnicas e dos reinados africanos conservados na terra do cativo.

Embora elementos da cultura branca (missas, procissão, liturgia romana, novenas, banquetes) misturem-se aos traços da cultura africana, o Congado formou uma realidade autônoma: se, por um lado, associou-se aos ritos religiosos, por outro, também manteve sua independência, desenvolvendo atividades fora da cerimônia de coroação e procissão de Nossa Senhora do Rosário.

Assim, durante o período colonial, segundo Bastide, mesmo que o catolicismo tenha se manifestado de forma dominante em relação à religião africana, não a substituiu: “À sombra da cruz da capela e da igreja, o culto ancestral continuou”<sup>94</sup>. Ou seja, além de levar os escravos a não se esquecerem de onde vieram, alimentava-os de lembranças de sua civilização nativa, de forma que sua identidade era mantida através de seus cultos:

Esse culto estava, entretanto, tão enraizado nos costumes e na civilização de todas as etnias da África negra que deixou, no mínimo, um certo número de atitudes mentais, de formas de comportamento e de tendências sentimentais entre os escravos, como entre os negros crioulos, educados por esses escravos<sup>95</sup>.

Diferentemente dos brancos que viam a Virgem e os santos como concessores de graças celestiais, o negro das Irmandades, membro das diversas “nações africanas”<sup>96</sup>, dançador de batuques e sofrendo as agruras da escravidão, cultuavam os santos e a Virgem da mesma forma como cultuavam seus deuses ou seus ancestrais, tendo-os como protetores de sua vida terrestre<sup>97</sup>.

No Congado, ao contrário do que experimenta na sociedade, o negro sente-se como “um igual”, reconhecido e reconhecendo-se como pessoa de valor. Enfim, além de torná-lo parte da sociedade, reforça a importância da tradição como cultura de referência no processo de construção da identidade negra.

---

<sup>93</sup>Ibid., p. 172.

<sup>94</sup>Ibid., p. 181.

<sup>95</sup>Ibid., p. 185.

<sup>96</sup>Angola, Congo, Sudanês e Banto (hoje é apenas uma designação linguística, constituindo muito mais do que uma etnia ou grupo étnico). LOPES, Nei. Op. cit., p. 95-96-97.

<sup>97</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 201.

### 1.3 A FESTA E O RITUAL COMO RESSEMANTIZADORES DA IDENTIDADE NEGRA NO CONGADO

A Festa e o ritual analisados nesta dissertação perpassam pela cor e pela religiosidade, configurando uma simbologia religiosa cuja identidade negra é tecida no Congado. Ressignificando os valores do passado através de suas memórias, os congadeiros expressam a fé e as histórias, partilhando experiências comuns e sua devoção, desde o tempo do cativo.

Apesar de os Congados apresentarem claras semelhanças culturais, não se eximem de diferenças, uma vez que estão sujeitos às peculiaridades locais. Ou seja, a vivência e a experiência de cada sociedade determinam essas peculiaridades visíveis nos rituais:

Mitos, símbolos, rituais (...) proporcionam ao homem um conjunto de padrões ou de modelos que constituem, em determinado nível, reclassificações periódicas da realidade e do relacionamento do homem com a sociedade, com a natureza e com a cultura<sup>98</sup>.

A festa e a religiosidade guardam continuidades importantes para a compreensão da formação da sociedade: a influência da religião vai além da constituição de ideias, normas, ritos e símbolos religiosos: ela se estende à sedimentação de formas de comportamento e de estar junto na sociedade. Apesar de as manifestações religiosas ganharem traços cada vez mais individuais, a religiosidade e as festas permanecem atuando na reativação da memória coletiva, e o exercício coletivo dessa memória necessita da continuidade de práticas que sirvam de suporte para a manutenção das mesmas, num processo recíproco<sup>99</sup>.

A festa é o momento em que um grupo ou uma coletividade projeta simbolicamente a representação de si no mundo. Essa perspectiva pode ser verificada na medida em que o grupo que festeja apresenta diversificados aspectos de um universo cultural por meio de suas práticas, de seus símbolos e também de seus ritos<sup>100</sup>.

Segundo a mesma autora<sup>101</sup>, a festa pode ser identificada como um lugar privilegiado de distintos significados que dela se desprendem, possibilitando permanências e mudanças, recriando-se e reapropriando-se, na medida em que, na festa, coexistem paixões, conflitos,

<sup>98</sup>TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 156.

<sup>99</sup>LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. In: *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v.11, n.15, 2º sem. 2010, p. 41.

<sup>100</sup>PETRUSKI, Maura Regina. *JULHO CHEGOU... E A FESTA TEMBÉM: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)*. Tese Doutorado História. Universidade Federal do Paraná. 2008, p. 51.

<sup>101</sup>Ibid., p. 57.

crenças e esperanças: através da festa, pode-se conhecer melhor a coletividade e a época em que ela acontece.

Organizando um momento da vida social e invocando um tempo remoto que liga o presente ao passado, as festividades religiosas consistem numa volta às origens, o que confere força simbólica às comunidades que as celebram. Assim, não se podem negar os vínculos particulares que a festa mantém ritualisticamente com o tempo, que é cíclico, reversível e recuperável, sendo a chance de recomeçar e de trazer a pureza<sup>102</sup>.

A festa em si, segundo Duvignaud<sup>103</sup>, não implica qualquer outra finalidade senão ela mesma. Nessa ocasião, ela sai do domínio da percepção para penetrar a esfera do imaginário, apodera-se de qualquer espaço onde possa instalar-se: rua, pátios, praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham no cotidiano em uma coletividade organizada. Segundo as aparências, ela atinge aquilo que constitui a finalidade última das comunidades: um mundo reconciliado, uma entidade fraternal.

Com efeito, o Congado, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Paula Cândido, por meio de seus códigos e ritos, exercita as relações humanas, constituindo suportes de uma experiência que acentua as emoções, multiplica as comunicações e efetua uma abertura recíproca entre as consciências.

Historicamente, a celebração dos ritos promove a repetição e a renovação do tempo dos acontecimentos míticos, já que é na repetição que se fundamenta a esperança, a imortalidade e a indestrutibilidade: “A festa não é a comemoração de um acontecimento mítico, mas sim sua reatualização”<sup>104</sup>:

A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de sua gesta, que são justamente reatualizadas pela festa<sup>105</sup>.

O Tempo que originou a realidade tem um valor e uma função exemplares: por essa razão, o homem se esforça por reatualizá-lo periodicamente mediante rituais apropriados. Essa reatualização periódica dos atos criadores constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa com seu ritual desenrolam-se sempre a partir do tempo original, e é

---

<sup>102</sup>Ibid., p. 65.

<sup>103</sup>DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983, p. 66-68-69.

<sup>104</sup>ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1992, p. 38.

<sup>105</sup>Ibid., p. 38.

justamente a reintegração desse tempo original e sagrado que se estabelece a diferença do comportamento humano antes, durante e depois da festa<sup>106</sup>.

Segundo Souza<sup>107</sup>, entre os vários elementos que caracterizam a festa, destacam-se três como mais significativos: seu caráter celebrativo, seu aspecto subversivo e sua função ritualística. Como celebração, a festa é a exaltação coletiva dos sentimentos de liberdade das amarras da vida cotidiana. Como subversão, ela é a manifestação do desregramento, da oposição à lógica que preside o mundo do trabalho. Como ritual, ela é a consagração do princípio religioso da religião, do revigoramento, da reciprocidade, da reafirmação dos elos do grupo social.

Esses três elementos (caráter celebrativo, aspecto subversivo e função ritualística) estão presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário, cujos componentes são o Reinado e o Congado: ambos exaltam os sentimentos de liberdade frente ao cotidiano; desregam a lógica do mundo do trabalho (pessoas comuns, no momento da Festa, são reis e rainhas, e os congadeiros, igualmente comuns, tornam-se detentores de uma herança cultural); ritualisticamente, consagram o princípio religioso de religamento, do revigoramento, reafirmando os elos do grupo social.

Exatamente por esses caracteres, a festa é, sobretudo, paradoxal: se, por um lado, é efervescência, exaltação dos sentidos, compartilhamento de sentimentos e emoções, por outro lado, pela intensidade vivida nesse período, ela carrega em si a efemeridade: não se pode esperar que ela seja uma constante do cotidiano. Se assim o for, a sociedade corre o risco de esvair-se na exaltação e esgotar-se pelo esbanjamento de sua capacidade criativa e regenerativa<sup>108</sup>.

Para Brandão<sup>109</sup>, os homens de todas as culturas não se entregam à festa apenas porque são naturalmente lúdicos, mas por razões simbólicas da vida social que os levaram a aprender a celebrar. Indo muito além do cotidiano e da experiência da vida social, a festa não é só contraponto da rotina laboriosa que mantém a sociedade viva e ordenada, é também uma manifestação da memória que faz parte de uma tradição, e não há cultura que possa dispensá-la, porque tanto quanto lúdicos, somos também festivos:

---

<sup>106</sup>Ibid., p. 44.

<sup>107</sup>SOUZA, João Valdir Alves de. A Festa e o Calendário Religioso na demarcação dos tempos da vida social. In: *Revista Desenvolvimento*, n.4. Montes Claros. Dezembro de 2009, p. 100.

<sup>108</sup>Ibid., p. 100.

<sup>109</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Festas populares brasileiras*. Organização de Cláudia Márcia Ferreira. Ed. Pioneira, 1987, p. 1. (Este texto é parte da introdução do livro).

A festa se obriga também a simbolicamente traduzir a evidência da diferença e da desigualdade, enuncia a diversidade das identidades sociais, propõe hierarquias, sacraliza o poder e, na maioria dos casos, convoca homens e mulheres a se unirem no desejo de manter como está o mundo em que vivem e festejam<sup>110</sup>.

Partindo do que acontece com a pessoa, quando ela se festeja ou é festejada, fica evidente a ideia tão antiga e tão atual de que a festa é uma fala, uma memória, uma mensagem, e que cerimonialmente se separa aquilo que deve ser esquecido daquilo que deve ser preservado e festejado<sup>111</sup>:

Excesso, contraste, memória, ruptura, reiteração simbólica, sucessão de opostos e justaposição, eis a matéria-prima da festa. Mas a própria lógica com que tudo isso se combina para ser na vida da pessoa e da sociedade um momento de diferença (...) precisa ser compreendida com cuidado (...) tudo o que ela tem para celebrar é a experiência da própria vida cotidiana<sup>112</sup>.

Agrupando os indivíduos em formas específicas de ser com e para com o outro, a festa, segundo Perez<sup>113</sup>, é considerada vínculo social gerado na celebração e na estetização da vida. Sua singularidade como fenômeno social estaria na sua condição de ato coletivo: a lógica da utilidade é substituída pela do excesso, do lúdico e da exaltação dos sentidos. Exatamente por isso, é importante distingui-la como ritual e como mera diversão: apesar do caráter comum de ritual e divertimento, sua essência está na função expressiva e estética de representação e de dimensões mais elementares da vida em sociedade<sup>114</sup>.

Durante o mês de outubro, a comunidade de Paula Cândido mobiliza-se para a Festa: enquanto, no Reinado, os Reis Festeiros cuidam de sua organização<sup>115</sup>, no Congado, os congadeiros preparam-se física e psicologicamente para mais um ano de total entrega a Nossa Senhora do Rosário. Daí a Festa ser uma constante presença na vida individual e coletiva da cidade, regulando-a no ritmo de sua incessante sucessão no calendário. “Festas marcam os

---

<sup>110</sup>Ibid., p. 1.

<sup>111</sup>Ibid., p. 1.

<sup>112</sup>Ibid., p. 2.

<sup>113</sup>PEREZ, Lea Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. (org.) Petrópolis: Vozes, 2002, p. 18.

<sup>114</sup>Ibid., p. 22.

<sup>115</sup>Reis Festeiros ou também Reis de Compromisso, é o casal que promove a Festa, com seu Reinado, ficando em sua responsabilidade: divulgação, lanches, almoços e doces, figurino, decoração, despesas com a igreja (luz e limpeza), banda de música entre outras. Carregam a coroa e tem seu mandato por um ano. Os Reis são coroados em outubro, data a partir da qual se inicia a vigência do seu Reinado, até o mesmo mês do ano seguinte. No ato da coroação, pronuncia-se: “Serão coroados agora os reis de compromisso para o ano...”.

tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida individual e coletiva e a periodicidade das passagens”<sup>116</sup>.

Nesse sentido, a festa é campo fecundo para se pensar a sociedade com suas transições marcadas por rupturas e continuidades. Para Leonel<sup>117</sup>, a análise do fenômeno social festivo permite o trânsito por territórios da vida coletiva, nas suas estruturas de formação e de vínculos sociais, por isso a festa é carregada de paroxismo: num processo dialético de caos e ordem, ela rompe com a rotina e produz, no cotidiano, algo inédito.

Vivida como “acontecimento total”, a festa religiosa, segundo Souza<sup>118</sup>, é sempre fonte de tensão entre os representantes populares e o clero. Como mediadores institucionais, os sacerdotes reivindicam a demarcação dos espaços bem como a administração e o controle do que se faz em cada um deles. Como sua realização é repetitiva, num espaço de troca e permitindo reverenciar a memória, a festa é ritual:

Aí se canta aí se dança aí se toca música; aí se come aí se fazem trocas e comércio; aí se luta; aí se processam encontros (...) é lugar de uma socialização intensa, mas fugaz, dominada pela liberdade relativamente às regras, à ausência de trabalho (...). É a comunidade reencontrada (...). Aí se reúnem todas as atividades humanas...<sup>119</sup>.

O ritual tem como traço distintivo a dramatização, como ocorre, em Paula Cândido, no rito congadeiro de reverência a Nossa Senhora do Rosário e de proteção ao Reinado, durante os cortejos. Destacando-se nas procissões, nos embates e duelos de espadas, nas músicas e nas danças coreografadas, o rito não se define somente pela repetição, e pela rigidez, nem tampouco é marcado por algo especial que o individualize e reifique; ao contrário, tudo pode ser ritualizado porque tudo que faz parte do mundo pode ser personificado e reificado<sup>120</sup>. Dessa forma, o Congado

Constitui um domínio privilegiado para manifestar aquilo que se deseja perene ou mesmo eterno numa sociedade; é um dos processos mais importantes não só para transmitir e reproduzir valores, mas como instrumento de parto e acabamento desses valores<sup>121</sup>.

<sup>116</sup>PEREZ, Léa Freitas. Festa para além da Festa. In: PEREZ, Léa. AMARAL, Leila. MESQUITA, Wania (orgs.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 22.

<sup>117</sup>LEONEL, Guilherme Guimarães. *Entre a Cruz e os Tambores: conflitos e tensões nas festas do Reinado – (Divinópolis-MG)*. Dissertação Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica – Minas. Belo Horizonte, 2009, p. 29.

<sup>118</sup>SOUZA, João Valdir Alves de. Op. cit., p. 101.

<sup>119</sup>Ibid., 101.

<sup>120</sup>DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 30-31.

<sup>121</sup>Ibid., p. 37-38

Para Rodolpho<sup>122</sup>, quando se pensa em ritual, evidenciam-se duas ideias: a primeira é de que ele é formal, arcaico, quase desprovido de conteúdo, com mero objetivo de celebração especial; a segunda é de que está restrito à esfera religiosa, a um culto ou a uma missa. No entanto nenhuma definição deve ser dada a priori, de forma rígida, já que os rituais podem ser “religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados”. O importante não é só o “conteúdo explícito”, mas suas características de forma, convenção e repetição. Sua análise não pode estar embasada unicamente nos valores subjetivos de racionalidade ou pelos critérios de uma sociedade, já que esses valores e critérios não são necessariamente válidos para outros grupos<sup>123</sup>.

Apesar de os rituais emprestarem formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social, suas formas estabelecidas têm uma marca em comum: são executados repetidamente, são conhecidos ou identificáveis pelas pessoas. A partir de suas sequências, partilham-se os sentimentos e a sensação de coesão social<sup>124</sup>.

Segundo Peirano<sup>125</sup>, os rituais e as representações, determinantes da vida em sociedade e presentes em grandes festividades, embora formem um par indissociável, necessitam, para sua sobrevivência, de um grupo de pessoas, bem como de uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados valores. Para a mesma autora<sup>126</sup>, o ritual esclarece mecanismos fundamentais do repertório social. Em outras palavras, falas e ritos são fenômenos que podem ser recortados na sequência dos atos sociais, sendo imprescindíveis tanto para revelar mecanismos do dia-a-dia quanto para se examinarem, detectarem e confrontarem as estruturas elementares da vida social:

A essência do rito seria, assim, compreendida como possuindo um caráter continuísta e obsessivo, enquanto o pensamento mítico agiria no sentido contrário, ou seja, como operador das discontinuidades pela ação das combinações binárias...<sup>127</sup>.

Para Turner<sup>128</sup>, na liminariedade dos ritos, existe um valor simbólico muito complexo que corresponde a uma mudança radical da existência: como que num mecanismo de

<sup>122</sup>RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. In: *Estudos Teológicos*, v.44, n.2, 2004, p. 139.

<sup>123</sup>Ibid., p. 140.

<sup>124</sup>Ibid., p. 139.

<sup>125</sup>PEIRANO, Marisa. *Rituais ontem e hoje*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 19.

<sup>126</sup>PEIRANO, Marisa. A análise antropológica de Rituais. In: *Série Antropologia*, n.270. Brasília. 2000, p. 14.

<sup>127</sup>Ibid., p. 144-145.

<sup>128</sup>TURNER, Victor. Op. cit., p. 116.

reparação da tensão social e da permanente fonte de inovação, além de o sistema cultural expressar fortemente seus valores, ele ocorre sempre que uma sociedade se recolhe no evento ritual. Na Festa de Paula Cândido, essa liminarietà aparece nos momentos em que o Congado não adentra ao templo, aguardando os rituais católicos serem finalizados, ou quando dançam do lado de fora da igreja, por não participarem dos eventos cristãos no seu interior. Nessa perspectiva, a tradição religiosa permite enfrentar o risco da mudança num quadro de estabilidade social e psicológica, de ajustamentos e adaptações ao ambiente externo, em que sua veiculação é condicionada pela flexibilidade criativa do símbolo.

Com efeito, as festas em torno dos Reis Congos mostram-se, desde o início, duplamente fecundas: para os brancos, patrocinar a festa negra significava, além de um meio de dissipar disposições revoltosas dos escravos, a oportunidade de ostentar publicamente seus negros cristianizados e bem vestidos, reforçando assim seu status perante a sociedade local; para os negros, as Irmandades constituíam sua única via de inserção na sociedade colonial, e as festas públicas eram a oportunidade de ganharem visibilidade social e gozarem de momentos fugazes de brilho e glória. Através dessa brecha, podiam expressar reverência à sua nobreza ancestral perdida no outro lado do oceano, recompondo simbolicamente em terras da diáspora os elos de linhagem rompidos com o cativoiro<sup>129</sup>.

Dois tipos principais de liminarietà foram distinguidos por Turner<sup>130</sup>: a que caracteriza os ritos de elevação de "status": o sujeito do ritual é conduzido irreversivelmente de posição mais baixa para outra mais alta, em um sistema institucionalizado de tais posições; e a encontrada no ritual cíclico, ligado ao calendário, em geral coletivo, com pontos culturalmente definidos: os grupos são positivamente obrigados a exercer uma autoridade ritual sobre seus superiores, devendo estes, por sua vez, aceitar o rebaixamento ritual. Esses ritos podem ser denominados de inversão de "status"<sup>131</sup>, que não só reafirmam a ordem da estrutura, mas também restauram as relações entre os indivíduos históricos reais que ocupam posições em tal estrutura:

Pensando como os seres humanos são produzidos no cotidiano e, a partir disso, como o mundo objetivo é constituído, as relações dos sujeitos na prática e em comunidades tornam-se uma das possibilidades para compreender, empiricamente, que mundos são estes em que tais sujeitos se engajam. Assim, a partir da descrição e análise das relações entre os agentes de

---

<sup>129</sup>DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, org. de Iris Kantor e István Jancsó FFLCH/USP. São Paulo, Hucitec/Edusp, 2001, p. 6-7.

<sup>130</sup>TURNER, Victor. Op. cit., p. 116.

<sup>131</sup>“Um conceito mais amplo, do que "status" ou função refere-se a qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida”. (TURNER, 1974, p. 116).

uma comunidade e da prática de alguma atividade de lazer, é possível compreender nuances de outra realidade possível, caracterizada pela experiência concreta dessas pessoas em relação ao mundo em que habitam<sup>132</sup>.

Iguais ou diferentes, irmanados ou em conflito, na festa e no folguedo, em nome de deuses, de antepassados e heróis, os homens devem aprender a trocar com excessos seus bens, serviços e significados. Séria e necessária, brincando com os sentidos e com o sentimento, a festa quer lembrar, quer ser a memória daquilo que os homens teimam em esquecer<sup>133</sup>.

Na Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, ocorrem, com muita movimentação e agitação, danças, cantos, músicas, procissões, almoços, cafés, levantamentos de mastros, translados de coroas e festeiros. Nos inúmeros percursos da Guarda, ela promove uma verdadeira celebração da cidade como espaço sagrado de convivência. Religião, magia e mística misturam-se na religiosidade cotidiana, humanizadora do sagrado e geradora de uma rememoração identitária, muitas vezes, transformadora dos percursos e trajetos de vida<sup>134</sup>.

O Terno ou Guarda do Congado representa no ritual os grupos escravos que conquistaram a santa. Por isso, o negro é simbolicamente o principal agente, sendo responsável não só pela abertura do festejo, por meio de grande desfile, mas também pela realização da maior parte das ações ritualísticas, atraindo a atenção do público que assiste aos rituais na porta da Igreja do Rosário.

Ao executarem essas ações, professam um modo de louvor próprio, marcado não só pelas danças ou pelos instrumentos de percussão, mas também por uma religiosidade popular. Há um reconhecimento de que neles ocorre uma “mistura de cultos”. Essa é a construção de suas identidades presentes em cada rito existente na Festa:

Aqui, como em quase todos os países da América Latina, tudo se festeja. Esta é uma primeira notável diferença entre a herança de nossas festas populares e a das culturas americanas de origem não ibérica (...). Mas entre nós, brasileiros, somos cultura de povo que inventaria, *na* religião e *como* religião, todas as mil faces da vida<sup>135</sup>.

Através de seu mito de origem, os participantes da banda de Congado exprimem as relações raciais existentes no espaço em que vivem. A mensagem transmitida através desse

---

<sup>132</sup>Ibid., p. 119.

<sup>133</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit., 1987, p. 5.

<sup>134</sup>LEONEL, Guilherme Guimarães. Op. cit., 2009, p. 34.

<sup>135</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit., 1987, p. 3.

mito de origem e da prática do Congado ocorre por meio do jogo de representações dos papéis simbólicos dominantes nesse contexto ritual:

Os santos de devoção: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, representam símbolos dominantes e emblemáticos da diversidade do processo de construção da identidade negra no Congado (...) Invocar o nome, prestar reverência e homenagear Nossa Senhora do Rosário, é mais do que uma simples expressão da crença e devoção religiosa<sup>136</sup>.

Por outro lado, prestar reverência a São Benedito e Santa Efigênia:

Não deixa de ser uma maneira singular de eles relembra-rem a si mesmos, as suas origens étnicas e dizer sem medo à sociedade envolvente, que eles congadeiros, reconhecem a sua diferença e aceitam-na com orgulho – ou seja, que eles assumem a sua identidade negra<sup>137</sup>.

As razões para o êxito do ritual congadeiro, estariam relacionadas ora à preferência da santa pelos rituais com dança e tambores instituídos pelos negros, ora à preferência por uma postura mais humilde, ora por ritmos e danças particulares, verificados no mito de origem. Além desses aspectos, agrupando indivíduos de uma comunidade unida em torno dos mesmos valores, a Festa é um ato coletivo, um vínculo social, uma celebração.

Essas particularidades apontam duas questões relevantes para o entendimento da Festa em Paula Cândido: em primeiro lugar, boa parte dos rituais está estruturada e justificada pelas narrativas dos congadeiros; em segundo lugar, como se fossem escravos, esses congadeiros representam, o ritual que conquistou a santa. Essa devoção negra à santa está desvinculada da Igreja e da própria Irmandade. As relações dos sujeitos congadeiros na prática entre si e em comunidade tornam-se possibilidades para compreender, empiricamente, em que mundo estão engajados.

Por meio de símbolos, como “coroas” (figurando o Reinado) e o par “mastro/bandeira” (demarcando o espaço sagrado da Festa) e das promessas feitas aos santos da devoção, processa-se e articula-se toda a trama social e simbólica que singulariza o ritual do Congado<sup>138</sup>.

Dessa forma, a identidade negra é construída a partir desses ritos e afirmada pela experiência concreta da socialização e da convivência no meio religioso, social e cultural. Essa construção não se dá através da oposição ou da negação do “outro”, mas a partir das

<sup>136</sup>SILVA, Rubens Alves. Op. cit., p. 180.

<sup>137</sup>Ibid., p. 181.

<sup>138</sup>Ibid., p. 29.

diferenças e das diversidades culturais e étnicas que são representadas periodicamente na Festa de Nossa Senhora do Rosário:

Com estas variadas formas de expressão é que eles reivindicam a identidade católica devocional do Congado e justificam a importância das danças, cânticos e toques de tambores nesta forma de expressão ritual e culto devotado a Nossa Senhora do Rosário e as “santos pretos”, ícones da tradição – São Benedito e Santa Efigênia<sup>139</sup>.

Assim, durante a Festa, o grupo de Congado e a comunidade de Paula Cândido, como serão analisados no próximo capítulo, projetam simbolicamente sua representação no mundo por meio de seus variados significados. A memória coletiva é reativada a partir das práticas religiosas e dos rituais congadeiros que ocorrem durante a Festa, que será pormenorizadamente descrita, de forma que, com a construção e vivência da identidade negra no Congado, constrói-se também a identidade cultural e religiosa de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais: “A festa de Nossa Senhora do Rosário é o que somos”<sup>140</sup>.

---

<sup>139</sup>Ibid., p. 149.

<sup>140</sup>Frase dita por uma senhora devota de Nossa Senhora do Rosário, durante uma conversa informal dentro da igreja, enquanto se aguardava a vinda do Reinado, do Congado e das pessoas que acompanhavam a procissão, para a coroação do rei e da rainha. (04/11/2012. Diário de campo).

## 2 DESFIANDO O ROSÁRIO

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Paula Cândido (MG), objeto de estudo desta dissertação, antes de ser uma festa cultural, é também um exercício social de reconhecimento, já que, no momento do seu ritual, os participantes tornam-se iguais e as diferenças de posição social são ressemantizadas. Os congadeiros participam efetivamente, em todos os momentos da Festa, podendo-se afirmar que eles seriam a ligação das estruturas sociais, quer seja participando ativamente da sociedade quer seja construindo periodicamente sua identidade.

Neste capítulo, para o entendimento da Festa, serão abordados os seguintes aspectos: descrição pormenorizada, desde o levantamento do mastro à distribuição de doces; análise das tensões e articulações no Reinado e no Congado, elementos essenciais da Festa; num último momento, como desdobramento da Festa, enfoque na comunidade da Chácara, onde os participantes, tanto no Reinado quanto no Congado, são exclusivamente negros, sentindo-se, portanto, mais à vontade para receber a coroa.

A Festa de Paula Cândido já se diferencia na sua preparação, durante o mês que a antecede, e se estende até os rituais do Congado. Os espectadores que a veem pela primeira vez não percebem os detalhes de sua simbologia, os quais são identificados apenas por seus participantes, por seus constantes admiradores ou por pesquisadores. Precedendo a Festa, a religiosidade já se manifesta, quer seja no terço diariamente rezado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, quer seja no ruflar do tambor ao longo do mês de outubro, quer seja nos fogos de artifício, no decorrer do mês.

As funções rituais do Congado estão relacionadas às narrativas dos congadeiros sobre a origem da Festa e sobre o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário. Tanto na evolução, em que alguns “pulam” duelando com suas espadas, quanto no cortejo, em que a área da dança é delimitada pelos demais componentes, o Congado “Antônio Coelho”, de Paula Cândido, imprime um significado específico em toda a sua coreografia. Entre eles há uma hierarquia respeitada: são comandados pelo Chefe, que traz consigo a tradição do grupo herdada de seu avô. Em todos os seus momentos, a Festa consiste num sistemático retorno às origens, de forma que os espectadores convivem com a força da tradição.

## 2.1 DO LEVANTAMENTO DO MASTRO À DISTRIBUIÇÃO DE DOCES: TRADIÇÃO EM MOVIMENTO NA FESTA DE PAULA CÂNDIDO

Situada na Zona da Mata mineira, a 24 km de Viçosa (MG) e a 150 km de Juiz de Fora (MG), Paula Cândido é uma cidade com 10 mil habitantes e tem sua atividade econômica na agropecuária. Em 1772, originou-se o povoado que recebeu o nome de São José do Barroso: São José, patrono da primeira capela construída no local; Barroso em homenagem ao doador das terras, João Gomes Barroso. Em 1953, com sua emancipação política, muda-se também o nome, vindo a chamar Paula Cândido, em homenagem ao médico, político e conselheiro do Império, Dr. Francisco de Paula Cândido, nascido na Fazenda do Macuco, que pertencia ao distrito de São José do Barroso<sup>141</sup>.



Fig. 1: município de Paula Cândido – 2010.  
Fonte: <http://www.ibge.gov.br>

Tradição em todo o município e reforçando a religiosidade de seus habitantes, a Festa de Nossa Senhora do Rosário reúne a comunidade, nesse período, para organizar os rituais. Atualmente, durante o mês de outubro, a cada fim de semana, acontece a Festa em uma comunidade rural do município<sup>142</sup>, e, no último final de semana, acontece na cidade.

<sup>141</sup>POMPEU, Aristides. *A verdadeira história de Paula Cândido*. Impressão: Conselho Nacional do Brasil da SSPV, 2003, p. 39- 40. Natural de Paula Cândido e militar reformado, Aristides Pompeu é apaixonado pela história do município e, embora residente hoje em Teresópolis (RJ), está sempre na cidade. Considerando equivocadas as duas obras anteriores sobre a cidade (*A primeira história de Paula Cândido* e *A segunda história de Paula Cândido* – ambas escritas por Geraldo Lisboa), ele escreveu esta obra por conceber a necessidade de uma maior pesquisa para que a história tivesse maior credibilidade, já que as anteriores, segundo ele, continham equívocos quanto aos dados historiográficos, como datas, nomes e parentesco.

<sup>142</sup>O município de Paula Cândido é extenso, com muitas comunidades rurais, entre as quais três realizam a Festa de Nossa Senhora do Rosário a cada domingo do mês de outubro (Comunidade de Airões, Comunidade dos Barros e Comunidade da Chácara), no último final de semana, ela acontece na cidade.



Fig. 2: Igreja de Nossa Senhora do Rosário- 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Até então, como consta num livro de atas que se encontra na Casa da Cultura, da cidade, a data oficial da Festa de Nossa Senhora do Rosário é de 1862 (quando a capela já estava pronta). No entanto, um documento recentemente encontrado e datado de 1853 marca esse ano como o início das festividades para a construção da capela, como se confirma pelo Secretário de Cultura do município (ANEXO 1):

Em 1853, é o relato da primeira Festa. Então fala da reunião dos mesários, com a finalidade de construir a igreja (sic.)<sup>143</sup>. A gente chega à conclusão que a igreja foi levantada rapidamente para ter a Festa, através dos fazendeiros, que fizeram essa comissão, e, já no ano de 1853, iniciou, mesmo que numa capela precária, a Festa. Essa festa tinha a finalidade de arrecadar fundos pra continuar levando a obra. Então a Festa do Rosário foi criada inicialmente pra arrecadar fundos pra a construção da Igreja. E foi usado principalmente o Congado, que era uma atração pra a Festa [E. L, 40, branco, secretário da cultura e festeiro do ano de 2009, 2012]<sup>144</sup>.

<sup>143</sup> Esclarecemos que as entrevistas serão transcritas de modo fiel ao registro de linguagem do entrevistado (adequado ao seu padrão de informalidade), desincumbindo-nos, portanto, de acrescentar a expressão “sic” em todas as transcrições. Além disso, todas as pessoas da comunidade entrevistadas serão identificadas por uma inicial maiúscula, cuja descrição detalhada constará apenas na primeira citação.

<sup>144</sup>Entrevista concedida pelo Secretário de Cultura de Paula Cândido (Emerson Lisboa) e Rei Festeiro de 2009, em 24/01/2012. Como houve apenas uma entrevista com o Secretário da Cultura, gravado nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

Segundo o Secretário de Cultura, a ideia de se fazer uma Festa religiosa concretizaria o anseio de transformar o povoado de São José do Barroso em paróquia, já que, na época, era subordinada à paróquia de Rio Pomba:

O que a gente sabe é que quando iniciou a construção da igreja, foi pensado que aqui fosse elevado à categoria de paróquia. A nossa paróquia foi criada em 1870, mas a primeira tentativa, oficial, foi nesse ano de 1853... Tem um documento na arquidiocese, um abaixo-assinado, falando que a igreja estava sendo construída, uma igreja boa e que já poderia ser uma matriz. E que a população gostaria que aqui fosse elevado à categoria de paróquia. Na época foi negado e demorou mais quase 20 anos pra que conseguisse, em 1870 [Secretário da Cultura, 2012].

Os fazendeiros viram na devoção a Nossa Senhora do Rosário, por parte de seus escravos, um bom motivo para erguer uma capela e, dessa forma, pleitear a paróquia. Com efeito, para Bastide<sup>145</sup> “o branco não se interessava pela religião de seu escravo a não ser na medida em que esta podia ter alguma influência para ele”. Na dinâmica da Festa de Paula Cândido, os Juízes<sup>146</sup> eram os negros responsáveis pela arrecadação do dinheiro para a Mesa<sup>147</sup>:

No Congado, os escravos, cada um deles, ou os familiares, levam o nome de Juízes, eram responsáveis por sair, de casa em casa, ou em cada fazenda – também na zona rural – pedindo donativos para a construção da igreja. Cada escravo entregava ao seu dono, que era um mesário, o que conseguiu. Tinha nesse caso uns seis ou oito mesários que representavam todos os fazendeiros da região que recebiam aquele donativo. A Mesa do Rosário antigamente tinha essa atribuição de fiscalizar, né, os escravos durante, aparentemente, um mês... O mês de outubro, da Festa do Rosário [Secretário da Cultura, 2012].

Na primeira ata de reunião em 1853, há uma referência à Irmandade que, nas atas seguintes, é substituída por Reunião da Mesa. Atualmente a Reunião da Mesa tem como

<sup>145</sup>BASTIDE, Roger. Op. Cit., p. 184.

<sup>146</sup>Nos primeiros anos da Festa, eram os negros que arrecadavam dinheiro em todo o povoado, em nome de seus senhores, e levavam as doações até à reunião da Mesa. Depois das mudanças em torno do Reinado, os Juízes são escolhidos pelos Reis para doarem espórtulas para ajudar na execução da Festa.

<sup>147</sup>“A Mesa” é a designação da comissão de fazendeiros que criou essa festividade com o intuito de arrecadar dinheiro para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ela é composta de brancos, desde seu início até hoje. Responsável pelo dinheiro é ela que repassa uma parte aos Reis Festeiros e a outra para a paróquia, além de organizar a lista e a escolha dos Reis Festeiros a serem coroados. Uma mesa é montada perto do altar da igreja, num ritual que acontece na parte da tarde, nos dois dias da Festa, e recebe o nome de “Chamada” porque os Juízes e os Reis de Promessa são chamados pelos integrantes da Mesa para doarem sua espórtula, outras pessoas também podem doar à vontade, recebem pela doação uma lembrança dos Reis: tercinhos com orações de Nossa Senhora do Rosário, ou imãs de geladeira com a imagem da santa.

integrantes os descendentes dos fazendeiros que iniciaram a Festa. Os juízes, cujos nomes constam no livro de registro da Festa e são os doadores de dinheiro, são escolhidos pelos festeiros e pelos integrantes da Mesa:

De começo, logo na primeira ata, consta como Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Depois passou a ser chamado realmente de Reunião da Mesa e espórtulas. A Mesa, ela é composta pelo presidente, pelo secretário, pelo tesoureiro e dois a três mesários. Cada um com seu papel. Esse pessoal que faz parte hoje são os descendentes dos primeiros fazendeiros que criaram a Festa. Eles são convidados, no caso do falecimento do pai ou do avô, a preencher o local. Então a gente pegou no livro de registros da Festa do Rosário, a gente comprova que quem tá hoje nessa função é o tataraneto desse pessoal [Secretário da Cultura, 2012].

Os que descendem dos precursores da Festa não ocultam sua satisfação em participar dos preparativos e da execução da mesma, já que o fator principal é a memória:

Então é uma coisa simples, mas é um ritual que está se mantendo há 150 anos, e todo mundo que faz parte da Mesa, apesar do trabalho ser um trabalho simples, é um trabalho gratificante. Porque a gente se sente bem em saber que aquele trabalho ali foi os nossos antepassados, bisavós, tataravós que começaram aquilo ali com uma finalidade e que a gente mantém essa finalidade de preservar a Festa... A memória [Secretário da Cultura, 2012].

Deve-se, entretanto, considerar que essa satisfação pode estar ligada à manutenção dos valores da classe dominante, outrora estabelecidos, já que, desde a origem da Festa, até hoje, a Mesa é essencialmente branca. Acrescente-se a isso o fato de que, embora a Festa fosse dos e para os negros, o controle e a execução eram mantidos pelos brancos. A partir de 1906, o Reinado, que era exclusivamente negro, torna-se branco, restando ao negro o Congado. Em 2012, o Reinado volta a ser negro, não assegurando, entretanto, sua continuidade negra ou branca.

Apesar de o objetivo da Festa de Nossa Senhora do Rosário ser a construção da igreja, a figura do negro (escravo) era a chave para os rituais de devoção à santa: após a abolição, e sem a ajuda dos descendentes de seus antigos donos, torna-se difícil para os libertos continuarem a tradição do Reinado negro. Dessa forma, os brancos continuam, economicamente, a realizá-la, porém agora como Reis Festeiros ou de Compromisso, restando aos negros os rituais do Congado.

Descendente dos pioneiros da Festa e profundo apreciador, o Secretário da Cultura, que já foi Rei Festeiro e é o atual presidente da Mesa, tem uma visão particular da Festa e justifica o embranquecimento da mesma a partir de alguns fatores:

A Festa tinha influência branca, porque quem fazia a despesa era o fazendeiro. Mas a principal figura humana da Festa do Rosário era o Rei e a Rainha, que eram negros (...) Após a abolição, continuou tendo Reis negros, a diferença foi no decorrer dos anos. Esses antigos fazendeiros foram falecendo (...) perdendo um pouco essa obrigatoriedade, entre aspas, de os fazendeiros fazer a festa (...) Então isso foi se perdendo com o decorrer dos anos... [Secretário da Cultura, 2012].

Segundo o entrevistado, ao coroar Reis brancos, não houve um rompimento da tradição, pelo contrário, houve uma adequação à nova realidade em virtude da necessidade inevitável de sobrevivência da Festa, de forma que, hoje, ela passou a ser a referência da cidade de Paula Cândido:

Chegou a quase acabar em 1903 e 1904. Em 1905, foi o último Rei mulato e rainha. Foi quando vieram os primeiros Reis brancos, que carregam o estigma de terem tomado a Festa dos negros, mas, ao contrário, eles que preservaram a Festa e deram continuidade... [Secretário da Cultura, 2012].

Ressalta-se, segundo o entrevistado, a posição contrária de Monsenhor Lisboa<sup>148</sup>, para quem a Festa era, de fato, dos negros:

O Monsenhor Lisboa não gostava de Reis brancos, e nos seus sermões afirmava que a Festa do Rosário estava emprestada aos brancos momentaneamente, temporariamente. Ele sempre falava que, para o próximo ano, poderia ter novamente um Rei negro, mas a cada ano ele reforçava a fala de que os negros deveriam poder fazer a Festa. Mas sempre afirmava que essa Festa não poderia acabar, que era a tradição mais importante da cidade e por isso toda a comunidade tinha que colaborar [Secretário da Cultura, 2012].

Contraopondo essa visão, um morador de uma comunidade rural, não descendente dos fazendeiros que deram início ao evento que se tornou tradicional, mas profundo conhecedor das memórias do lugar e apreciador da Festa, vê de modo diferente a concessão dos fazendeiros para os louvores de seus escravos:

---

<sup>148</sup> Padre José Maria Lisboa assumiu a paróquia de São José do Barroso em 24 de dezembro de 1880, ficando até 13 de fevereiro de 1917, quando faleceu. Criou a banda de música “Lira de São José”, em 1890, esta existe até hoje com o nome de “Corporação Musical Monsenhor Lisboa”. POMPEU, Aristides. Op. Cit., p. 85-87.

Os fazendeiros começaram a Festa porque viram que os escravos tinham uma força danada por causa da fé. Daí não só permitir que eles louvassem Nossa Senhora do Rosário e pulassem o Congado, mas também passaram a fazer a Festa, seus escravos se sentiam “importantes e valorizados” e a ideia de fuga e revolta seria esquecida, comemorariam todos os anos do jeito deles a sua fé. Se os fazendeiros fossem bondosos, não teriam escravos. Essa atitude foi mais para iludir os escravos do que por respeitarem sua fé. [P, 55, branco, morador de uma comunidade rural de Paula Cândido e apreciador da Festa, produtor rural, 2011]<sup>149</sup>.

Apesar de o Reinado da Festa não ser mais negro, ela tem no Congado sua essência fundamental, sem o qual não há possibilidade de acontecer:

O Congado, pra mim, ele significa, duas coisas. Ele significa o brilho da Festa, essa coisa folclórica que a gente fala, ele abrilhanta a Festa. A gente consegue fazer uma Festa do Rosário sem banda de música, uma Festa do Rosário sem cantoria, normal, e até sem padre a gente consegue fazer uma Festa do Rosário, mas não consegue fazer sem Congo (...) E na parte religiosa, a gente sente uma devoção muito forte dos congadeiros a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito (...) por tradição são eles que carregam os três andores, de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e Santa Efigênia, essa responsabilidade é deles... [Secretário da Cultura, 2012].

Atualmente, precedendo a Festa, a religiosidade manifesta-se sob as mais variadas atividades: terço diariamente rezado às dezoito horas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, com a participação das rainhas (a que tem e a que vai receber a coroa) e das famílias<sup>150</sup> convidadas para coroar Nossa Senhora todas as noites; ruflar do tambor tocado todos os dias, nas ruas da cidade, além do foguete de rojão na hora do terço, anunciando a chegada da Festa.

---

<sup>149</sup>Entrevista concedida oralmente, durante a Festa em Airões, em 15/10/2011. Como foi uma conversa informal, não foi usado o questionário das entrevistas gravadas. Trata-se de uma pessoa que é conhecedora da história da cidade e a valoriza a Festa, acompanhando-a desde criança.

<sup>150</sup>Tradicionalmente, as mulheres casadas eram convidadas a coroar Nossa Senhora do Rosário. Nos últimos anos, a coroação passou a ser feita por famílias.



Fig. 3: Reza do terço. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 4: Coroação. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Singularizando o ritual, há uma variedade de símbolos em torno dos quais se processa e articula toda a trama social: as “coroas” simbolizam o Reinado; o par “mastro/bandeira” demarca o espaço sagrado da Festa<sup>151</sup>; os Reis de Promessa simbolizam a fé pelas graças alcançadas. Além desses elementos, há as procissões, a reunião da Mesa e a transmissão da coroa.

Deve-se esclarecer que existe uma demarcação ritualística de espaços em relação à guarda de Congado e à banda de música: enquanto uma está cantando e pulando, a outra silencia-se. No momento em que o Congado toma o seu café, na alvorada, a banda de música mantém-se do lado de fora do local, tocando dobrados e retretas. Terminando o café, trocam de lugar.

A Festa desenvolve-se seguindo um cronograma e uma ordenação hierárquica que, para melhor compreensão, proceder-se-á uma pormenorizada descrição dos seus ritos e símbolos.

Marcando o início da Festa, na noite de sexta-feira, e acompanhados pela banda de música e pela Guarda “Antônio Coelho”, os mastros de Santa Efigênia, de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário são carregados pelos Mordomos, casais escolhidos pelos Reis Festeiros, da Matriz até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ao lado da qual são levantados:

<sup>151</sup>SILVA, Rubens Alves da. Op. Cit., p. 29.

É, nós fomos... Mordomos do mastro. Em todas as duas vezes, nós fomos escolhidos pra carregar a bandeira... De Nossa Senhora do Rosário... dessa vez, teve um significado maior porque, junto da Nossa Senhora do Rosário, nós tivemos as outras duas bandeiras carregadas por casais de negros... São Benedito e Santa Efigênia... Então eu achei, assim, a sensação boa de levar, porque é a primeira procissão que tem, o hasteamento das bandeiras, o povo, a banda e os fogos... Carregar essa bandeira é uma coisa muito, muito, muito emocionante mesmo [E., 55, branca, ela e o marido carregaram o mastro em 2000 e 2010, pedagoga aposentada, 2012]<sup>152</sup>.



Fig. 5: Procissão dos Mordomos. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 6: Levantamento dos mastros. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Após esse levantamento, diante da igreja com as portas fechadas, o Congado procede ao seguinte ritual: com cânticos e danças, pede a bênção de Nossa Senhora do Rosário e a permissão para dar início à Festa, que começa, de fato, com a alvorada de sábado: às cinco horas, cantando, dançando e acordando toda a comunidade, os congos vão à casa dos festeiros, para tomar o café. Este é um verdadeiro evento do qual todos fazem questão de participar intensivamente, seja doando as quitandas, seja doando café e leite, seja contribuindo com o próprio trabalho.

<sup>152</sup>Entrevista concedida em 26/01/2012, pela esposa do casal de Mordomos, responsáveis pelo mastro, nos anos de 2000 e de 2010. Como houve apenas uma entrevista, gravado nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.



Fig. 7: Início das festividades em frente à Igreja do Rosário. 2010.  
Fonte: arquivo pessoal.

Às dez horas, inicia-se a festividade religiosa com a condução do Reinado até à igreja. Nesse ritual, alguns membros do Congado entram na casa dos Reis (coroados no ano anterior), que estão no trono, acompanhados do seu Reinado, e, com cantos específicos, retiram<sup>153</sup> de casa e os conduzem à igreja. Lá, enquanto a comunidade, o Reinado, o padre e a banda de música estão no interior do templo, os congadeiros, prioritariamente, vão para o almoço oferecido pelos festeiros.



Figs. 8 e 9: Retirada do Reinado Velho de casa. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Protegidos por um guarda-chuva e usando uma pequena coroa, os reis de promessa acompanham o Reinado, “pagando” graças alcançadas pela intercessão de Nossa Senhora do

<sup>153</sup>Esclarecemos que os nativos usam a expressão “tirar os Reis de casa”.

Rosário e colaborando com uma espórtula durante a reunião da Mesa, também conhecida como Chamada:

Foi promessa mesmo... É uma coisa muito emocionante você estar ali e pensar que é por uma coisa que você conseguiu, por uma graça que você alcançou... O ano passado eu tinha uma promessa a cumprir... Aliás, o ano atrasado eu cumpri e, quando foi esse ano que passou, eu cumpri de novo. São momentos de muita fé, que a gente passa por eles... Desde aqueles terços, né, que a gente reza desde o começo do mês até a coroação... Essa doação de dinheiro, ali, pra gente que tá cumprindo a promessa, normalmente, se não fosse aquilo ali, a gente doaria de qualquer maneira [O., 58, branca, Rainha de Promessa em 2010 e 2011, professora aposentada, 2012]<sup>154</sup>.



Figs. 10, 11 e 12: Reis de promessa, nos cortejos da Festa. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

A Chamada inicia-se às quinze horas, no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em cujo centro dispõe-se uma mesa onde seus representantes recebem as doações. Nesse momento, em respeito ao Santíssimo<sup>155</sup>, Ele é retirado do altar, para dar lugar à descontração: a cada valor de doação informado pelo presidente da Mesa, a banda de música<sup>156</sup> toca desde dobrado ou retreta<sup>157</sup> até músicas de times de futebol, de carnaval.

<sup>154</sup>Entrevista concedida pela Rainha de Promessa do ano de 2010, 2011 e 2012 em 24/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

<sup>155</sup> Sacramento da Eucaristia; hóstia consagrada. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de S. Op. Cit., p. 1706.

<sup>156</sup> Como já se afirmou na nota 8 : a banda de música de Paula Cândido foi criada em 1890, com o nome de Lira de São José, pelo então Padre José Maria Lisboa (Monsenhor Lisboa). Ela existe até hoje e tem o nome de seu criador: Corporação Musical Monsenhor Lisboa.

<sup>157</sup>Toque de banda de música em praça pública. Disponível em: <http://www.significadodepalavras.com.br>. Acesso em 21 de agosto, 2012, às 17h06min.

Essa festividade é acompanhada por toda a comunidade, pelo Reinado Velho (reis que entregarão a coroa), pelos Reis de Promessa, pela banda de música (dentro da igreja), pelo Congado (fora da igreja).

Essa brincadeira da retreta... Não consta em ata não. Mas isso não foi criado do dia pra noite, não. O que a gente analisa ali é que, quando começou a ter a banda de música aqui, no final de 1890, mais ou menos, isso já começou a ser uma forma de incentivar as pessoas a irem doar... e que a banda ia tocar uma música pra eles, com o nome falado pra todos escutarem, né? E falar que a pessoa deu tantos reais, tantos cruzeiros ou tantos réis, na época, né? Isso ia ser uma forma de estímulo à doação, né? Isso não foi desde o começo, desde a primeira até porque nem banda tinha. Mas a gente acredita que isso tem de 100 a 110 anos. Essa forma de brincadeira é até engraçada, né? [Secretário da Cultura, 2012].



Fig. 13: Reunião da Mesa. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 14: Reunião da Mesa. 2012  
Fonte: arquivo pessoal

Quanto aos Reis Festeiros, seu Reinado é constituído da seguinte forma: um Príncipe, uma Princesa; um Rei, uma Rainha, as Criadas<sup>158</sup> e os Reis de Promessa. Cada um desses integrantes é acompanhado por um Segurador de Guarda-Chuva<sup>159</sup>.

Há os que se dedicam à Festa e por ela se responsabilizam em virtude de alguma graça alcançada:

<sup>158</sup>Criadas: meninas ou moças convidadas pela Rainha para fazer parte do seu Reinado. Seu figurino, que, obrigatoriamente, acompanha a cor do vestido da Rainha, pode ser idêntico ou não.

<sup>159</sup>O Guarda-Chuva é um adereço que não pode faltar no Reinado. Tem toda uma história em volta do uso do adereço: conta-se que as escravas escondiam ouro em pó em seus cabelos, mas como a época da Festa era de muita chuva, usavam o guarda-chuva para proteger o ouro escondido no cabelo das negras, ainda segundo a lenda esse ouro seria retirado dos cabelos na igreja para a compra de alforrias. A tradição do guarda-chuva existe até hoje na Festa. (História oral pertencente ao repertório de Paula Cândido).

Eu e meu marido, a gente nunca achava a hora direito de ser festeiro. Mas por causa da cura de um câncer, então foi uma felicidade, uma emoção pessoal, mesmo (...) É como se Ela, Nossa Senhora do Rosário, tivesse falado diretamente pra gente, que emoção! Foi uma realização em muitos sentidos [R., 58, branca, rainha festeira de 2010, dona de casa]<sup>160</sup>.

Há ainda os que participam por simples gratuidade:

Olha, pra mim é um sonho antigo. Desde quando eu era Criada, eu tinha muita vontade de ser Rainha, né? Quando surgiu a oportunidade, o pessoal falando que tava faltando, dei o meu nome, sem saber se o meu marido ia concordar. Graças a Deus, ele concordou... Eu tenho a fé, mas, assim, não era promessa... Foi, super cansativo, mas muito gratificante. Eu acho que as graças alcançadas foram tão maiores, que, enfim, igual eu falo: me dá vontade de ser de novo [H., 47,branca, rainha festeira em 2006, comerciante, 2012]<sup>161</sup>.



Fig. 15: Príncipe e Princesa. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 16: Rei e Rainha. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

No segundo dia da Festa, às dez horas, repete-se o ritual do dia anterior: o Congado retira os Festeiros (Reis Velhos) com seu Reinado de sua casa, acompanha-os à casa do casal que receberá a coroa (Reis Novos). Enquanto o Reinado Novo é retirado da casa, o Reinado Velho aguarda, do lado de fora, o término do ritual. O cortejo até à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde os novos Reis serão coroados, tem a seguinte movimentação ritualística: à frente, cada Reinado (o novo seguido do velho) é acompanhado por congadeiros que fazem a

<sup>160</sup>Entrevista concedida pela Rainha Festeira do ano de 2010 em 27/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

<sup>161</sup>Entrevista concedida pela Rainha Festeira do ano de 2006 em 25/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

sua guarda, enquanto os demais circulam entre os dois Reinados, dançando e cantando; em seguida, o padre com dois acompanhantes da Igreja; estes são seguidos pelos Reis de Promessa; por último, a banda de música.



Fig. 17: Casa dos Reis Velhos. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 18: Casa dos Reis Novos. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 19: Casal que será coroado. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 20: Reinado Novo. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Às quinze horas, os dois Reinados retornam à igreja para novamente proceder à reunião da Mesa, durante a qual o Congado encaminha-se ao cemitério (ao lado da igreja) para uma homenagem aos congadeiros falecidos. Após a reunião da Mesa, alguns membros do Congado adentram no templo para retirarem os andores de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Efigênia e de São Benedito. Saindo sempre de frente para o altar<sup>162</sup>, em procissão com os dois Reinados, com a comunidade e com o padre carregando o Santíssimo, vão até à Igreja Matriz, onde ocorrerá a bênção do mesmo. Grande parte da comunidade prefere não acompanhar a procissão para garantir seu lugar, dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, durante a cerimônia de transmissão da coroa. Acompanhado pelo cortejo, o Congado retorna da Matriz, entra na igreja, acomoda os três andores (sendo que o de Nossa Senhora do

<sup>162</sup>Eles usam a expressão “de fasto”.

Rosário é colocado no centro do altar para ser coroada pelos Reis) e aguarda, do lado de fora, a cerimônia de coroação dos novos Reis.



Fig. 21: Congado no cemitério. 2012  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 22: Procissão para a matriz. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 23: Procissão para a matriz. 2011  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 24: Congado acompanha a procissão. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

No interior da igreja, onde acontecerá a coroação, próximos ao altar e lateralmente opostos, há dois tronos, hierarquicamente dispostos: sobre um tablado com três degraus, o do Reinado Velho, ricamente elaborado; sobre um degrau e mais simples, o do Reinado Novo onde se acomodam as criadas dos respectivos Reinados. Procede-se ao seguinte ritual: dois representantes da Mesa encaminham-se ao altar e, ao lado do pároco, cada um chama um Rei pelo seu nome; cada Rei, acompanhado de seus Príncipes, encaminha-se ao altar e fica de frente para o padre, que inicia a cerimônia de “transmissão da coroa”, ponto alto de toda a Festa; coroados, são saudados pela banda de música e por fogos de artifício que anunciam à cidade sua coroação; o Rei Novo retorna ao trono do Rei Velho, e vice-versa, onde aguardam

a coroação da Rainha, que ocorrerá da mesma forma; coroadas as Rainhas, as Criadas trocam de lugar. Os Reis retornam ao altar, onde, juntos, coroam Nossa Senhora do Rosário. Em seguida, o padre encerra a cerimônia religiosa para dar lugar a uma nova sequência ritualística:

Pra Igreja, dá quase pra dizer que é apenas uma continuação da Festa, né?... Mas quando está colocando na cabeça de outro Rei, quer dizer que a festa vai continuar. E ano que vem teremos a Festa novamente [T., 56, branco, pároco, 2012]<sup>163</sup>.



Fig. 25: Trono dos Reis Velhos de 2012  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 26: Trono dos Reis Novos de 2010  
Fonte: arquivo pessoal

Enquanto, para o pároco, a coroação é a garantia da renovação da Festa, para o os reis, segundo o próprio testemunho, a coroação, pelo contrário, significa o fim da mesma, estando, portanto, carregada de uma sensação de perda:

Agora, pra os Reis... quem está deixando, uma das rainhas me disse uma vez: “eu sinto que estou perdendo. Quase que estou perdendo a mim mesma nessa coisa, porque é tudo tão gostoso, a gente sente uma alegria, uma felicidade dessa participação toda e a felicidade de todos e de repente essa coroa sai da minha cabeça, ou seja, eu perdi todo o valor que eu tinha.” Então é, que é por isso que a rainha chora muito nessa hora [Pároco, 2012].

<sup>163</sup>Entrevista concedida pelo pároco da cidade em 28/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.



Fig. 27: Rainhas coroam Nossa Senhora. 2009  
Fonte: arquivo pessoal

O grupo inteiro do Congado entra na igreja, onde, louvando Nossa Senhora do Rosário, o Chefe saúda e homenageia o Rei Novo e despede-se do Rei Velho. Em seguida, invertendo-se, agora, a posição dos Reinados, os congadeiros retiram-nos e, em cortejo, acompanhados da banda de música e de toda a comunidade, conduzem os Reinados para casa. Os Reis Novos deixam os Reis Velhos em casa. Depois são conduzidos pelo cortejo para, finalmente, em sua casa, distribuir doces a todos, enquanto o Congado canta e dança, em homenagem ao novo Reinado. Encerra-se a Festa cujos preparativos vêm desde o primeiro dia de outubro:

Na hora! Aquela hora que eles tiram a gente de casa, que eles tiram a gente do trono, o rito, aquilo é maravilhoso! É quando você passa a pensar naquilo que eles tão fazendo e é bonito demais. Que nada mais é do que uma oração. A fala do primeiro dia lá de casa marcou demais porque eu fui ver a mensagem que ele passou para gente. E ele, ele é tão preparado, cê vê que ele tava tão concentrado que ele não perdeu nada! Eu não esqueço que eu comecei a chorar e ele falou ‘Não chora que é Nossa Senhora do Rosário que tá te tirando!’ Ele tava envolvido no rito ali! É muito interessante, aquilo! Então é uma oração muito perfeita, a deles. E não pode deixar acabar! [L.C., 60, branco, festeiro de 2010, engenheiro agrônomo, 2012]<sup>164</sup>.

<sup>164</sup>Entrevista concedida pelo Rei Festeiro do ano de 2010 em 27/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.



Fig. 28: Congado retira os Reinados da igreja. 2009  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 29: Reinado Novo sai da igreja. 2009  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 30: Reinado Velho sai da igreja. 2012  
Fonte: arquivo pessoal

Deve-se ressaltar que, especialmente, subjazem tensões de cor, de posição social, de posição política e até mesmo de religiosidade. Em relação à primeira, enquanto a banda de música, o Reinado e demais participantes da comunidade procedem ao ritual no interior da igreja, o Congado, que é negro, mantém-se do lado de fora, cantando e dançando em louvor a Nossa Senhora do Rosário, antes de encaminhar-se para o almoço (oferecido pelos Reis), que é igualmente separado.

Pode-se dizer do segundo aspecto como consequência do primeiro, na medida em que, para os negros, a Festa de Chácara, em sua origem, foi uma alternativa economicamente viável. Politicamente, a composição da Mesa é questionada já que muitos fazendeiros nunca conseguiram fazer parte dela apesar de contribuírem financeiramente, desde seu início.

Por fim, no tocante à tensão de religiosidade, deve-se destacar que o Congado e os rituais da missa não se dão no mesmo espaço: enquanto está acontecendo o ritual cristão, o Congado permanece do lado de fora da Igreja, só adentrando no final da Festa, para a retirada dos andores de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia, além da retirada dos Reinados.



Fig. 31: Banda de Música. 2011  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 32: Congado “Antônio Coelho”. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Sem desconsiderar essas tensões existentes no campo religioso<sup>165</sup> entre a Igreja Católica e o Congado, seus participantes anualmente vivenciam sua fé numa dinâmica ritualística na qual constroem sua identidade, preservando a memória dos antepassados e ressignificando seu papel na sociedade em que vive.

<sup>165</sup>O princípio da constituição de um campo religioso acontece no conjunto de relações que os agentes religiosos mantem entre si no atendimento à demanda dos “leigos”. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 58.

## 2.2 REINADO E CONGADO: TENSÕES E ARTICULAÇÕES

Como já se afirmou, numa complexa e heterogênea rede de relações sociais, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Paula Cândido, consubstancia-se como um campo religioso permeado de forte tensão de cor, posição social, política e até religiosa bem como de trocas simbólicas.

A tensão de cor estabelece-se a partir de 1906, quando passaram a coroar reis brancos: a essencialidade negra é matizada na Festa e mantida no Congado, ao qual coube a construção e a preservação da identidade afro-brasileira. Participando do Congado, os negros percebem-se parte de uma realidade ordenada: suas danças e seus cantos elevados em louvor a Nossa Senhora do Rosário consistem na simbologia do sagrado, responsável por sua inserção nessa sociedade:

Ah, a Festa e carregar a coroa têm um significado muito bonito. Muito bonito, mesmo. Foi nossos parente, os escravo, que começaram isso, de cantar e dançar pra Nossa Senhora do Rosário. Então a gente carregou a coroa e foi passando um pro outro. Até que os branco tomaram a coroa de nós. Mas nós ainda temos uma Rainha, na comunidade da Chácara. Muito bonita. Onde eu recebi a coroa duas vezes, eu, meu marido e meus filhos ficamos muito felizes. Foi muito bonita a minha Festa [L, 67, negra, Rainha na Chácara em 2000 e 2006, aposentada, 2012]<sup>166</sup>.

Na esteira da tensão de cor, cria-se a tensão social na medida em que os primeiros Reis brancos – um ourives e uma professora – tinham uma posição de destaque na sociedade da época, e essa posição social passou a ser recorrente, a partir de então, na escolha de todos os Reis, oriundos de famílias tradicionais. Com efeito, os negros de condição social inferior serão reis na comunidade de Chácara, cujos aspectos serão melhor detalhados no próximo tópico, cabendo aos brancos de condição inferior serem Reis de Promessa:

---

<sup>166</sup>Entrevista concedida em 23/01/2012 pela Rainha de 2000 e 2006 na Chácara. Ela estava com câncer e atribui sua melhora a Nossa Senhora do Rosário. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

Ah, geralmente dentro da cidade, eles não aceitam os negros serem Rei. Inclusive, quase, a coroa uma vez ficou em cima da bandeja<sup>167</sup>, porque não tinha ninguém querendo receber, porque a despesa é grande... E era pra eu mais meu pai receber a coroa, teve um casal que não aceitou e recebeu a coroa no nosso lugar. Senão já tinha voltado pros negro, acho que esse é o medo de todo mundo aqui... Os negro não pega a Festa aqui na cidade pela questão do dinheiro, é caro fazer a Festa. O povo mais rico é que acaba fazendo a Festa aqui, pra nós fica a Chácara, é lá nosso lugar. Mas fico torcendo pra um negro pegar de novo aqui [L, 2012].

Atrelada a essas tensões, subjaz a tensão política: sob a alegação de manter a tradição, a organização da Mesa é feita com vistas à manutenção do poder por parte de determinado grupo. De fato, até alguns anos atrás, ter feito parte da Festa era condição para candidatar-se a um cargo político, na cidade. A opinião de um dos entrevistados, que questiona o critério praticamente hereditário, ratifica essa tensão política na medida em que a hereditariedade que se perpetua na Festa é a que detém o poder político<sup>168</sup>:

Só que eu acho que a Mesa tinha que ser mais democrática, não podia ser do jeito que é: hereditária. Porque ela se tornou hereditária. Eu acho que tinha que ser uma comissão que toma conta daquilo senão fica do jeito que tá ficando, uai. O cara fica na Mesa 30 anos. Vira ditadura da Mesa. E aí o que acontece? Forma-se o bolinho e só entra quem eles querem. E aí começa a só entrar na Festa quem eles querem. Minha avó cansou de bancar a Festa, cansou de pagar e bancar a Festa e nunca participou nem teve representante na Mesa [F, 56, branco, ele e a esposa carregaram o mastro em 2000 e 2010, aposentado, 2012]<sup>169</sup>.

Por fim, a tensão religiosa é estabelecida a partir do momento em que a Festa tem reduzida sua essencialidade afro-brasileira, ganhando uma conotação mais católica por meio de rituais antes ausentes: celebração da missa, reza do terço, coroação dos devotos, bênção do Santíssimo. Não significa que ela tenha perdido totalmente a essência da ancestralidade afro-brasileira, no entanto, se, antes, o louvor a Nossa Senhora do Rosário, por parte dos negros, era em agradecimento à proteção dada aos cativos e em invocação de forças para suportar o sofrimento do cativo, a partir de então, desvia-se o sentido do louvor: ora a graças alcançadas por parte dos Festeiros e dos Reis de Promessa, ora por simples gratuidade:

<sup>167</sup>O termo “ir para a bandeja” é que se não tiver quem queira ser rei festeiro, a coroa vai para a bandeja e fica no altar e assim a Festa acaba, mas sempre aparece alguém para se oferecer como rei, nos últimos anos há uma lista de espera para ser rei. (História oral pertencente ao repertório de Paula Cândido).

<sup>168</sup>Os ocupantes da Mesa sempre fizeram parte da mesma corrente política. O Rei que entregou a coroa em 2012 foi candidato à prefeitura e perdeu as eleições. Isso constata a fala do entrevistado quando ele diz que, antigamente, se quisesse ser prefeito, teria que ter sido Rei do Rosário antes.

<sup>169</sup>Entrevista concedida pelo marido do casal de Mordomos do mastro do ano de 2000 e 2010 em 27/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

Acho que aqui, hoje, a diferença toda, em Paula Cândido, tem algumas coisas que eu concordo e outras que não. Eu não concordo, por exemplo, que a diferença do Congado não entrar dentro da igreja. Essa diferença que eu fico ali meio encabulado. Por que não entrar ali dentro da Igreja? É uma Festa dos negros também, será que eles não trouxeram Nossa Senhora também pra dentro da igreja? Não começou com a devoção deles? Ou só fizeram Festa? Será que a Festa é só entre eles, os brancos? A Festa é católica e nós do Congado somos católicos também... [E. 31, negro, Chefe do Congado, 2012]<sup>170</sup>.

Outro aspecto que reforça essa tensão religiosa é a contraposição entre a Guarda do Congado e a banda de música. À banda é dado o direito de entrar na igreja e participar de todo o cerimonial religioso, cabendo à Guarda manter-se do lado de fora, aguardando o término, para, só então, proceder ao seu cerimonial de retirada dos Reinados.

Como se afirmou, numa complexa e heterogênea rede de relações sociais, subjazem as tensões e, sobretudo, as trocas simbólicas. Nesse sentido, os rituais na Festa de Nossa Senhora do Rosário, quer seja o da igreja quer seja o do Congado, são instrumentos tanto no processo da memória quanto como pré-requisitos no estabelecimento da cultura dessa comunidade:

O corpo da Festa, a gente mantém muito das tradições da nossa, coisa que em outros lugares não tem. As outras cidades não têm banda de Congo, a nossa banda de Congo tem que ir fazer Festa em meia dúzia de cidades aí, porque os lugares não têm mais banda de Congo. A nossa está preservada, igual à banda de música, porque tem cidade que não consegue manter uma banda de música, e a nossa tá aqui. As Rainhas de Promessa e os Juízes existem desde as primeiras Festas, e a gente mantém. [Secretário da Cultura, 2012].

De fato, como toda a sociedade humana é um empreendimento de construção de mundo a partir da atividade coletiva, essa mesma atividade humana que produz a sociedade produz também religião e cultura<sup>171</sup>. A atividade humana que construiu a sociedade de Paula Cândido foi igualmente responsável pela consolidação de uma religiosidade que se tornou tradição cultural do lugar. Assim, estabelecendo um cosmo sagrado, a religião mantém a realidade do mundo socialmente construído<sup>172</sup> e, numa espécie de habitus<sup>173</sup>, cada indivíduo da comunidade reconhece seu papel e sua função na Festa.

<sup>170</sup>Entrevista concedida pelo Chefe do Congado da Guarda de Congo “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG), em 28/04/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

<sup>171</sup>BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 15-16.

<sup>172</sup>Ibid., p. 97.

<sup>173</sup>“Princípios geradores de práticas distintas”. BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Mariza Corrêa (trad.). Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 22.

Com isso não apenas os congadeiros se percebem na sociedade, mas também os que participam da Festa reconhecem seu papel na dinâmica, seja como Reis e Rainhas, seja como mesários ou doadores de espórtulas, seja como colaboradores para que essa tradição não se perca, perpetuando, dessa forma, a identidade da própria cidade:

É na Festa do Rosário que a cidade participa. A comunidade se mobiliza, mobiliza gratuitamente. A devoção desperta nas pessoas a emoção e a possibilidade de colaboração. Todas as pessoas que foram Reis foram ajudadas. Todas! Tem gente que oferece dinheiro, material de limpeza, comida, todos os tipos de ajuda. Mas a principal ajuda da Festa, é a ajuda humana. A mão-de-obra que a pessoa doa pra gente, mas querendo doar para Nossa Senhora. Essa Festa representa toda nossa comunidade, ela é o que nós somos, é a nossa marca [Secretário da cultura, 2012].

Na medida em que a sociedade fornece ao homem um mundo para habitar, os moradores de Paula Cândido, ao perpetuarem a Festa, estão delimitando seu lugar dentro dessa sociedade, tendo reconhecido seu papel, inclusive político:

Para ser o Rei, tem que frequentar a igreja. E ainda vi uma curiosidade: antigamente o camarada ia ser Rei pra ser candidato a prefeito. Mas não tem dúvida que tem muita gente que tem devoção, precisa de devoção e ser amigo de todo mundo, que se você for lá e não tiver amizade, não tiver nada fica, complicado. Como é que faz uma Festa dessas, dá comida ao povo, paga banda de música. Tem que gratificar eles. E se o camarada não for de amizade, como que faz? Aí num tem condição [J. Q., 87, branco, rei festeiro de 1988, ex-prefeito, 2012]<sup>174</sup>.

Em sua qualidade de sistema simbólico estruturante, a religião, graças ao efeito de consagração ou de legitimação, ao mesmo tempo em que funciona como princípio que constrói a experiência, também a expressa, predispondo-se a assumir “função ideológica, prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário”<sup>175</sup>.

A religião cumpre, portanto, funções sociais, porque os leigos esperam dela mais do que simplesmente justificações capazes de livrá-los da angústia existencial; mais do que isso, esperam que ela lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada<sup>176</sup>. A função social desempenhada pela religião em favor de um grupo ou de uma classe diferencia-se de acordo com a posição que ocupam na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso.

<sup>174</sup>Entrevista concedida pelo Rei Festeiro do ano de 1988 em 18/02/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

<sup>175</sup>BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., 2007, p. 45-46.

<sup>176</sup>Ibid., p. 48.

Embora o pároco da cidade perceba religiosidade no Congado, deve-se ressaltar que seus rituais, durante a Festa, não estão inseridos nos rituais católicos no interior da igreja. Uma prova disso é a inexistência de uma missa conga. Enquanto a missa é celebrada dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o Congado ritualiza suas danças e músicas do lado de fora, só adentrando para pegar os andores de Nossa Senhora, São Benedito e Santa Efigênia para a procissão ou, no encerramento, tendo já terminado o ritual católico, quando retiram os Reis para encaminhá-los às suas casas.

Os nativos não veem com estranheza o fato de o Congado não participar das celebrações católicas, já que essa dinâmica acontece desde o início:

Ah, eu acho que existe religiosidade no Congado, sim; Eles fazem isso com muito amor e com muito carinho, é com muita alegria. E o nosso Congado, aqui, são pessoas que estão com a gente, aqui, em missa todo final de semana, com participação. Eles vivem comungando, a maioria deles. Então existe muita religião, sim, muita fé ali. A Igreja não tem nada contra. Até porque a Igreja está querendo resgatar sobretudo essa forma de religiosidade. E a tradição... É uma manutenção da fé e resgatar as tradições também do povo de Deus, né. É mais uma forma, assim, de ajudar o povo a ser mais católico, né? Eu entendo assim [Pároco, 2012].



Figs. 33 e 34: Congado em frente à Igreja do Rosário durante a reunião da Mesa. 2012  
Fonte: arquivo pessoal

O ritual na Festa passou a servir de veículo para a expressão da fé e da religiosidade de origem africana, caracterizando o Congado não como uma simples assimilação da cultura do outro, imposta como forma de domínio, mas como uma composição de símbolos e

representações que configuram sua identidade a partir de suas memórias e das diferenças existentes entre os diversos grupos de Congado em todo o Brasil<sup>177</sup>:

O Congado hoje pra mim é a minha vida. Eu gosto muito, o pouco que eu sei, eu acho que vai ser muito importante pra mim e pros outros... Eu sou mais negro porque eu sou do congo. Apesar de todo o preconceito também... Pra mim tem uma identidade negra mesmo porque eu me considero negro e ainda mais participar do congado também... É uma coisa mais importante da minha vida [Chefe do Congado, 2012].

Os valores do sagrado aplicados pelo poder simbólico por meio da religião aproximam os representantes congadeiros de toda uma sociedade que não tem necessariamente os mesmos antepassados escravos, estabelecendo vínculos entre os diversos grupos que formam essa sociedade:

Nossa, eles são, assim, muito fervorosos... Aquelas rezas, aquele ritual pra tirar a Rainha do trono. Tudo lindo demais e tudo em prol da religião. Tudo de acordo. Se a gente prestar atenção, a gente se emociona demais. Essa Festa é a marca da cidade, e o Congado é o coração da Festa. É muito forte tudo, não tem como não sentir nada [S. 58, branca, funcionária da prefeitura que colabora todo ano para a Festa, 2012]<sup>178</sup>.

Apesar de os congadeiros perceberem as tensões (como não participar dentro da igreja, não almoçar juntos, não ter uma missa para eles) como algo que faz parte da tradição e do ritual, o próprio Chefe do Congado questiona essa tensão, na medida em que posiciona o grupo como católico também:

Almoçar separado faz parte do ritual mesmo, tava me incomodando uma época quando a banda de música tava almoçando primeiro (risos) Eu mesmo não me importo com isso, mas tem integrantes da banda que tava se incomodando, sim. Aí a gente tinha que ir resolver porque tava dando uma confusão [Chefe do Congado, 2012].

Ao justificar a ausência do Congado no ritual católico como um fato positivo que possibilita ao grupo fazer outras atividades, perpassa mais um sentimento de preterição do que de conformidade. Na verdade, ele tem consciência de que essa separação foi legitimada desde o início da Festa, e mais, de que subverter essa lógica estabelecida está fora do seu alcance:

<sup>177</sup>SILVA, Rubens Alves da. Op. Cit., p. 156.

<sup>178</sup>Entrevista concedida por uma moradora da cidade que sempre ajuda na Festa, em 24/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

A gente nunca foi convidado para entra na igreja para a reunião da Mesa também. E a gente acha até melhor. Um descanso pra gente está ali, enquanto tá tendo a reunião lá da Mesa na igreja e a gente tá visitando outros lugares, como o asilo, aqui em cima, a gente vai lá na capelinha, uma hora, uma hora e meia, e a gente tem o prazo de visitar também umas pessoas que estão doentes e querem ver o congo e não têm condição de ir na rua [Chefe do Congado, 2012].

A aceitação dessa realidade estabelecida garante a continuidade da existência do Congado, mesmo porque uma atitude subversiva a essa ordem põe em risco a sobrevivência do grupo. Mais do que o louvor a Nossa Senhora do Rosário, está a construção da identidade negra e o sentimento de pertencimento a essa sociedade. Enfim, ao produzir bens simbólicos dentro de um grupo, a religião opera para uma dada sociedade na ordenação lógica do seu mundo natural e social, integrando-o num cosmos<sup>179</sup>:

Eu acho que as pessoas veem como, como que eu posso dizer, uma dança folclórica, normal. Só festa, sem mais nada. Como se fosse assim: veio a Festa do Rosário tem aquilo ali e acabou Festa do Rosário e não tem mais nada. E hoje se você perguntar o que é Congado, ninguém sabe de nada... Vai chegando aí o dia primeiro de outubro e vai começar o mês de reza e todo mundo lembra “ah, no final do mês tem Congado”. Né. Mas acabou o mês de outubro, acabou o Congado também [Chefe do Congado, 2012].

Em 2012, após 106 anos, os Reis Festeiros ou de Compromisso para o ano de 2013 foram negros. Somando-se a isso, além de criado no interior da tradição congadeira, o Rei é irmão do atual Chefe do Congado e trineto do primeiro Rei Congo<sup>180</sup>. Criou-se, assim, no imaginário popular da cidade, uma expectativa quanto à concretização do mito da Festa: quando um negro se tornasse Rei Festeiro novamente, a Festa não voltaria para os brancos.

<sup>179</sup>BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., 2007, p. 33-34.

<sup>180</sup>Também chamado de Chefe do Congado. (Dados obtidos na Casa de Cultura de Paula Cândido em 22/07/11).



Fig. 35: Reis negros coroados em 2012.  
Fonte: arquivo pessoal

Alimentando esse mito, as especulações quanto ao Rei Festeiro a ser coroadado em 2013 reforçam a tensão de cor. Especula-se que seja outro negro e que, em 2014, o Rei Festeiro venha a ser o atual Chefe do Congado, o qual só não receberá a coroa de seu irmão em virtude do próprio ritual congadeiro<sup>181</sup>. Paira a crença de que, por serem criados e preparados pela tradição congadeira, através de seu avô, Chefe e detentor de toda a ancestralidade do Congado, o Rei Festeiro coroadado em 2012 poderá substituir seu irmão como Chefe do Congado no ano em que este receber a coroa de Rei Festeiro. Sabe-se, entretanto, que, pelo ritual, os Reis do Meio<sup>182</sup> estão aptos a substituir o Chefe do Congado a qualquer momento:

Um negro pegar a coroa seria uma forma de resgatar as tradições antigas. Já que é isso que estamos fazendo, resgatando tradições antigas, com a reza de terço e mesmo com o folclore da banda de congo. Isso já é um resgate do antigo para o de agora. Mas deveria também colocar os negros como Reis e Rainhas. Isso também porque os cristãos daquela época e daqueles lugares de onde vieram, daquelas paragens lá, eram na maioria negros, né? Mas, quem sabe essa tradição um dia volte [Pároco, 2012].

<sup>181</sup>O Chefe congadeiro com os demais integrantes entram na igreja e entoam cantos de saudação para o Reinado Novo e de despedida para o Reinado Velho. Feitas as saudações e despedidas, os Reinados são retirados do Templo por toda a Guarda, de fasto, e encaminhados para casa, finalizando a Festa.

<sup>182</sup>Congadeiros, normalmente dois, que ritualizam dispostos ao lado do Chefe do Congado no centro do grupo. São preparados para substituir o Chefe em alguma eventualidade. Informação adquirida na entrevista com o Chefe do Congado em 28/04/2012.

No ano de 2012, a Festa distinguiu-se por algumas peculiaridades: Reis Festeiros negros, como possibilidade de concretização do mito; pároco recém-chegado sem conhecimento dos elementos ritualísticos da Festa. Se, por um lado, a expectativa do Reinado Negro acionou o imaginário popular, por outro lado, esse mesmo imaginário levou a população a temer pelo fim da Festa, em virtude de o novo pároco não conhecê-la profundamente, não dando, segundo alguns nativos, a devida importância à mesma. De fato, na Festa desse ano, a igreja, diferentemente de anos anteriores, estava repleta de pessoas humildes e de origem negra, revelando a tripla tensão: cor, religião e social.

Curiosamente, em 2003, apesar de o Rei coroado ser negro<sup>183</sup>, não se cogitou, no seio da comunidade, a concretização do mito quanto à ruptura das tradições brancas na Festa, talvez não só pelo fato de sua esposa ser branca, mas também pelo fato de ele ter alcançado uma posição social e política de destaque. Durante sua entrevista, ele até diz ser negro de formação, disse que sempre gostou “muito do Congado, mas, se resolvesse entrar no grupo, as pessoas da cidade diriam” que ele “queria aparecer”:

Foi até uma coisa engraçada porque eu não queria ser Rei da Festa do Rosário. Eu sempre quis pular congo... Sou bastante negro na minha formação. Mas é porque eu achava a musicalidade do Congado muito bonita, aquelas músicas. Aquele povo cantando em homenagem a Maria, principalmente. Em agradecimento... Eu fui criado na Rua do Rosário, perto da igreja... Todo ano, quando eu era pequeno, a gente via a banda de congo. (...) E a minha vontade era sempre de pular a banda de congo, mas nunca tive, assim, coragem de pular. Não por nada não... Mas é por outros problemas, da cidade. Eu achei que, se eu pulasse congo, eles iam falar que eu tava era querendo aparecer [W, 58, negro, rei festeiro de 2003, assessor de deputado estadual, 2012]<sup>184</sup>.

Esse posicionamento suscita uma reflexão quanto a alguns aspectos que caracterizam a visão da comunidade a respeito da Festa. Para uma parcela, o retorno do Reinado Negro representa justiça histórica. Para outra considerável parcela, a tradição negra da Festa está bem representada no Congado, não necessariamente no Reinado. Por outro lado, quer seja para uma parcela, quer seja para outra, a Festa na comunidade rural de Chácara, próxima a 3 km da cidade, representa a legitimação da tradição negra.

<sup>183</sup>Ex-vereador e, atualmente, assessor parlamentar em Belo Horizonte. Sua família reside em Paula Cândido, onde ele passa o final de semana.

<sup>184</sup>Entrevista concedida pelo Rei Festeiro do ano de 2003 em 23/01/2012. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

Diferentemente, para o entrevistado (Rei Festeiro em 2003), essa questão é irrelevante, em virtude da miscigenação que caracteriza o brasileiro:

Esta festa realmente começou com os negros. Mas, hoje em dia, com essa miscigenação que temos por aí... Dificilmente alguém não tem pelo menos cinquenta por cento de sangue negro. Entendeu? Às vezes tá lá a pessoa falando que essa festa é de negro e ela é branca, mas pode olhar que ela tem no mínimo cinquenta por cento de sangue negro. Então eu acho que é complicado eu dizer que o Negro não tem lugar nessa festa, que o lugar dele é no congado, não justifica tanto ser de negro ou de branco, porque eu não tenho essas questões [W., 2012].

A possibilidade de concretização do mito, no Reinado coroado em 2012, não está apenas na cor da pele do Rei, mas principalmente na herança do Congado e do Reinado que ele representa. Se, por um lado, essa coroação legitima a justiça, por outro lado, ela representa uma ameaça à tradição de uma elite que justifica o embranquecimento da Festa como puramente econômico. Quer seja pela legitimação da justiça, quer seja pelo embranquecimento da Festa, mudanças não são ameaças à continuidade da tradição, ao contrário, são condições de sua perpetuação. A tradição permanece justamente porque muda<sup>185</sup>.

Segundo Eliade<sup>186</sup>, retornar à origem, permite reviver o tempo em que as coisas se manifestaram pela primeira vez, é uma experiência importantíssima para as sociedades, e a finalidade da comemoração é relembrar a fonte de tudo, é reviver as origens: é um “voltar atrás” até o tempo original, cuja recuperação é indispensável para assegurar a renovação total do cosmo.

O desdobramento da Festa na comunidade rural de Chácara, próxima a 3 km da cidade, permite a legitimação da tradição negra, por meio da exclusividade do Reinado Negro. Trata-se de um desdobramento, com suas adaptações, sem, contudo, afastar-se da essência da Festa de Paula Cândido.

<sup>185</sup>PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (orgs.). Op. Cit., 2012, p. 32.

<sup>186</sup>ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Ed. 4°. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 36.

### 2.3 “A FESTA LÁ NA CHÁCARA É UMA FESTA SÓ!”

Com elementos muito próximos do que era em sua origem, como o Congado, o Reinado, a igreja, as celebrações, a banda de música, a reunião da Mesa, as espórtulas, símbolos como o guarda-chuva, o mastro, a coroa, o trono, o almoço, a alvorada, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, de Paula Cândido, é uma das mais tradicionais, cuja maior preocupação é manter a continuidade, tornando-se, portanto, inevitável seu desdobramento. E esse desdobramento estende-se a outras comunidades do município, de forma que se combina a universalidade da Festa, por meio da devoção, com as particularidades locais:

Eles estão fazendo nas comunidades (...) onde eles se sentem mais a vontade pra fazer a Festa. Mas elas têm tudo que tem a daqui, às vezes até mais. Eu te digo que elas às vezes têm até mais devoção, mais espiritualidade, mais religiosidade, mais oração, entendeu, do que tem a da cidade. Então eu acho que eles não se sentem mais capazes financeiramente, acho que é isso que excluem eles da Festa da cidade [E., 2012]

Enquanto, em alguns lugares, como Airões, a Festa e seu ritual acontecem como uma forma de embate e disputa pela herança cultural e histórica, em outra, na comunidade de Chácara, o que está em jogo é a construção de uma identidade negra por meio daqueles que se veem postos de lado nessa dinâmica social, como que delimitando seu espaço para que possam ser vistos e respeitados.

A 3 km da cidade de Paula Cândido, a comunidade de Chácara tem por volta de 100 moradores, em sua maioria negros. Há quinze anos, alguns moradores da comunidade resolveram comemorar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em apenas um dia, diferentemente da cidade em que as festividades duram dois dias:

Os meus primos queriam fazer a Festa lá na Chácara, falaram comigo que se aqui em Paula Cândido tem Festa, Nossa Senhora é de todo lado, vamos fazer lá também que tem muita gente porque duas ou três pessoas pegar só não dá conta. Vieram aqui e conversaram com o padre. Aí o padre falou: não, se for sexta e sábado que for fazer, eu vou lá e celebro pra vocês, sim. Fizemo a Festa lá [E, 50, negra, uma das fundadoras da Festa na comunidade Chácara, rainha em 1997, empregada doméstica, 2012]<sup>187</sup>.

---

<sup>187</sup>Entrevista concedida em 24/01/2012 pela fundadora da Festa na comunidade Chácara, e Rainha em 1997. Ela mora na cidade, mas sua família mora na Chácara. Como houve apenas uma entrevista, gravada nesta data, sua indicação como nota de rodapé se restringirá à sua primeira citação, dispensando-se de fazê-lo no decorrer de toda a dissertação.

Festa é destruição, pois desrealiza o real social de um grupo para substituí-lo por outro real, o do imaginário<sup>188</sup>. Não se trata do desaparecimento da realidade como mundo, mas da dissolução das relações que ligam e organizam esse mundo: “Somos e fazemos coletividade, porque produzimos imaginário, somos coletividade porque fazemos festa”<sup>189</sup>.

É exatamente a construção coletiva do imaginário bem como a organização do seu mundo que os moradores de Chácara concretizam ao comemorar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em sua comunidade, onde os Reinados são exclusivamente de negros, ao contrário das outras comunidades rurais do município, cujo critério de escolha dos Reis não segue essa rigidez.

Não só por ser devoto de Nossa Senhora do Rosário, mas principalmente por ser profundo admirador do Congado, o pároco da cidade foi peça fundamental para que se concretizasse a ideia da Festa na Chácara. Segundo ele, a Festa de Paula Cândido é muito bonita, e dividi-la entre as comunidades seria uma forma de torná-la ainda mais forte.

Essa Festa daqui é muito bonita e emocionante, ela representa o povo de Deus na cidade, é a marca da cidade... Quando me pediram ajuda para a Festa lá na Chácara, me prontifiquei na hora, muitas pessoas ajudaram na construção da capela... É uma emoção muito grande celebrar todos os anos lá, fico feliz. A comunidade toda se mobiliza, parece uma família. Tem também a questão da memória de um povo né? Isso é importante... A devoção à Nossa Senhora é muito grande, Paula Cândido, pode-se dizer, é uma cidade mariana, ao longo de todo ano, comemora-se Maria [Pároco, 2012].

Praticamente os mesmos da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Paula Cândido, os rituais da Festa em Chácara compreendem os seguintes elementos: o levantamento do mastro, os cortejos dos Reinados acompanhados da banda de música e da Guarda de Congado “Antônio Coelho”, almoço com a participação de todos da comunidade e de todos que acompanham as festividades. Uma distinção é a ausência da reunião da Mesa, possivelmente, em primeiro lugar, por ela acontecer em apenas um dia, e, em segundo lugar, pelo fator econômico.

Deve-se atentar para o fato de que, além de a Festa ter partido de uma iniciativa da própria comunidade com a ajuda dos moradores e de suas famílias e amigos distantes que, dividem os ônus, ela se sobrepõe pelo seu significado religioso. De fato, com o objetivo de participar da preparação religiosa da Festa, eles se deslocam da sua comunidade para a cidade

---

<sup>188</sup>PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (orgs.). Op. Cit., 2012, p. 35.

<sup>189</sup>Ibid., p. 36.

de Paula Cândido, durante todo o mês de outubro, para rezar os terços, para participar das missas e das coroações de Nossa Senhora.



Fig. 36: Congado na comunidade de Chácara. 2011  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 37: capela de Chácara. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Ao comemorarem a Festa, um ato social que não vai além da sua representação, que anima e retorna a ela sem modificá-la, excetuando-se os aspectos superficiais<sup>190</sup>, os moradores de Chácara nivelam-se aos da cidade, ou seja, percebem-se integrantes de um cosmo social bem mais amplo e encontram na tradição negra das festividades a força para se estabelecerem como agentes sociais. Sem desmerecer a Festa na cidade, buscam para si a herança de seus antepassados, com um significado próprio.

Para Lévi-Strauss<sup>191</sup>, o significado não é dado pelo pensamento, mas pela cultura, é a capacidade de traduzir algo, e essa tradução só é obtida mediante regras que a possibilitem, daí a origem do simbólico, este, sim, capaz de produzir sentido.

Enquanto, para grande parte da comunidade, a questão econômica é a principal razão do embranquecimento da Festa, para outros, deve-se menos à econômica, e mais à racial. Com efeito, em suas entrevistas, transparece a sensação de deslocamento, justificando-se que, na sua comunidade, sentem-se mais à vontade para formarem seu Reinado. Tanto que acompanham as festividades no município como qualquer integrante da cidade:

<sup>190</sup> DUVIGNAUD, Jean. Op. Cit., p. 212.

<sup>191</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1987, p.15.

A Festa começou na Chácara, mesmo assim, pr'quelas pessoas que queriam muito ser Reis do Rosário, e como eram dois dias, não tinham condições. E fazia lá. Nós começamos no dia de sábado. Aí eles falaram: Nós vamos começar com uma pessoa bem velhinha. Porque eles já viu Festa. (...) Aí ia ter a entrega, mais coroa. Aí eu fui. Quando a gente vê o Congado pulá, dá uma impressão que voltamos no tempo, né? É os nossos parentes antigos, os escravos... eu acho que isso não tem lá na cidade como tem aqui não [E., 2012].

Interrompendo a sequência do cotidiano e demarcando os momentos de festejar, o lugar simbólico onde a festa (como fala, memória e mensagem) acontece demonstra a cultura da qual somos “ator-parte”. Ao solenizar a passagem e comemorar a memória, ela demarca, restabelece laços, evidenciando que tudo que remete à vida impositivamente social é suportável<sup>192</sup>.

Existem dois tempos nesse festejo: o irreversível e o reversível. Segundo Levi-Strauss<sup>193</sup>, o primeiro é imutável e do passado; o segundo é passível de mudança e do tempo atual. Ao primeiro, irreversível, pertence a ancestralidade como um dos sentidos vitais; ao segundo, reversível, cabe a presentificação como ritual do tempo mítico, na Festa

Acredita-se que a comunidade de Chácara seja um vestígio de quilombo, já que a comunidade próxima, Córrego do Meio, foi, comprovadamente, um quilombo. Em virtude disso, a Casa de Cultura de Paula Cândido já entrou com um processo de tombamento que está sendo finalizado<sup>194</sup>. A Guarda de Congado “Antônio Coelho” tem sua possível origem no Córrego do Meio, de onde veio grande parte da população de Chácara. A relação dos moradores de ambos os lugares com a ancestralidade negra é tão intrínseca que extrapola nos rituais o sentimento da negritude, o reavivamento do passado, bem como a construção da sua identidade e a ratificação de sua pertença. Para o Chefe do Congado, essa Festa faz com que eles se sintam em casa:

Na Chácara tem diferença. Parece que estamos no nosso lugar, dá uma coisa sem explicação. Lá eles participam mais. Porque é mais humilde, de descendência negra, mais pobre, com pessoas mais carentes. Lá os pobres fazem do jeito que pode fazer a comida simples, que todo mundo gosta, todo mundo come e não tem coisa melhor que você estar participando da Festa e comendo com as pessoas que estão ali te elogiando e comendo junto com você. E você tranquilo... [Chefe do Congado, 2012].

<sup>192</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989, p. 8-9.

<sup>193</sup>LEVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1987, p. 38.

<sup>194</sup>Segundo o secretário da Cultura da cidade de Paula Cândido (MG), o processo para o tombamento da comunidade do Córrego do Meio como vestígio de um quilombo está já em sua conclusão. Existem documentos que comprovam que uma fazendeira viúva, após a abolição da escravidão, teria doado uma parte de suas terras para seus escravos, que não eram em grande número.

Apesar de não considerar incômoda a separação do Congado dos demais participantes da Festa, em Paula Cândido, o Chefe da Guarda de Congado afirma que se sente mais à vontade na Festa de Chácara pela simplicidade e espontaneidade que a caracterizam, tanto que, no almoço, não há separação, como na cidade.



Figs. 38 e 39: Congado na Festa de Nossa Senhora do Rosário na comunidade de Chácara. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

O congadeiro de Nossa Senhora do Rosário tem, no gesto espontâneo da alegria estampada no rosto e no olhar, parte da própria oração que o movimento do corpo completa. A euforia do ritmo importa mais do que o sentido das letras que cantam<sup>195</sup>. Vivenciar a religiosidade em toda sua plenitude e reverenciar Nossa Senhora do Rosário, como seus antepassados, não é missão muito fácil para os negros da cidade de Paula Cândido, segundo algumas pessoas entrevistadas.

O Congado conseguiu, ao longo dos anos, ter seu espaço respeitado pela comunidade, mas os negros que querem agradecer ou louvar Nossa Senhora através de um Reinado têm que ir para a Chácara:

Eu devia a Nossa Senhora do Rosário, né? Uma cura que eu tive, pedi pra Ela a minha cura, e fui curada. Eu recebi a coroa na Chácara, porque é lá que os negros se sente em casa, sem que os outros olhem torto (...). Lá na Chácara, os brancos acham que não tem problema, mas na cidade é outra coisa, né? [L., 2012].

<sup>195</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit., 1989, p. 174.

Paradoxalmente, prevalecem dois discursos contraditórios: se, por um lado, na cidade, as pessoas aceitam naturalmente que os negros agradeçam a Nossa Senhora do Rosário, festejando na comunidade da Chácara, sob a alegação de inviabilidade econômica, por outro lado, prevalece a crença da graça de Nossa Senhora socorrendo a todos que já fizeram a Festa, em Paula Cândido: os entrevistados são unânimes em dizer que, além de não se endividarem, melhoraram sua condição de vida.

Agradecer a Nossa Senhora do Rosário alguma graça alcançada através, da Festa na Chácara, proporcionou aos negros e aos mais simples uma sensação de pertencimento religioso mais forte com a comunidade. Muitos são os relatos de experiência religiosa intensa:

É inexplicável, tem que dizer que, quando eu tava, durante uma missa aqui, eu tava sem voz. É inexplicável, e o padre falou pra mim que eu fosse na reza todo dia, e que eu me esforçasse pra cantar, que minha voz ia voltar. E o dia certinho da Festa, eu cantei a missa toda, e a voz limpou, mas limpou mesmo! E até hoje eu não fiquei mais sem voz. É uma coisa que só Nossa Senhora do Rosário sabe explicar mesmo... [L., 2012].

A participação das festividades, em Paula Cândido, por parte daqueles que pensam não ter condições de fazer a Festa, acontece de variadas formas, entre as quais a coroação<sup>196</sup> a Nossa Senhora do Rosário pelas famílias convidadas. Trata-se de um ato louvor e de agradecimento carregado de fé e de emoção:

Porque às vezes tem muitas pessoas que quer agradecer a Nossa Senhora e não sabe como agradecer os muitos benefícios que nossa Senhora traz. Então, surgiu essa coroação (...). Então a explicação é essa, que ali tão cumprindo uma promessa e quem coroa, coroa muito alegre e que passa pra gente que Deus está vivo ali. (...) Parece que a gente tá sentindo, vendo o rostinho de Nossa Senhora ali... [L., 2012].

Ter um local onde possam vivenciar a fé em Nossa Senhora, tal como faziam seus antepassados, traz um alento àquelas pessoas que se sentem deslocadas nas festividades da cidade: passam de meros espectadores a atores principais de sua tradição, favorecendo a construção de sua identidade; alento sentido não só por aqueles que assistem como também pelos congadeiros:

---

<sup>196</sup>Em 1917, durante todo o mês de outubro, o padre Américo Duarte, substituto do Monsenhor Lisboa, iniciou a tradição do terço, que é rezado até os dias atuais. Em 1977, começou a coroação, restrita às senhoras casadas, estendendo-se, a partir de 2005, às famílias. As espórtulas oferecidas pelas famílias que coroam ajudam na Festa. (Dados recolhidos na Casa de Cultura de Paula Cândido em 24/ 01/2012).

Quando vou na Festa na Chácara, tenho a impressão de que nada mudou, a religiosidade é muito grande, a simplicidade também... Parece que tá todo mundo muito feliz e que Nossa Senhora tá no meio deles. A igreja é pequena, mas cabe todo mundo que vai lá, não tem empurração, falta de educação e, na hora do almoço, todo mundo come bem, fica satisfeito e não tem desperdício... Lá na rua, precisa ver como vai comida pro lixo, dá até dó! [S., 2012].

Os moradores da comunidade de Chácara, bem como seus parentes e aqueles que criaram vínculo com o local, reforçam sua identidade<sup>197</sup> negra durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário:

Quando a gente vai pra Chácara, tenho a impressão que voltamos 150 anos, está no ar! É o nosso lugar, não sei se é porque quase todo mundo lá é negro, dá uma sensação de ser todo mundo igual, de tratar todo mundo igual. A gente participa de muita Festa na região, mas parece que na Chácara a gente volta pra casa... Não sei explicar não. O respeito e a alegria que a gente participa é o mesmo em todo lugar, mas, desde que começou na Chácara, parece que lá é nosso lugar [Chefe do Congado, 2012].



Fig. 40 e 41: Congado “pulando” na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chácara. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Desde o início das festividades em Chácara, convencionaram-se Reinados Negros: os fundadores da Festa agiram dessa forma para que não só tivessem oportunidade de pegar a coroa, mas também assegurar que naquele, local a “cor” na Festa fosse mantida:

<sup>197</sup>“As identidades são estratégias simbólicas de lidar com o poder através da diferença, o universo de símbolos e significados traçam a história da cultura de que se faz parte”. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit., 1987, p. 120.

Quando pensamos em criar a Festa na Chácara, foi porque a gente ouvia nossos pais e avós dizerem que nunca tinham direito a uma Festa que era dos seus parentes antigos. O branco apoderou da Festa e não iam viver pra ver um preto pegar a coroa. Pensamos que, se em Airões e em outros lugares, dava certo uma Festa de um dia, porque aqui não daria? Todos colaboram com dinheiro e comida e nunca falta nem ninguém reclama... aqui é mais simples [E., 2012].



Fig. 42 e 43: Reinados Negros na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chácara. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Para os negros de Paula Cândido, sua identidade é construída, reconhecida e mantida principalmente em Chácara, sendo motivo de orgulho para aqueles que sentem necessidade de ter seu espaço e reviver as memórias do seu passado. Segundo Eliade<sup>198</sup>, a partir de certo momento, a origem não se encontra mais apenas num passado mítico, mas também num futuro: “não se pode, contudo, renovar o mundo senão repetindo o que os imortais fizeram”.

Hoje, segundo seus fundadores, a Festa de Chácara já é uma referência aos negros que querem manter sua tradição e percebem a importância da memória vivenciada todos os anos, através do Reinado negro e do Congado. A necessidade de manter viva em seus descendentes a tradição da sua cor é explicitada pelos entrevistados:

<sup>198</sup>ELIADE, Mircea. Op. cit., 1994, p. 50-52.

Minha família toda participa da Festa lá na Chácara, é uma Festa só, lá a gente fica mais à vontade, no nosso meio... Se Nossa Senhora me der a graça de me curar de vez, serei Rainha lá de novo. Fazer a Festa não é fácil mesmo, mas lá, por ser um dia, não pesa tanto. A comida, que é nosso maior medo, sempre dá pra todo mundo: família, amigos, o pessoal que mora lá, quem vai daqui da cidade, o padre, a banda de música e o Congado [L., 2012].

Apesar de recente em relação à da cidade, sua tradição já se consubstanciou. Há uma preocupação em não se inventar nada, apenas seguir o tradicional, nos moldes da cidade. Não raro, ouvem-se comentários de que, entre todas as Festas nas comunidades do município, a de Chácara é a que mais se aproxima da de Paula Cândido, e que as outras não têm a religiosidade encontrada nela:

Só quem vai ver as Festas de perto sabe dizer a diferença que tem nelas, é gritante. A de Airões parece teatro, nem parece religião, é tudo misturado. Na dos Barros, ela é mais sem graça, até o Reinado. Já na Chácara, você vê a fé daquelas pessoas, e o negócio de só ter preto, o compromisso, não tão lá pra fazer graça... É a que mais parece com a da cidade, e olha que ela é mais nova hein! Muita gente deixa pra ir só na da Chácara, além da cidade [S., 2012].

Ato imprevisível e capaz de revestir-se de aspectos diferentes, a Festa, cujos ritos oriundos de uma cultura questionam e ultrapassam os quadros da sociedade ao colocar os homens, por algum tempo, diante de uma realidade transobjetiva, dá uma capacidade infinita de criação e de inovação<sup>199</sup>. Em Chácara, essa inovação festiva age sobre a trama da existência coletiva, transformando-a e modificando-a, ora valendo-se das formas já estabelecidas, ora realizando-se fora de toda configuração conhecida.

A Festa não demanda interpretação, mas solicita apreensão, de modo que o ponto não é identificar a que tipo de sociedade e/ou grupo pertence, mas qual é a relação que ela estabelece. Em outras palavras, o que importa não é o evento periodicamente realizado, não é o fato da Festa em si, mas o mecanismo que se instaura no interior do evento a que se chama festa<sup>200</sup>:

Pra entender a nossa Festa, tem que vir e assistir. É muito comum a gente chamar gente de fora pra ver a Festa e elas não verem como nós. A gente que é daqui sente diferente, tem mais emoção quando vê um Reinado, a Rainha e o Rei, a transmissão da coroa, é tudo muito lindo! [S., 2012].

<sup>199</sup>PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (orgs.). Op. Cit., 2012, p. 38.

<sup>200</sup>Ibid., p. 41.

Na Festa de Chácara, o mecanismo estabelecido é o de reconhecimento de uma cultura por parte dos moradores da comunidade, reconhecimento não só de sua herança cultural e religiosa, mas também de seu significado frente a uma sociedade que se vale, há alguns anos, de sua herança como símbolo e expressão da cultura negra:

Quando a gente vê o Congado pulando e cantando as músicas que a gente não entende, parece que tamo vendo nossos avós e tataravós, dá uma emoção muito grande, meu pai sempre falava que os antigo sabia o que falava, eles diziam que nosso povo que veio da África trouxe muita coisa bonita e que também aprendeu outras coisas bonita aqui e que misturando tudo deu essas coisas, como, por exemplo, o Congado. E que era importante que isso não acabasse, para que os que ainda vêm possam saber de onde vieram sua família [E., 2012].

Em suma, Chácara com seus moradores e respectivos familiares encontram, na sua cultura religiosa e identitária, um meio de se fazerem presentes na sociedade de que participam. Assegurando o local de preservação de sua memória cultural, terão oportunidade de se reconhecerem parte de um tecido social, importante para perpetuação de sua tradição.

Partindo da perspectiva histórica do Congado e da influência do catolicismo em Minas Gerais, passando pela construção da memória e da identidade negra, que são ressemantizadas pela festa e o ritual, até descrição da festividade de Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, com suas tensões e articulações no Reinado e Congado, bem como o desdobramento na comunidade de Chácara, resta fazer uma profunda abordagem do elemento essencial da Festa, sem o qual ela não existe: o Congado.

### 3 “ESSA BANDA É DE DEUS OIA SÓ, ESSA BANDA É DE NOSSA SENHORA OIA SÓ, OIA SÓ...”

A gênese negra da Festa do Congado de Paula Cândido (MG), a condição de pertencimento do homem congadeiro e “um rastro de alegria para dar continuidade...” como a razão de ser congadeiro: eis os aspectos abordados neste capítulo.

Abordar esses aspectos significa considerar a importância da linguagem como um meio para sustentar a formulação de argumentos históricos, antropológicos e sociológicos, em torno da manutenção de uma memória africana reconfigurada no contexto brasileiro. A linguagem é também responsável pela manutenção da herança cultural, em particular a religião, como resistência dos negros e mestiços à opressão sofrida<sup>201</sup>. A partir de um saber que se expressa na fala, na dança, no vestuário e nos objetos, essa herança ancestral divinizada ressoa nas expressões dos Congados. Tanto as músicas e danças dos negros quanto os autos ou dramatizações da vida africana constituem hoje parte integrante do patrimônio cultural do povo brasileiro e são igualmente a matriz de vários autos e danças, desde o século XVII, integrados ao nosso folclore<sup>202</sup>.

A partir dessas manifestações, os negros passaram a pertencer não apenas a uma sociedade em que vivem, mas também a um grupo cuja herança carregada de força transformou todo o sofrimento em fé e em rememoração de sua ancestralidade. Os Congados em Minas Gerais constituem umas das mais ricas e dinâmicas matrizes da memória banto<sup>203</sup>.

Em várias localidades da Zona da Mata mineira, entre as quais Paula Cândido, há bandas<sup>204</sup> de Congado, e todas carregam peculiaridades que as diferenciam. A Guarda “Antônio Coelho”, pesquisada, mostra o sentido e a razão de ser congadeiro: o gesto sagrado e a força vital de seus festejos constituem sua herança ancestral recriada no movimento que mantém ligados o presente e o passado<sup>205</sup>.

<sup>201</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, p. 571.

<sup>202</sup>TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*. Cantos, danças e folguedos: origem. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 107.

<sup>203</sup>O escravismo brasileiro foi eminentemente banto, como prova a presença afro-originada principalmente na música, nas danças dramáticas, na língua, na farmacologia, nas técnicas do trabalho e até mesmo nas estratégias de resistência aqui desenvolvidas, como no caso dos quilombos e das irmandades católicas. LOPES, Nei. Op. cit., p. 09.

<sup>204</sup>Termo correspondente à “Guarda”; o grupo “Antônio Coelho” denomina-se, indiferentemente como “Banda” e como “Guarda”.

<sup>205</sup>MARTINS, Leda. Op. cit., p. 37.

### 3.1 A GÊNESE NEGRA DA FESTA DO CONGADO

Mesmo escravos em sua própria terra, por conta das lutas comuns entre nações rivais, os africanos permaneciam dentro de seu universo cultural comum, uma vez que seus princípios religiosos (com exceção da área islâmica) eram os mesmos, divergindo apenas em seus ritos. A partir do século XV, com a chegada dos portugueses em seu continente, esse universo cultural comum foi rompido, alterando seu comportamento, em virtude do novo processo de escravização introduzido pelos portugueses<sup>206</sup>.

A partir desse deslocamento, os negros, diante da negação de sua ordem no mundo, experimentaram cadeias simultâneas de desordem: linguística (fora de seu ambiente e de seu idioma); estética (seus corpos, gostos e modos eram avaliados pelos brancos); religiosa (seus deuses e suas cosmogonias são transformados em demônios e superstições); moral (desqualificação como seres humanos, identificação como criminosos em potencial); cultural (seus valores e comportamentos eram considerados bárbaros por não estarem nos padrões europeus); afetiva (perda da liberdade, fragmentação dos núcleos familiares, morte e tortura de amigos e companheiros)<sup>207</sup>.

Nas Américas, a história dos negros escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais o sagrado, de modo singular, constitui um “índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social”<sup>208</sup>. As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e constituição, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos com que se confrontaram<sup>209</sup>. Apesar das condições adversas da escravidão, misturando as etnias, fragmentando as estruturas sociais nativas, impondo aos negros, novo ritmo de trabalho e novas condições de vida, as religiões transportadas do outro lado do Atlântico não estão mortas<sup>210</sup>.

---

<sup>206</sup>Transportados para as possessões portuguesas e espanholas – e logo holandesas, inglesas e francesas nas Américas –, os negros africanos, transformados em trabalhadores de engenhos, minas, fazendas no Brasil (...) viam-se romper os laços familiares em que repousava a sua antiga estrutura de vida comunitária, além de serem tratados como coisas, objetos. TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*. Cantos, danças e folguedos: origem. São Paulo: Ed. 34, 2008p. 124.

<sup>207</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). Op. cit., 2010, p. 577.

<sup>208</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 24.

<sup>209</sup>Ibid., p. 26.

<sup>210</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 85.

No Brasil, a partir do século XVII, surgem notícias sobre coroações de reis do Congo, em Pernambuco, realizadas nas confrarias de Nossa Senhora do Rosário<sup>211</sup>, ganhando sua feição de auto popular, definitivamente integrado à tradição nos séculos XVIII e XIX e firmando-se como a história dos escravos e seus descendentes<sup>212</sup>.

Embora a solenidade principal da coroação dos reis do Congo acontecesse dentro dos templos, o auto festivo não se esgotava nesse espaço: incluía a realização de danças e desfiles em que os negros reviviam aspectos ligados àquele mesmo ato na África e que envolviam elementos não apenas políticos (envio de embaixadas tribais ao terreiro ou paço residencial dos reis, onde se realizavam as eleições), mas também religiosos. Deve-se ressaltar que faz parte da constituição dos povos africanos valorizar as danças coletivas simbólicas, que se revestiam quase sempre de intenção mágico-religiosa, e algumas delas faziam parte do verdadeiro auto em que implicava a organização de suas embaixadas<sup>213</sup>.

O evento de coroação de reis e rainhas, no Brasil, ocorria mediante autorização do Estado português e da Igreja Católica, que manipularam, até certo ponto, essas manifestações, a fim de estabelecer maior controle sobre a população escrava. Permitir que os negros celebrassem suas festas religiosas inibia seu desejo de rebelião, porém, apesar da vigilância, a encenação das coroações ofereceu aos negros a oportunidade de reinterpretarem o próprio evento. Por meio das festas religiosas, poderiam articular os recursos necessários para adaptação à catequese cristã, sem, contudo, perderem totalmente suas heranças religiosas. Ou seja, as vivências do sagrado refletiriam suas expectativas de liberdade<sup>214</sup>.

Contada pelos mais velhos e recontada pelos mais jovens que, na aprendizagem da dança e da fé, repetem-na com o mesmo respeito com que cantam as orações aprendidas com seus pais e avós, a tradição é responsável pelo processo de conscientização sobre a condição humana dos negros. Cientes desse processo de luta e de resistência que seus antepassados ofereceram, continuam perpetuando a crença nela, em sinal de respeito e da própria memória que querem resguardar.

O universo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, cujos elementos essenciais são o Reinado e o Congado, fundamenta-se nos seguintes mitos: um diz respeito a Nossa Senhora do Rosário como a mãe negra dos cativos; outro se refere à imagem da história de Chico Rei,

---

<sup>211</sup>“A mais antiga criação cultural dos africanos no território de Portugal”. TINHORÃO, José Ramos. Op. cit., 2008, p. 107.

<sup>212</sup>TINHORÃO, José Ramos. Op. cit., 2008, p. 107.

<sup>213</sup>Ibid., p.116.

<sup>214</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., 2010, p. 579.

um soberano africano (feito escravo no Brasil) que comprou sua liberdade com seu trabalho na mineração<sup>215</sup>.



Fig. 44: Santa Efigênia. 2009  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 45: Virgem do Rosário. 2009  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 46: São Benedito. 2009  
Fonte: arquivo pessoal

O primeiro mito é o da mãe do Rosário como mãe negra dos cativos<sup>216</sup>: quando “Ifigênia, a que depois virou santa”, viu que seus filhos roubados da África sofriam na nova terra, Brasil, onde ela não podia mandar porque era negra, atravessou os mares e veio ter com Nossa Senhora. Esta, a mãe de todos os homens, recebeu de Santa Ifigênia seu manto e prometeu guardar sob ele todos os “homens de cor” que pediam socorro. Desde então, eles passaram a orar para a Santa do Rosário. Perpétua em seu socorro, a imagem de Nossa Senhora minimizava as dores do corpo e as saudades da mãe África. Para que a santa estivesse sempre próxima, os negros, “ligados pelas lágrimas do cativo”, passaram a usar rosários de contas<sup>217</sup>: de Perpétuo Socorro, ela passou a Senhora do Rosário<sup>218</sup>.

O segundo mito, que se refere ao local onde a Nossa Senhora do Rosário foi encontrada e à forma como Ela foi retirada, embasa-se na seguinte narrativa: no tempo da escravidão, os negros escravos viram uma imagem de santa vagando nas águas do mar. Os brancos, com procissões, novenas e banda de música, resgataram-na e a entronizaram numa capela construída pelos escravos, os quais, embora a tivessem construído, não podiam entrar.

<sup>215</sup>RIBEIRO, José da Silva. *Imagens de Congado* - uma experiência visual em antropologia. In: IC - Revista Científica de Información y Comunicación, 2010, 7, pp. 295.

<sup>216</sup>TOMAZ, Laycer. Op. cit., p. 31.

<sup>217</sup>O Rosário de contas é usado também por adeptos da Umbanda e do Candomblé, como proteção contra mau-olhado e quebranto. TOMAZ, Op. cit., p. 41.

<sup>218</sup>Os rosários usados pelos negros em suas orações eram feitos de sementes encerradas no pericarpo de uma planta florífera, popularmente conhecida como lágrima-de-nossa-senhora, conta-de-lágrimas, conta-de-santa-maria. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Op. cit., p. 135-533.

Apesar dos hinos e preces, no dia seguinte, a imagem desaparecia do altar e voltava ao mar ou outro local, de acordo com seu mito de origem. Após várias tentativas frustradas de manter a santa na capela, os brancos renderam-se à insistência dos escravos e permitiram que eles rezassem para a imagem. Uma guarda de congo com seu ritmo saltitante, sua coreografia ligeira, suas cores vistosas, paramentos brilhantes e fitas coloridas, cantou e dançou para a divindade. A imagem movimentou-se, mas não os acompanhou. Vieram os moçambiqueiros (pretos, velhos, com vestes simples, pés descalços, com seus três tambores sagrados, com seus candombes, feitos de madeira oca, com seu canto grave, seu ritmo pausado e denso) e cativaram a santa que, sentada no tambor maior, acompanhou-os<sup>219</sup>.

Quanto ao terceiro mito, o da coroação de reis, narra-se que, tirado de suas terras, um rei africano perdeu a esposa, filhos e súditos no navio negreiro que cruzou os mares e chegou ao Novo Mundo onde serviu como mísero escravo em Vila Rica. Depois de batizado, passou a ser chamado Francisco da Natividade – Chico Rei. Na fazenda onde Chico Rei era escravo, os negros viram a santa numa pedra dentro do mato, com seu manto azul e vestido rosa, segurando o rosário. Ao contarem para seu senhor, ele não acreditou e ainda os ameaçou, mas, quando ele a avistou, quis levar a imagem para sua casa. Para isso chamou o padre e a banda de música, porque a imagem não podia permanecer ali. O senhor mandou levarem-na à capela construída especialmente para Ela, porém, quando pensaram em ir embora, Ela já não estava mais lá, havia voltado para a mata<sup>220</sup>.

Então, Chico Rei, que sabia como conduzir Nossa Senhora do Rosário, reuniu outros negros e, com paus e latas, orando, cantando e dançando, formou uma banda de Congado. Passaram noites inteiras rezando e pedindo, até chegar o momento quando eles se reuniram, carregaram a imagem e, com a força das orações, danças e cantos, cativaram a santa, que os acompanhou até à capela, onde entraram de frente e voltaram de costas, sem nunca deixar de olhar para Nossa Senhora do Rosário, mãe e protetora, e no altar ela finalmente ficou<sup>221</sup>.

Depois de liberto, o soberano Chico Rei organizava festas a Santa Efigênia e a Nossa Senhora do Rosário. Nestas, apresentava-se de coroa e cetro, acompanhado de sua corte: rainha, príncipes, dignitários da corte ricamente vestidos, precedidos de “guardas” e seguidos de músicos e dançarinos<sup>222</sup>.

---

<sup>219</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 45.

<sup>220</sup>LUCHETE, Felipe. *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados*. Essa obra integra as produções do Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular (Universidade Federal de Viçosa), Viçosa: do Autor, 2008, p. 20.

<sup>221</sup>Ibid., p. 22.

<sup>222</sup>RIBEIRO, José da Silva. Op. cit., p. 295.

O retorno à origem é concebido como uma possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a empreende<sup>223</sup>. Isso faz com que, no relato da história do Congado de Paula Cândido, perpassem todos os mitos descritos acima, como modo de atualização e renovação de uma tradição que é responsável por uma identidade que determina um grupo.

De fato, segundo o secretário de cultura, os escravos existentes no povoado de São José do Barroso vieram de Vila Rica trazendo, provavelmente, consigo a lenda de Chico Rei e a tradição do Congado:

Tem um documento que mostra que os escravos comprados pelos fazendeiros daqui vinham de Ouro Preto, Vila Rica. Este documento e outros daquela época foram levados pelo órgão que guarda documentos antigos em Ouro Preto [Secretário da Cultura, 2012].

Segundo a crença do Congado de Paula Cândido, o aparecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário ocorreu na mata que circunda a cidade. Além desses mitos que originaram a Festa, a de Paula Cândido também conta a história de um cisma familiar que explica a rivalidade entre duas bandas de Congado do município (a de Airões e a da cidade).

O chefe do Congado<sup>224</sup> conta que seu avô sempre dizia que Nossa Senhora do Rosário apareceu na mata próxima ao povoado de São José do Barroso, sendo preciso que o Congado, naquela época apenas um grupo de escravos, retirasse-A da mata, porque Ela não aceitava que os brancos o fizessem:

Meu avô contava que Nossa Senhora apareceu na mata, e nenhum dos fazendeiro conseguiu tirá Ela de lá. Depois de muito tentá, pediu pros escravo, que sempre cantava pra Ela na senzala, tentar tirar Ela de lá. Não foi fácil, mas, quando Ela viu a fé dos preto e sua simplicidade, Ela aceitou acompanhá eles até no altar improvisado. Aí a banda de Congado é criada. A partir daí, todo ano eles cantava, louvava e pulava pra Santa. Por isso os fazendeiro respeitava a Festa dos escravos, porque sabia que foi eles que tirou Ela da mata, e tinham medo que Ela voltasse pra lá [Chefe do Congado, 2012].

Outro mito é o da fartura da comida nas panelas, durante a Festa de Nossa do Rosário de Paula Cândido. Para os entrevistados, o fato de a comida ser o bastante para todos os convidados e nunca faltar é obra de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário: “parece que quanto mais tira comida, mais ela aumenta”<sup>225</sup>.

---

<sup>223</sup>ELIADE, Mircea. Op. cit., p., 74

<sup>224</sup>Em alguns momentos da entrevista ele se caracteriza como Rei Congo e em outros momentos como Chefe do Congado.

<sup>225</sup>Essa crença sobre a fartura da comida no dia da Festa em Paula Cândido faz parte da história oral da cidade.

Eis a narrativa de São Benedito: conta-se que ele era escravo cozinheiro e “propriedade” de um senhor muito perverso, que vivia à procura de motivos para castigar Benedito. Um dia, seu senhor mandou esvaziarem a cozinha chamou o cozinheiro, avisando que, naquele dia, teria visitas em casa e, por isso, queria o melhor almoço do mundo. Se Benedito o envergonhasse, iria para o tronco e de lá só sairia morto. Na hora em que o senhor pediu que a comida fosse servida, sem saber o que fazer, o escravo foi levando as panelas vazias para a mesa. Conhecedor de seu destino, Benedito rogava a Deus para salvá-lo. Seu senhor, deliciando-se com a expressão de pânico do pobre, imaginava as chibatadas que lhe aplicaria. Para espanto geral, e maior ainda de Benedito, ao levantar as tampas, descobriram as panelas repletas de uma comida tão cheirosa, que o aroma abriu o apetite de todos. Com ódio nos olhos, o senhor olhou para o escravo<sup>226</sup>. Por esse motivo, depois do almoço, os membros da banda “Antônio Coelho” rogam a São Benedito para que ele sempre proteja aquele lar, não deixando faltar nada àqueles que abriram suas portas para receber a todas as pessoas na Festa.

Em Paula Cândido também existe a versão da história de São Benedito, contada por uma entrevistada:

São Benedito foi aquele que roubava comida (roubava, não, que não era roubo), que tirava comida do rei, e de onde ele era empregado, pra levar pro de outro lugar, pros trabalhador, dos colega dele que tava trabalhando e ele levava comida. Quando encontrou com o rei, o rei perguntou pra ele “Que levas, Benedito, nessa marmita?” aí ele falou: “São rosas, patrão.” E quando o patrão pediu pra ele: “Então descansa, Benedito, a marmita”. E ele tinha comida lá dentro, ele passou tanto aperto, mas ele tampou a marmita. E Nossa Senhora do Rosário fez esse milagre. Que o que estava dentro da marmita, ele viu, era rosas, virou rosas a comida. E quando ele chegou pra entregar a comida pros companheiros dele, já era comida. E foi um milagre muito bom de Nossa Senhora, porque ele tinha muita fé em Nossa Senhora do Rosário [L, 2012].

Quanto ao cisma familiar, conta-se que, nos primeiros anos da Festa de Nossa Senhora do Rosário, havia um único grupo de Congado formado por escravos de fazendas do povoado de São José do Barroso, principalmente de onde hoje é o distrito de Airões e do Córrego da Garapa<sup>227</sup>. Segundo contava o avô<sup>228</sup> do chefe do Congado, a separação ocorreu depois da abolição da escravatura. O pai de Joaquim e Antônio (ainda não foi encontrado

<sup>226</sup>TOMAZ, Laycer. Op. cit., p. 38.

<sup>227</sup>Comunidade rural do município que fica a 2 km do centro urbano de Paula Cândido.

<sup>228</sup>Antônio Coelho Sobrinho (conhecido como Antônio Coelhinho), filho de Joaquim Coelho e sobrinho de Antônio Coelho, filhos do primeiro Rei Congo do povoado de São José Barroso.

registro do seu nome) dirigia a banda de Congado. Com sua morte, como os dois filhos não entraram num acordo, quanto à substituição do pai, ambos romperam, e o grupo dividiu-se, de forma que Joaquim tornou-se Rei Congo do grupo do Córrego da Garapa, e Antônio tornou-se Rei Congo no local onde hoje é o distrito de Airões<sup>229</sup>:

É que antigamente, quando chegou a época do Antônio Coelho, o mais antigo, o irmão do pai do meu avô, ele morava aqui na rua das Flor... Ele que colocou essa política das bandas congo e que acabou dividindo as bandas, essas rixas, essas brigas. Já na época do Chico Botelho, lembro que ele falava que dançava tanto aqui quanto no Airões. E num tinha essa rivalidade. Mas isso era pra ele, porque pros outros tinha sim (...). E hoje até a nossa banda tem muitas crianças até que, sem ter nada com essa rivalidade, não aceita ainda que outra turma vem pra cá. É engraçado! Que eles não sabem de nada ainda, que são muito jovens, mas como que mesmo sendo jovens eles ainda não aceitam. Não vai pra lá pra dançar, mas também não vem... mas nós temos esse compromisso de tá ajudando um ao outro [Chefe do Congado, 2012].

Tempos depois, seu Antônio, em Airões, ensina a arte do Congado a José Lúcio da Rocha, tornando-o Chefe da banda, e o distrito de Airões passa a ter Festa própria. As bandas<sup>230</sup>, surgidas após esse desentendimento não ritualizam juntas e não participam reciprocamente de ambas as festas. Seu Antônio torna-se o único a integrar das duas bandas. Quando Seu Joaquim faleceu, seu filho Antônio Coelho Sobrinho (conhecido como Antônio Coelhinho) assumiu a liderança da banda de Paula Cândido, e seu neto é hoje o Chefe, o Rei do Congado:

Eu participava com meu avô desde meus 7, 8 anos, mas, só quando ele ficou doente, que ele me ensinou tudo que deu tempo de ensinar porque ele adoeceu e aí começou a me preparar, me passou algumas coisas o que ele aprendeu com o pai dele. Principalmente sobre respeito. O respeito é muito grande, entendeu? Cada um pode ter uma religião, mas se algum dia fizer alguma coisa errada, vai pagar é pra Deus. Então tem é que ter o respeito, dizia ele. Ele falava muito que antigamente as pessoas dançavam muito o congado descalço, que as pessoas eram mais católicos... Na época eram mais, assim, unidos. As pessoas vinham de longe pra dançar o congado, que a festa enchia muito de gente. Isso, sim, ele falava muito [Chefe do Congado, 2012].

Apesar de haver respeito entre as duas bandas, porque ambas tiveram a mesma origem, elas não “pulam” juntas. Dessa forma, percebe-se rivalidade, na medida em que os

<sup>229</sup> LUCHETE, Felipe. Op. cit., p. 137.

<sup>230</sup> A banda de Paula Cândido tem como nome: “Banda de Congos Antônio Coelho” e a banda de Airões: “Banda de Congos José Lúcio da Rocha”.

dois grupos não participam de ambas as Festas. Acontece até de um membro da banda ser convidado para participar da outra, mas, deve-se ressaltar, esse membro é o Chefe ou os Reis-do-Meio, não a banda inteira. Ainda que o Chefe faça questão de afirmar que não existe rivalidade, ao mesmo tempo, talvez, para minimizá-la, ele reforça a ideia de respeito. De fato, segundo ele, até as crianças da banda de Paula Cândido veem incômodo ter integrantes da outra banda. Como se percebe, embora não afirmem explicitamente essa rivalidade, desde cedo, até as crianças incorporam-na.

Há diferenças entre as duas Festas: enquanto a de Airões permite mulheres na banda e a participação de um grupo de Maracatu, formado por alunos da UFV, a de Paula Cândido é mais fiel à tradição, não permitindo mulheres na banda nem a interação com grupos de outras manifestações culturais, como em Airões. Atualizando sua herança, a banda de Congado de Paula Cândido, em sua formação e ritualística, é um grupo diferenciado:

Meu pai sempre era convidado pra “pulá” em Airões, ele era o Rei-do-Meio, por isso só ele ia, ele não via problema nenhum nisso, mas era diferente de nós aqui. Eu mesmo danço em várias bandas de congo e tô em quase todas, danço aqui, danço na banda no Airões, danço com Sô Dola, lá no Fundão, Antônio Pereira, no Cachoeirinha, que graças a Deus tem umas banda muito boa. Então não tem essa demanda, e a gente que é Embaixador, então aceita mesmo. Mas os antigo num gosta, muito não. Hoje eu acho que a gente tá deixando de lado pra ajudá mesmo a reforçar a banda... [A., 38, negro, Rei-do-Meio da Guarda de Congado, 2012]<sup>231</sup>.



Fig. 47: Congado de Airões. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 48: Congado de Paula Cândido. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

<sup>231</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida pelo Rei-do-Meio da Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG).

No ambiente sagrado do Congado, a narrativa falada ou cantada representa o próprio devoto em ação, ao mesmo tempo em que convida a todos os ouvintes para participarem do enredo. Através do discurso, o congadeiro costura os vínculos entre as gerações, divulga valores éticos e morais, oferece modelos de comportamento e aponta caminhos de mudança de realidade<sup>232</sup>:

É preciso que os que fazem parte do Congado entendam a responsabilidade de ser congadeiro, eu tenho que cobrar a postura deles e o respeito pela nossa tradição, senão vira bagunça. Mas os que entram na banda sabem como é e obedecem às regras, sempre foi assim, tem que tá todo mundo junto, não pode beber, concentração no que tá fazendo [Chefe do Congado, 2012].

O congadeiro pode ser visto “como um livro vivente” ao qual as pessoas recorrem com a intenção de conhecerem a si mesmas e o mundo em que estão situadas. É necessário que os saberes congadeiros sejam distribuídos e apreendidos por todos aqueles que fazem parte do grupo e por todos que assistem à manifestação do Congado<sup>233</sup>.



Fig. 49: Congado ritualiza após o almoço. 2012  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 50: Chegando na igreja. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

<sup>232</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., p. 16.

<sup>233</sup>Ibid., p. 18.



Fig. 51: preparando para a procissão. 2011  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 52: Ritualizam esperando os andores. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Os rituais presentes em toda a tradição congadeira produzem nos seus participantes um lugar de pertencimento, não apenas como seres sociológicos, mas também como herdeiros de um passado, de cuja lembrança e atualização constantes dos mitos é possível orgulhar-se. Ou seja, por meio dos tempos dialéticos (irreversível e reversível), ensina-se aos descendentes seu lugar neste mundo onde tradição, cultura, religiosidade e identidade fazem parte do indivíduo.

### 3.2 A CONDIÇÃO DE PERTENCIMENTO DO HOMEM CONGADEIRO

Por acreditar que todos os atos do dia-a-dia regem-se por vontade sobrenatural e que subordinam os homens a constantes encantamentos e sortilégios, os africanos desenvolveram um complexo ritual de vida que exigia uma invocação especial, através de cantos e danças para praticamente cada ação desempenhada<sup>234</sup>. Outra característica comum entre esses africanos e seus descendentes era compensar os rigores de sua sujeição pela prática catártica da permanente disposição para o riso e para a diversão<sup>235</sup>.

Segundo Bastide<sup>236</sup>, por não poder defender-se contra um regime através do qual todos os direitos pertenciam aos brancos, o negro refugiou-se nos valores místicos e no culto às divindades trazidas da África, os únicos que não lhes podiam ser tirados.

O espírito alegre, ruidoso e carnavalesco peculiar dos negros conferia um traço de extravagância que a festa dos brancos não conhecia<sup>237</sup>. A prova disso era a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, ainda em Portugal, que tinha, em sua irmandade, devotos que demonstravam sua fé cristã com efusão africana<sup>238</sup>: por meio dos sons ruidosos das zabumbas, dos tambores e canzás, dos pandeiros e das violas, o negro emprestava à festa o tom africano dos batuques tão indissociavelmente ligados à música africana, a partir de sua própria tradição religiosa, baseada na prática de rituais dançados<sup>239</sup>.

Uma prova disso é a alegre presença dos negros e sua vigorosa música nos círios, por ela transformados no mais animado exemplo de folia devota popular<sup>240</sup>. A dança ritual evocativa de batalhas entre os africanos, vista pelos europeus apenas como aspecto carnavalesco, representava, na verdade, muito além da visão do branco, a resistência, a afirmação e a defesa da identidade cultural negra<sup>241</sup>.

É possível que, nos primeiros tempos, cada nova leva de africanos recém-chegados ainda tentasse salvar, como fizeram com a religião, os restos de sua cultura e seus costumes desarticulados, cantando suas canções originais enquanto trabalhavam<sup>242</sup>. As condições de

<sup>234</sup>TINHORÃO, José Ramos. *Op. cit.*, 2008, p. 123.

<sup>235</sup>TINHORÃO, José Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 64-66.

<sup>236</sup>BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 96-97.

<sup>237</sup>TINHORÃO, José Ramos. *Op. cit.*, 2012, p. 87.

<sup>238</sup>Ibid., p. 80-81.

<sup>239</sup>Ibid., p. 89.

<sup>240</sup>Ibid., p. 114-115.

<sup>241</sup>Ibid., p. 119-121.

<sup>242</sup>Ibid., p. 124.

trabalho impostas pelos colonizadores levaram os escravos a uma espécie de adaptação de seu antigo costume: ao invés de se dirigirem aos poderes ocultos da natureza, passaram a usar os versos de seus cantos; para conversar entre si, enquanto trabalhavam, misturavam ao seu dialeto o português, ocultando o sentido do que diziam.

O culto aos ancestrais, tão enraizado nos costumes e na civilização de todas as etnias africanas deixou resquícios de atitudes mentais, de formas de comportamento e de tendências sentimentais entre os escravos<sup>243</sup>.

Por meio do jogo metafórico das imagens, desenvolveram ainda uma grande variedade de cantos entoados em coro para concentrar forças ou dar cadência a gestos coletivos. Estrategicamente, os colonizadores permitiam que seus escravos cantassem e dançassem, já que seus folguedos eram uma forma de alívio do cativo, além de não ser viável que estivessem desconsolados, melancólicos e doentes<sup>244</sup>:

Para Martins<sup>245</sup>, ser transmigrado para as Américas e ver seu continente dividido em “guetos” não foi suficiente para apagar no negro o “corpo/corpus africano”. Os signos culturais, textuais, além da complexa constituição simbólica fundante de sua alteridade, de suas culturas, diversidades étnicas, linguísticas, civilizações e história, estão presentes no Congado e em várias outras formas de cultura afro-brasileira, entre as quais a cultura banto. Esta, para Bastide<sup>246</sup>, cultua os ancestrais familiares, as linhagens, os clãs; os ancestrais do chefe são objeto de culto por parte de todos os membros da tribo e servem de intermediários entre os homens e o Deus supremo.

A influência dos bantos na formação cultural brasileira estende-se para além do mero aspecto linguístico<sup>247</sup>, estando também na religiosidade e nas narrativas do Congado, que expressam as experiências comuns, os valores do passado de seu povo e o saber banto<sup>248</sup>. Segundo Lopes,

Os Bantos constituem muito mais do que uma etnia ou grupo étnico, devendo, isto sim, ser vistos como um grande conjunto de povos falantes de línguas que tem origem comum, como por exemplo, os povos latinos, anglo-saxões, célticos etc.<sup>249</sup>.

<sup>243</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 185.

<sup>244</sup>Ibid., p. 125-126.

<sup>245</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 24-25.

<sup>246</sup>BASTIDE, Roger. Op. cit., p. 85-86.

<sup>247</sup>LOPES, Nei. Op. cit., p. 93-95-97.

<sup>248</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 37.

<sup>249</sup>LOPES, Nei. Op. cit., p. 96.

Para esses povos, que concebem Deus no vértice das forças como espírito criador, dotado de poder por si mesmo, há uma importância atribuída aos antepassados: os espíritos dos ancestrais são os intermediários entre a divindade suprema e o homem, que, numa hierarquização, é concebido como um elemento participante de sua força<sup>250</sup>.

Nos rituais do Congado, pressupõe-se a necessidade de o indivíduo interpretar as heranças recebidas de seus ancestrais e de respeitar os mais velhos. Esse aspecto revela o lado mais conservador da tradição, reafirmando uma hierarquia e assegurando o caráter dialético<sup>251</sup>. O Chefe, com um apito, demarca o tempo para que o grupo comece a tocar os pandeiros e cadenciar seus passos rumo à igreja para o levantamento do mastro. Inspirado nos ensinamentos de seu avô, ele repete, com respeito, os gestos de ordem. Os mais novos se aquietam ao ouvir o apito e, concentrados, observam os sinais que são interpretados por todos.

Na banda “Antônio Coelho”, os mais novos estão subordinados não apenas ao Chefe, mas também aos componentes mais velhos da banda. Nem mesmo o Chefe do Congado toma decisões sem antes aconselhar-se com os mais velhos, cuja sabedoria é superior:

Ser Chefe ou Rei do Congado não é fácil não! Ele tem muitas responsabilidades, tem que enfrentá as demanda, ensiná os pequeno o que é ser congo, tem que tá preparado pro que vié. Mas o mais importante é que ele num faz nada sem tomá opinião com os mais véio e experiente [A., Rei-do-Meio, 2012].

Para o africano em geral e para o banto em particular, o ancestral é importante porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra, contribuindo para a evolução da comunidade, ao longo de sua existência, devendo, por isso, ser venerado<sup>252</sup>. Ele atesta o poder do indivíduo servindo como exemplo não apenas em suas ações, mas também na assimilação consciente de suas responsabilidades:

Por força de sua herança espiritual, o ancestral assegura tanto a estabilidade e a solidariedade do grupo no tempo quanto sua coesão no espaço. Assim, o culto aos ancestrais (míticos, reais e familiares) tem uma repercussão inestimável na tradição negro-africana<sup>253</sup>.

Com efeito, um dos rituais de maior importância para o Congado “Antônio Coelho” é a passagem pelo cemitério, nos dois dias de Festa, quando faz reverência aos seus

---

<sup>250</sup>Ibid., p. 149.

<sup>251</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., 2003, p. 26.

<sup>252</sup>LOPES, Nei. Op. cit., p. 152.

<sup>253</sup>Ibid., p. 152.

antepassados, que merecem respeito. Por outro lado, numa atitude de circularidade e continuidade, as crianças já são vistas como parte integrante do Congado, reforçando, assim, as características da cultura banto, para qual não há interrupções e rupturas:

A gente vai no cemitério pra homenagear os Congados que já foram e até mesmo os parentes e amigos. E pra dar sequência na tradição, exatamente. E pra pedir pra que eles descansem em paz porque ali... Ali a gente tá dando sequência no que eles deixaram [Chefe do Congado, 2012].

Segundo Lopes<sup>254</sup>, os bantos não adotaram o cristianismo passivamente. Num processo dialético de imposição e de adaptação, os bantos assimilaram o catolicismo, imprimindo-lhe inflexões ao seu jeito, ao seu modo e transformando-o num catolicismo peculiar: além de permear práticas da religião tradicional negro-africana e do culto banto aos antepassados, incorporou elementos brasileiros aos seus cultos. Pode-se dizer que, nesse processo dialético, encontram-se as cerimônias do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e também os Congados, nos quais santos católicos são festejados africanamente<sup>255</sup>.

Reflexo dessa concepção de religiosidade ligada à natureza e ao sobrenatural, da predisposição dos negros à efusividade e ao colorido, bem como da influência dos bantos quanto ao respeito pelo ancestral e à importância da herança cultural, configura-se o grupo de Congado “Antônio Coelho”, de Paula Cândido (MG), com marcantes especificidades locais. Por meio da cultura e da memória, durante os rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário, nessa cidade, no mês de outubro, o grupo constrói seu diferencial, criando a narrativa da fidelidade:

Não tem mulher na banda, isso já é uma tradição antiga, é da época que já vem dos antepassados nossos, dos antigos aqui. Não tem porque mudar é assim e pelo menos eu concordo, assim que eu fui acostumado. Se mudasse ia misturar as coisas também. Graças a Deus que foi vindo assim, é até melhor que, senão as coisas iam mudar demais. Do jeito que tá, tá ótimo [Chefe do Congado, 2012].

---

<sup>254</sup>Ibid., p. 192.

<sup>255</sup>MARTINS, Leda Maria. Op. cit., p. 31.



Fig. 53: Congado com mulheres. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 54: Congado sem mulheres. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

No ritual da Festa de Paula Cândido, existe uma ordenação de hierarquia, de obrigações, de espaço e de tempo criteriosamente seguida: hierarquia de poder entre os congadeiros (Chefe, Rei-do-Meio, Corta-Vento, carregadores das bandeiras, os instrumentistas e os “puladores”); obrigações de cada um com o grupo e com a Festa, na sequência de suas atividades de cantar e dançar (nas procissões, no levantamento do mastro, na alvorada, na retirada do Reinado Velho e do Reinado Novo de suas casas, no almoço, na porta da igreja durante a reunião da Mesa, na retirada dos Reinados após a coroação, na distribuição dos doces); regras de espaço (locais de ritualização – porta da igreja, local do mastro, cemitério, casa dos Reinados); regras de tempo (a alternância entre a banda de música e a banda de congo – no momento da música e no momento ritual da comida):

Tem o Rei Congo e o Rei-do-Meio, que é o primeiro Mestre. E assim, na hora de cantar, pra não falar Primeiro Mestre, fala Rei-do-Meio. Os mestres são que nem eu sou o Rei Congo, ou Chefe. Tem o Zé, que é o primeiro Mestre, e o Adriano, que é o segundo Mestre. E a gente divide as responsabilidades porque ali o Rei Congo é aquele que assume tudo. Ele que tira o Rei Festeiro, se ele não puder, quem faz é o primeiro Mestre. Se ele não tiver, é o segundo Mestre, que tá no ponto, que tá sempre preparado [Chefe do Congado, 2012].

De fato, obedece-se a uma criteriosa ordenação de espaço: o Chefe, os Reis-do-Meio, os Corta-Ventos ficam sempre centralizados no grupo e, em volta deles, ficam duas fileiras de

congadeiros com seus pandeiros, como se estivessem protegendo-os de alguma “demanda”, como afirma o Chefe; e os violeiros e o sanfoneiro, ora no centro, ora nas fileiras.

Somando-se a essa ordenação, o repertório é definido de acordo com alguns lugares especiais. Todo esse conjunto ratifica que, no fato de ser congadeiro, resume-se sua verve de negro. São mais visceralmente negros por serem congadeiros:

Justamente, eu sou mais negro porque eu sou do congo. Apesar de todo o preconceito também, né. (...) Pra mim tem uma identidade negra mesmo porque eu me considero negro e ainda mais participar do Congado também... É a coisa mais importante da minha vida. Eu deixo de fazer qualquer outra coisa. Só se Deus não permitir [Chefe do Congado, 2012].

Esse pertencimento por parte dos negros, promovido pelos rituais congadeiros da banda “Antônio Coelho”, ocorre por meio dos mais variados significados por eles recebidos: instrumentos musicais (além dos instrumentos como pandeiro, ganzá, violão, o de Paula Cândido usa viola e sanfona); cantos (além das músicas herdadas dos antepassados, eles cantam outras de própria autoria); cores vibrantes (usam roupas brancas, saias de cores variadas e enfeitadas de fitas coloridas sobre a calça branca, camisetas brancas estampadas com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, chapéus brilhantes e adornados de espelho e flores coloridas; diferenciando-se dos demais, os componentes do centro da guarda usam capas também coloridas); gestos que repetem de seus ancestrais (reverenciar a bandeira, ajoelhar-se na porta da igreja fechada, dançar em círculo batendo espadas e pulando, carregar o andor, o entrar de frente e sair de frente para o altar, o ajoelhar no cemitério e reverenciar os congadeiros mortos).

Além desses significados herdados, os congadeiros de Paula Cândido constroem seu próprio espaço ritualístico: ao lado da igreja, situa-se o mastro onde se hasteiam as bandeiras dos santos (São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário); o espaço em frente à igreja é o lugar sagrado, nos dias da Festa, onde, contritamente cantando, dançando e rezando, os congadeiros entregam-se à proteção de Nossa Senhora do Rosário; a casa dos Reis, onde tomam café (na alvorada) e almoçam<sup>256</sup>, é o lugar de agradecimento à santa pela graça do alimento; as ruas, invadidas pelos cortejos dos Reinados, do Congado (com seus batuques, pandeiros, cantos e danças) e da banda de música, transformam-se num vasto lugar sagrado, onde os seus habitantes são tomados pela sacralidade da Festa.

---

<sup>256</sup>Por questões práticas de espaço, atualmente, tem sido comum servir o café e o almoço fora da casa dos Reis Festeiros, sendo normalmente na casa paroquial e na escola, respectivamente.



Fig. 55: instrumentos no Congado. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 56: Corta-Ventos. 2010  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 57: Reis do Meio. 2011  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 58: Rei ou Chefe do Congado. 2011  
Fonte: arquivo pessoal

Por meio dos “cantopoemas<sup>257</sup>”, discursos elaborados durante as celebrações e aceitos pelo grupo, permeando suas vivências cotidianas, o devoto da banda “Antônio Coelho” reinaugura o sentido e a forma da palavra, dando importância à letra e à melodia:

<sup>257</sup> Expressão usada para designar uma refinada elaboração da linguagem e dos arranjos sonoros. “A leitura das letras, isto é, dos poemas, permite-nos analisar os aspectos que privilegiam o ponto de vista da escritura do texto, ainda que na maioria das vezes a escritura pareça ocupar um plano secundário em relação ao canto” PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., 2010, p. 572.

Meu avô me ensinou todos os cantos, alguns eu não sei o que quer dizer, mas sinto uma emoção muito grande ao cantar. Meu avô também dizia que aprendeu assim e que não sabia o que era. Mas que importava era a emoção nas letras e na voz. Basta sentir... [Chefe do Congado, 2012].

Rememoram, ano após ano, a vivência do religioso no grupo, as experiências adquiridas ao longo do tempo, sendo, eles mesmos, mais a história do próprio lugar do que a história de um povo. O mergulho na sua ancestralidade de fé é tão intenso que, já a partir do momento em que se reúnem para acompanhar a procissão de levantamento do mastro, a vivência do sagrado é reverberada em cada gesto, em cada passo, em cada ritmo:

Teve um ano que vim pulá na Festa passando mal, mas Nossa Senhora deu um jeito e quanto mais eu suava, mais eu melhorava... Nem acreditei, porque guentá os dia de Festa não é fácil não, tem que tá com a cabeça na Santa. Como num acreditá na força Dela, se é Ela quem faz a gente guentá? Os menino tão vendo isso todo ano, acham que num consegue e quando vai vê, deu conta... [M., 60, negro, Rei-do-Meio da Guarda de Congado, 2012]<sup>258</sup>.

De maneira alegre e única, como se nunca o tivessem feito antes, manipulando a dança e apreendendo a palavra, através da narrativa de devoção a Nossa Senhora do Rosário, os congadeiros colocam-se diante do sagrado como servidores e senhores do discurso<sup>259</sup>. Os entrevistados afirmam que estar no grupo não é motivo apenas de orgulho, mas também de concepção de vida. Assim como seus antepassados escravos, eles trazem no corpo e na alma a entrega às suas tradições permeadas nos cantos e nas danças:

Ser congo é motivo de muita alegria! Num me imagino num sendo congo... Meus filho faz parte do Congado desde criança, e quando vejo eles na banda, fico muito orgulhoso, acho até que pulam melhor que eu. Nós os mais velho da banda precisamos ensinar os mais novo a nossa história, e nosso orgulho de sê, quem somo, por isso que eu acho que o Congado num caba nunca [ B., 45, negro, componente da Guarda de Congado, 2012]<sup>260</sup>.

Ao manejarem seus códigos, colocando em prática seus projetos de superação da exclusão social, os congadeiros realizam-se como sujeitos da comunicação. Alguns integrantes dizem que, no momento de seus rituais, sentem-se parte de um grupo social e que o orgulho de sua cor e de seus ancestrais está constantemente concretizado:

<sup>258</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida pelo rei-do-meio da Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG).

<sup>259</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., 2010, p. 572.

<sup>260</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida por um componente da Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG).

Quando me preparo pro Congado, penso primeiro nesses homens que fizeram da nossa Festa uma coisa mais bonita, mesmo que não pudesse fazer o que queria, nesse dia ele era livre, né! A gente nem consegue imaginar como era difícil, mas pulá com muita alegria é o que fazemos pra lembra todo esse povo [M., Rei-do-Meio, 2012].

Pertencer a um grupo que vivencia todo ano sua cultura negra “não tem preço”, a felicidade está em mostrar a todos a contribuição que eles trouxeram e trazem à sua cidade:

Os antigo pulava de pé descalço, mas hoje ninguém pula mais assim. Eu acho que deveria ser como antes: representamos nossos parentes antigos, os escravos. Gosto de fazer parte desse grupo, tenho orgulho de ser negro, principalmente quando tô lá pulando, mostrando pra todo mundo de quem a gente herdou essas coisa! É muito bom! [E., componente do Congado, 2012].

O Congado de Paula Cândido retrata seus “cantopoemas” através não só da música, mas também da dança, exprimindo os significados dos gestos rituais e da palavra poética<sup>261</sup>:

Mas ainda hoje escrevemos músicas também, eu e o Zé. A Música pra gente é muito importante. E tem uma música ali que eu gosto muito e, assim, eu acho que, quando canto, o meu avô ta sempre comigo, é a virgem do Rosário. Desde os ensaios, alguns meses antes da Festa, sinto alguma coisa muito forte que não sei explicar [Chefe do Congado, 2012].

Tanto que, como o Chefe congadeiro entrevistado afirmou, eles compõem alguns de seus cantos, tomando para si a tarefa de reforçar sua tradição:

*Não chora companheiro / Num chora / não chora companheiro / Num chora / não chora companheiro / Num chora ô lelê / eis aqui nossa bandeira milagrosa / Olha nós aí companheiro / Viemos te visitar / Olha o congo aí companheiro viemos te homenagear... (canto congadeiro, no cemitério, homenageando os mortos)<sup>262</sup>.*

Os integrantes da banda “Antônio Coelho” sentem que precisam, todo ano, atualizar para a comunidade os valores herdados e transmitidos, não apenas por ser uma cultura ou folclore, mas, principalmente, por ser sua própria história, mais que de homens e brasileiros, sobretudo, de negros e religiosos.

<sup>261</sup>PEREIRA, Edimilson de Almeida. Op. cit., 2010, p. 576.

<sup>262</sup>Para diferenciar, das citações e das entrevistas, as letras dos cantos de Congado e a oração serão transcritas em itálico.

Levando a sério, participando cuidadosamente de cada momento ritualístico da Festa, sentem-se como protagonistas do enredo que escrevem.

Desde os cinco anos tô na banda. Contam que meu avô pulava muito, meu tio pula desde pequeno e me ensinou tudo que eu aprendi... Acho muito importante levá a sério tudo que a gente canta e dança na Festa. Tem muito colega meu que quer pulá de brincadeira, mas aí eu falo: num é brincadeira, isso é o que os antigo fazia, não é festa, é o que o povo negro deixou pra gente [R., 10, negro, Corta-Vento da guarda de Congado, 2012]<sup>263</sup>.

Absortos em suas danças, nem percebem que todos os olhares estão voltados para eles: com vivacidade, cantam e dançam para a Virgem do Rosário pedindo força para mais um ano.

*Ai Deus do céu / e louvado seja / Aiô Bendito / se mostra na mesa do altar / ai lá do céu tem três estrelas / e todas três lá no pé da lua / ai lá as três e inhora no meio / é maior do que a lua / O Deus do céu / traz a santa / onde Deus fez morada / onde mora o caliz bento / aê a hóstia consagrada no altar... (canto congadeiro “O Bendito”).*

Embora o mito de Paula Cândido sobre a aparição da santa seja na mata, a coreografia da banda que retrata seu deslocamento do lugar de sua aparição até a capela está representado, tanto na letra dos cantos quanto nas suas danças, pelo balançar das águas do mar:

*Hoje é o dia da infância da senhora do Rosário / então vamo cantá São Benedito e a senhora do Rosário / a Virgem do Rosário é verdadeira / Tá caindo flor, tá caindo flor / no céu na terra oi tá caindo flor / São Jorge entrou na roda pra ver o povo pulá / pula pra lá, pula pra cá / o São Jorge vai te ajudar / oi tem dendê / oi tem dendê / nas onda do mar /oi tem dendê (canto congadeiro, após o levantamento do mastro)*

Durante os cantos e as danças, demonstrando religiosidade tal qual na época dos cativeiros, os congadeiros de Paula Cândido pedem que Nossa Senhora do Rosário os proteja como fazia com seus antepassados. Suas danças remetem ao cativo que usava seu corpo como espaço de luta e fé, não só pela sobrevivência, mas também como afirmação de sua humanidade perante uma sociedade que os via apenas como objeto, as letras de suas músicas refletem o carinho que têm com a protetora do Rosário:

---

<sup>263</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida por um Corta-Vento da Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG).

*Eis aqui tão belo dia / e também tão bela hora, / nós viemos de tão longe / pra louvar Nossa Senhora. Essa é uma música que a gente canta na porta da igreja e fala de todo o amor que os congo têm pela Santa do Rosário, tem muitas outras também que a gente canta em outros momentos da Festa...* [Chefe do Congado, 2012].

A partir de seus rituais, fazem-se pertencentes não apenas da cidade onde vivem, mas de um mundo muito mais complexo, que é o dos seus ancestrais negros feitos escravos e de onde tiram forças para construírem sua identidade negra e manterem sua cultura como algo que deva ser comemorado:

Faço parte do Congado porque gosto muito dessa tradição, na minha família não tinha ninguém no Congado, sou o primeiro. Quando olho o Congado, penso que é uma coisa da nossa cor, é o que temos pra mostrar pro povo, fico orgulhoso de cantar essas músicas e dançar essas danças, é nossa história! [R., 21, negro, Corta-Vento da guarda de Congado, 2012]<sup>264</sup>.



Fig.59: Congado “Antônio Coelho” 2010  
Fonte: arquivo pessoa



Fig.60: ordenação do grupo. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

<sup>264</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida por um Corta-Vento da Guarda de Congado “Antônio Coelho” de Paula Cândido (MG).

Quando se ajoelham diante da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, entoando o canto “Bendito” e pedindo proteção para mais um ano de festividade e devoção, estão também reafirmando sua cultura. Seus cantos constantemente remetendo à Virgem Maria consistem no ponto culminante de todo o ritual, durante os dois dias da Festa:

Eu sinto que todo ano quando venho pra Festa, é como se eu confirmasse pra Nossa Senhora minha fé nela e também reconhecer que o que os antigo deixou pra gente deve ser cuidado com carinho, respeito. Os jovem têm que sentir isso também pro Congado não cabá... Nós, os velho, falamos sempre com eles que temos responsabilidade com os preto que já morreram e que começaram isso tudo. Tem que ter orgulho de ser preto! [M., Rei-do-Meio da Guarda de Congado, 2012].

Em cada movimento, ritmo, sorriso, suor, está presente, desde o século XIX, não só a devoção à Santa do Rosário, mas também um povo que não se cansa de lutar por seu lugar e seu reconhecimento. O Congado faz de sua devoção um motivo para que seus antepassados sejam lembrados e homenageados e que seus descendentes tenham, assim como eles, um passado a lembrar e uma tradição a atualizar e uma cultura a legitimar.



Fig. 61: Devoção. 2010  
Fonte: arquivo pessoal

### 3.3 “UM RASTRO DE ALEGRIA PARA DAR CONTINUIDADE”: A RAZÃO DE SER CONGADEIRO

Recriando-se anualmente, a partir de uma lógica própria ancorada a uma narrativa de origem, durante seus rituais festivos, compostos de histórias recriadas a cada geração, o Congado “Antônio Coelho”<sup>265</sup>, de Paula Cândido, resiste à modernidade e ao tempo. Para poder continuar existindo, seus congadeiros aproximam fé e Festa.

Depois de cantar o “Bendito”, os congadeiros levantam-se. Movimentando-se em círculo, o Chefe e os Reis do Meio invocam, em voz alta, a proteção de Nossa Senhora do Rosário. O Chefe do Congado pronuncia, contritamente, a seguinte oração:

*Virgem do Rosário, Rainha das alegrias, Vós alcançou o trono no reino da glória. Assim sou seu fiel em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

Nesse momento, todo o grupo faz o sinal da cruz, em reverência à invocação, e o Rei-do-Meio convida os congadeiros a proteger a Santa:

*Amigos fiéis e companheiros, hoje foi chegado o dia de todos aqui, devotos de plantão do Santíssimo, do Rosário de Maria e tá tudo em Vossa alegria / Ensaïemos e retiremos Satanás em tirania.*

Nesse instante, o Chefe, os Reis do Meio e os Corta-Ventos, munidos de espadas riscam o chão, demarcando, ritualisticamente, seu território santo, enquanto os demais congadeiros vibram o pandeiro: esse ritual dura por volta de 2 horas, quando os congadeiros vão descansar para que, durante a alvorada, às cinco da manhã, possam cantar e dançar novamente no café. Dialeticamente, nesse ritual, mais do que retomar sua tradição religiosa, o grupo, atualiza sua crença, pedindo proteção do espaço onde acontecerá, nos dois dias, a Festa:

Reforçando os laços com Ela, pra tá firmando também o nosso Congado na rua. Sua proteção pra todos, para que tudo corra bem no dia-a-dia, contra as demandas, é a coisa mais importante (...) até quando terminar a Festa [Chefe do Congado, 2012].

<sup>265</sup>Nos rituais de início da Festa, na noite do levantamento do mastro, por não disporem vestuário típico do Congado suficiente para usarem nos dois dias da Festa, os congadeiros ritualizam na porta da igreja com roupas comuns.

Ao vivenciar o Congado em sua plenitude, o congadeiro busca sua proteção através de símbolos, como o sinal da cruz ou o ajoelhar perante a igreja. Dessa forma, ele não separa as práticas apreendidas do catolicismo popular das reminiscências de sua ancestralidade. Sua religiosidade permite que, ao mesmo tempo em que louva Nossa Senhora do Rosário, também ritualiza conforme seus ancestrais africanos:

Ele (o avô), sempre falava: ‘O Bendito, meu filho, é muito importante. (...) Você vai cantar o Bendito, na porta da igreja’. O Bendito é aquela primeira parte do ritual, que a gente canta ajoelhado na porta da igreja pedindo proteção a Nossa Senhora do Rosário [Chefe do Congado, 2012].

Se, por um lado, os Reinados negros podem ser entendidos, pelos escravos, como reavivamento de suas memórias, por outro lado, para seus senhores, os Reinados não carregam esse sentido. Pelo contrário, a permissão para essas festividades e devoções significava mais um mecanismo político de autopromoção, numa sociedade incipiente. Tanto que, com a abolição da escravatura, os Reinados não foram extintos, mas adaptados: passaram de negros a brancos.

Uma prova disso é a lista com os registros<sup>266</sup> dos “Reis do Rosário”<sup>267</sup>, até o ano de 1902, em que constava a inscrição “Escravo de ...”, ou seja, o que prevalecia era a propriedade e importância do fazendeiro. Após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, os Reinados prosseguiram, prevalecendo ainda os nomes dos antigos senhores, e os Reis passaram a ser denominados “Âmagos<sup>268</sup> de...”. Essa palavra denominava os escravos libertos que continuavam trabalhando sob o domínio dos antigos senhores. Com essa designação, que sugere intimidade e aproximação afetiva, passou-se a caracterizar, de forma eufemística, uma relação que pouco se distanciava da precedente escravidão (ANEXO 2):

Eu acho que os outros, os próprios patrões não achavam importante, achava que tinha só que trabalhar. Mas como viram que ele tinha aquele ritual ali e, pra eles, era tudo na vida deles, os patrão permitiam que pelo menos uma vez no ano eles podia cantar e dançar pra santa, já que eles encontraram aquela santa ali pra poder dar mais sequência e dar mais força ainda pra eles continuar. [Chefe do Congado, 2012].

<sup>266</sup>Há uma lista dos nomes, em anexo.

<sup>267</sup>Primeira menção sobre o “Rei do Rosário” ocorreu na Festa de 1879, que era realizada em um dia específico. Antes dessa data, o termo usado era de “Rei do Congado”: dados obtidos em documentos encontrados na Casa da Cultura “Padre Antônio Mendes” de Paula Cândido (MG).

<sup>268</sup>Íntimo, a parte que fica no centro de qualquer coisa ou pessoa; parte central; a parte mais íntima ou fundamental; essência. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Op. cit., p. 108.

Para os congadeiros de Paula Cândido, todos são iguais perante Nossa Senhora do Rosário, que é consagrada sua protetora e, diante da qual, os devotos negros católicos mantêm sua tradição:

Os escravos achavam que eram importante na hora deste ritual. Eles se achavam importante porque tinha uma santa muito poderosa que dava, igual eu falei de cantar o Bendito na porta de Igreja, ela que dava pra eles também uma confiança muito grande. Tá dando sequência naquilo ali e sabendo que um dia eles iam sair daquilo ali. Eu acho que é assim, a importância. A confiança que eles tinham... [Chefe do Congado, 2012].

Os cantos emitidos em linguagem simbólica remetem ao mistério do sagrado, e sua dança desdobra-se a partir dos movimentos dos devotos. Apesar de as pessoas que assistem à Festa, em Paula Cândido, verem no Congado a razão de ela existir, poucos são os olhares atentos ao que seus cantos e danças estão retratando, por isso os congadeiros da banda “Antônio Coelho” esperam que, num futuro próximo, os espectadores consigam perceber a simbologia:

Durante as dança e as música, eu tô tão concentrado ali tentando fazer a minha parte, que não me incomoda nenhum pouquinho o povo que às vezes nem repara no que tamo fazendo. Na verdade, eu acho que é prejuízo pra eles que vão estar ali e não vão entender a festa toda. Acho que vai estar ali por estar, mas nossa parte de dar sequência na tradição foi feita [Chefe do Congado, 2012].

Segundo os congadeiros, quando eles se encaminham para a alvorada, vão cantando não apenas para Nossa Senhora do Rosário, mas lembrando seus pais e avós que já fizeram parte do Congado. Segundo o Chefe, rememoram “o momento em que os escravos saíam da senzala para tomar o café e depois irem para a lida”. Cantando alegremente, vão para a casa dos Reis Festeiros, onde é oferecido o café, que também obedece a um ritual: enquanto os congadeiros tomam o café, a banda de música toca dobrados do lado de fora; em seguida, enquanto a banda de música toma café, o Congado posiciona-se do lado de fora e, em evoluções coreografadas pelos Reis-do-Meio, Corta-Ventos e o Chefe tilintando suas espadas, os congadeiros pulam, rodopiam, batem os pandeiros, tocam viola e sanfona.

Nas procissões, na porta da igreja, no local do café e do almoço, nos dois dias de Festa, mesmo exaustos, os congadeiros não perdem a vitalidade para agradecer e louvar a Nossa Senhora do Rosário por mais um ano de Festa. Na linguagem musical da banda

“Antônio Coelho”, o corpo, a voz, a palavra, os gestos e os movimentos são ritualizados com os tambores, numa *performance* mística, em que o passado é revivido no presente:

E tem uma música ali que eu gosto muito e, assim, eu acho que, quando canto, o meu avô ta sempre comigo, é a ‘Virgem do Rosário’: *Virgem do Rosário / vossa casa cheira / virgem do Rosário / vossa casa cheira / cheira a cravo de rosa / flor de laranjeira / Que senhora é essa / que está na bandeira / Que senhora é essa / que está na bandeira / É a Virgem do Rosário / Nossa padroeira / É a Virgem do Rosário / Nossa padroeira*. Essa aí é pra mim a música mais importante [Chefe do Congado, 2012].

Como já se afirmou, alguns integrantes do Congado “Antônio Coelho”, além de executarem as danças e rituais, também compõem cantos para as festividades. Segundo eles, além de reproduzir os cantos que herdaram de seus ancestrais, escrevê-los é intuitivo, um estado de graça, uma vez que, na sua concepção, Nossa Senhora do Rosário participa com eles na composição das letras e das músicas. Ao serem inspirados por Nossa Senhora do Rosário, seu papel vai além da simples reprodução:

A gente junta umas palavras aí... E vai compondo umas letras... Inspirado pra ajuda, pra poder inteirar as músicas, pra poder não repetir as músicas... Com certeza, tem aquele momento em que eu fecho o olho pra me ajudar e, pra mim, sempre juntar as letra e sempre pensando nela, né? Pondo ela no meio. Aí eu peço ajuda a ela... Importante demais pra mim, pros outro, aí eu não sei. Acho importante louvar Nossa Senhora do Rosário, louvar por tantos anos... [J., 48, negro, Rei-do-Meio, da guarda de Congado, 2012]<sup>269</sup>

Sentir-se responsável pelo grupo e pela tradição congadeira é a missão do Chefe, que tem, em sua herança ancestral, uma razão para lutar por essa cultura e, com isso, estar sempre pronto para qualquer atividade relacionada ao Congado, que não seja apenas a Festa, como compor, com os companheiros, letras para cantar durante as festividades:

Eu também escrevo algumas coisas, minha inspiração é Nossa Senhora do Rosário e meu avô, que me ensinou muita coisa boa, tem uma cantiga que eu escrevi para a homenagem dos congos que já morreram... É muito emocionante, dá pra arrepiar... a gente sempre toma cuidado quando escreve para não perder as característica do grupo, dos congos sem esquecer os mais antigo que já se foram, né? [Chefe do Congado, 2012].

---

<sup>269</sup>Entrevista em 23/09/2012, concedida pelo Rei-do-Meio, da Guarda do Congado “Antônio Coelho”, de Paula Cândido (MG).

No Congado “Antônio Coelho”, seus componentes sentem-se participantes de um grupo do qual se orgulham, não apenas pela sua cor, sua história, sua religiosidade, mas principalmente por sua cultura carregada de riquezas infinitas:

Uai, pra mim ser congo é tudo... É um prazer quando tá vendo o público. Eu mesmo gosto muito quando tô pulando o congo é tudo. É uma coisa que a gente não pode deixar acabar, que é uma dança que veio dos escravos. Eu mesmo nunca dancei em troca de dinheiro. Eu dancei a vida inteira mesmo pra Nossa Senhora, uma satisfação muito grande que meu pai tinha e de uma tradição que veio dos padrinho dele. Pra mim o congo é isso. Eles veio dançando, eu danço sempre satisfazendo o público. Pra minha pessoa é uma felicidade também. E mais ainda pra Nossa Senhora do Rosário [A., Rei-do-Meio, 2012].

Esse orgulho é intensificado na medida em que, no ano de 2012, o Rei de Compromisso coroado é, além de negro, um dos componentes da Guarda “Antônio Coelho”. Sua coroação é carregada de profunda significação pelos seguintes aspectos: depois de 106 anos, coroa-se novamente um rei negro, irmão do Chefe do Congado e também detentor da tradição congadeira por ser, como seu irmão, descendente do primeiro rei Congo de Paula Cândido:

O rei negro desse ano, pra mim, é uma satisfação muito grande, né? Me lembra 150 anos atrás (...), lembra a tradição né? (... ) Tão tirando a função dos branco, e a Festa tá voltano pra quem é de verdade o que começô (...) mas eu fico é muito honrado mesmo de... [A., Rei-do-Meio, 2012]



Fig. 62: Reinado Novo (negro) 2012  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 63: Reinado negro coroado. 2012  
Fonte: arquivo pessoal

Ao mesmo tempo em que o Congado ficou orgulhoso, gerou, na comunidade, certa curiosidade e até inquietação diante da confirmação de um mito criado em torno da Festa: “quando os negros pegarem a coroa, não tem mais para os brancos”<sup>270</sup>. Essa curiosidade levou parte da comunidade para frente da casa dos Reis Novos, em 2012, a fim de presenciar a retirada dos Reis Negros pelo Congado. Com efeito, o mero detalhe de um adereço usado pelos reis negros (o turbante africano da rainha e o kufi<sup>271</sup> do rei) foi suficiente para reforçar essa inquietação e confirmar o mito do retorno do Reinado Negro:

Dizem que eles vinham a caráter da África, mas não fizeram em respeito aos reis velhos que são tradicionais, usaram apenas o turbante e o chapeuzinho na cabeça. Ano que vem, eles já disseram que vêm como africanos mesmo. O povo tá até falando que quem vai receber deles a coroa ano que vem é outro negro, viu? Acho que a Festa pros brancos já era... [D, 54, branca, membro da comunidade que acompanha a Festa todos os anos e é devota de Nossa Senhora do Rosário, professora aposentada, 2012]<sup>272</sup>.

Nos momentos da Festa em que Congado e Reinado sincronizam, no espaço sagrado, suas trocas simbólicas, há uma sequência em que cantos e coreografias compõem o sentido de todo o ritual. Na retirada dos Reinados pelo Congado, seus cantos expressam sua humildade, seu respeito e devoção:

*O sinhori meu Rei Velho/ dá licença deu entrá/ O sinhori meu Rei Velho/ dá licença deu entrá/ Vim trazê minha bandeira/ pro sinhori a beijá/ Vim trazê minha bandeira/ pro sinhori a beijá/*

*O sinhori meu Rei Novo/ dá licença deu entrá/ O sinhori meu Rei Novo/ dá licença deu entrá/ Vim trazê minha bandeira/ pro sinhori a beijá/ Vim trazê minha bandeira/ pro sinhori a beijá/*

Durante os cortejos, o Congado faz a escolta dos Reinados: os congadeiros que ficam ao centro cantam, dançam e duelam com suas espadas; o Chefe determina os passos e o ritmo das músicas, intercalando, com a banda de música, os momentos de silêncio e devoção. Enquanto a banda de música executa seus dobrados, as fileiras de congadeiros encaminham-se ao lado dos Reinados, indo e vindo, num movimento que vai do começo ao fim da procissão. Agachando, pulando e manejando suas espadas, alguns congadeiros simulam uma contenda entre rivais.

<sup>270</sup>Comentários ouvidos por toda a comunidade de pessoas brancas, negras e pardas.

<sup>271</sup>Kufia, kufi ou quepe africano: para os anciãos é uma marca de status e sabedoria ([www.claudiozeiger.blogspot.com.br/2012/03](http://www.claudiozeiger.blogspot.com.br/2012/03). Acesso em 05/11/2012, 9:46min).

<sup>272</sup>Comentário ouvido dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, antes da chegada dos Reinados para a coroação (04/11/2012) (Registros do diário de campo).

Enquanto a reunião da Mesa acontece dentro da igreja, do lado de fora, os congadeiros cumprem seus rituais, entoando outros cantos de adoração aos santos e, num mesmo movimento circular, os Reis-do-Meio evoluem suas danças, e o restante do grupo forma um círculo como que demarcando seu espaço:

Tava sentado na pedra / quando Jesus passou / Tava sentado na pedra /  
quando Jesus passou / Espera, Jesus, espera / Espera que eu também vou.  
Santo Antônio era pequeno / Benedito era rapaz / Santo Antônio era pequeno  
/ Benedito era rapaz / Corre, corre, Santo Antônio, / quero ver quem corre  
mais.  
São Jorge entrou na roda / Pra vê o povo pulá / São Jorge entrou na roda /  
Pra vê o povo pulá / Pula pra lá, pula pra cá / O São Jorge vai te ajuda.

Logo depois de se encaminharem para o cemitério, onde cantam ajoelhados, na entrada, para seus companheiros já falecidos, retornam para a igreja do Rosário. Após a reunião da Mesa, os congadeiros entram, pela primeira vez, na igreja para retirarem os andores dos santos (São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário) e, em procissão, o Santíssimo será conduzido até à Matriz para sua bênção.

Depois da bênção do Santíssimo, a procissão retorna à igreja do Rosário para a coroação do Novo Reinado. Nesse momento, a igreja, já repleta de espectadores que aguardam a transmissão da coroa. Muitos, inclusive, deixam de ir até a Matriz para assegurar um bom lugar para assistir aos rituais, já que a igreja é pequena.

Após a transmissão da coroa, depois que o padre dá por encerrada a celebração cristã, o Congado entra, pela segunda e última vez, na igreja, dando início ao seu rito. Novamente, em atitude humildade, devoção e respeito, entram pedindo licença à Santa e aos Reinados. De frente para trono dos Reis Novos, o Chefe do Congado com os Reis-do-Meio, com o sanfoneiro e os violeiros fazem-lhes uma saudação para que tenham um ano de alegria sob o olhar da Mãe Santíssima:

*Ô meu Rei novo pode vim que eu também vou/ Ô meu Rei novo pode vim que  
eu também vou/ Lá na casa da Rainha tem um jardim cheio de flor/ Lá na  
casa da Rainha tem um jardim cheio de flor.*

Invertendo a posição, colocam-se de frente ao trono dos Reis Velhos, entoando-lhes um canto de despedida e consolando-os por deixarem a coroa, mas afirmando que terão sempre a proteção da Virgem Maria:

*Ô meu Rei Veio, pode vim que eu também vou / Ô meu Rei Veio, pode vim que eu também vou / Lá na casa da Rainha tem um jardim cheio de flor / Lá na casa da Rainha tem um jardim cheio de flor*  
*Não chore não, meu Rei! / Não chore não, meu Rei! / sua promessa foi cumprida / em cima do altar / da Senhora do Rosário, Mãe Santíssima.*  
*Não chore não, minha Rainha! / Não chore não, minha Rainha! / sua promessa foi cumprida / em cima do altar / da Senhora do Rosário, Mãe Santíssima.*

Terminados os cantos de saudação e de despedida, o Chefe faz sinal para que os dois Reinados levantem-se para sair. Os demais congadeiros, enfileirados dentro da igreja, aguardam o momento de saírem, sempre de frente para o altar e para a Santa. Durante esse ritual, postados na entrada da igreja, ficam dois congadeiros, com as espadas cruzadas: eles batem as espadas cruzadas sobre a cabeça de cada pessoa que sai. Enquanto vão tirando os Reinados, vão entoando cantos:

*Ô meu Rei Veio com a coroa na cabeça/ que ela traga muita alegria/ o minha Rainha com a coroa na cabeça/ que ela traga muita alegria/ Ô meu Rei Novo com a coroa na cabeça/ que ela traga muita alegria/ o minha Rainha com a coroa na cabeça/ que ela traga muita alegria/*

*A coroa da Virgem Maria / que ela seja a vossa Guia/ Oi que a Igreja do Rosário/ oi do Rosário de Maria/ e hoje foi um grande dia / E que para o próximo ano / todos possam aqui voltar.*

Nesse momento, o Reinado Novo encaminha o Velho até sua respectiva casa, indo, em seguida para a sua, onde serão distribuídos doces. Enquanto os doces são distribuídos, cantando e louvando a Nossa Senhora do Rosário, tal qual na alvorada, os congadeiros encerram os dois dias de Festa:

*O sol desceu na santa / onde Deus fez a morada / onde mora o cálix bento e a hóstia consagrada / O sol desceu na santa / onde Deus fez a morada / onde mora o cálix bento e a hóstia consagrada / Lá do céu caiu a rosa / Virgem pura do Rosário / Ela é pura e verdadeira / mãe de todos os pecadores.*

Nesses momentos da Festa (retirada do Reinado de casa, procissões, reunião da Mesa, transmissão da coroa) e principalmente na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ouviam-se os mais variados comentários, entre os quais a possibilidade de a Festa não voltar mais para os brancos. Inclusive, durante o período que antecedeu a Festa, esse comentário fez parte das conversas cotidianas locais:

Sempre falaram que, quando os negros pegassem a coroa, ela não voltava mais para os brancos, porque seria a volta da coroa pra quem é de direito. Eles começaram a Festa, demorou, mas eles acabaram pegando a coroa! Agora é ver quem vai pegar deles... [M., 65, branca, funcionária pública aposentada, 2012]<sup>273</sup>.

Há os que consideram um absurdo essa possibilidade, e são descrentes numa mudança na rotina das festividades:

Não entendo esse alvoroço todo no Reinado Negro... Acho que o Reinado é branco e pronto, não precisa disso tudo. É um absurdo dizer que eles vão tomar a Festa! Quero só ver ano que vem, duvido que isso aconteça, é conversa fiada do povo [A., 56, branca, professora aposentada, 2012]<sup>274</sup>.

Enquanto, para outros, esse fato deve ser encarado com normalidade, sendo o mais importante a devoção à santa, ou que a cor na Festa não é determinante para que ela aconteça, seria a dinâmica da Festa, que se resume em promessas e fé, independentemente da cor:

Não acredito nessa história de tomar a Festa! Independente da cor do Reinado, o que interessa é a devoção a Nossa Senhora do Rosário, a promessa a ser paga, a vontade de fazer essa Festa. Por isso não levo a sério essa conversa, a fé vai além desse negócio de cor [A., 57, branco, produtor rural, 2012]<sup>275</sup>.

Esses posicionamentos de inquietação com relação à cor do Reinado de 2012, que perpassam o imaginário da comunidade, suscitam reflexões, no mínimo, questionáveis e que ficaram veladas no processo histórico local. Em primeiro lugar, nunca se questionou o porquê de, há tanto tempo, não terem sido coroados reis negros. Em segundo lugar, nunca se questionou o porquê de se convencionar a comunidade de Chácara como o lugar dos Reinados negros. Diante disso, a preocupação, talvez, não se resuma ao possível fim da Festa, mas com uma mudança em sua estrutura branca, como se os reis negros estivessem tomando algo que não lhes pertença.

Já entre os congadeiros da banda “Antônio Coelho”, impera um sentimento de orgulho e felicidade ao “pularem” para um rei e uma rainha negros, estando, dessa forma, não só

---

<sup>273</sup>Comentário feito na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, depois da coroação do novo Reinado (04/11/2012) (Registros do diário de campo).

<sup>274</sup>Comentário feito na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, durante a reunião da Mesa. 03/11/2012 (Registros do diário de campo).

<sup>275</sup>Comentário feito na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido, após a coroação do Reinado. 04/11/2012 (Registros do diário de campo).

retornando à origem da Festa, mas principalmente sentindo-se representados pelo casal negro coroado:

Ih, pra mim, é a maior honra. Nossa Senhora, esse ano eu não tava nem a fim de pular por causa da idade, mas fiquei sabendo que um negro que ia receber a coroa, aí que eu falei que ia mesmo. Mas saber que é um negro motiva muito mais ainda, cê tá entendendo? Porque vai ser a emoção que uma pessoa igual eu que tá pegando lá, como se fosse eu pegando lá. O que eu puder fazer pra incentivar, pra ajudar mais do que eu faço, eu vou fazer mais ainda [M., Rei-do-Meio, 2012].

Na fala dos congadeiros, ao se perceberem representados por um Reinado negro, expressa-se o contentamento e o orgulho pela reparação de uma injustiça do processo histórico:

O que me traz muita satisfação é pular o congo e mexer com a turma aí, porque a gente sabe que o congo vem da descendência da escravidão... Da raça negra, entendeu? E é uma dança que traz muito negro, sabe? Mas pular pra um rei preto como nós é uma alegria imensa, nós nunca vimos isso, é emoção demais da conta, o coração só de falar já acelera, imagina no dia. Só a gente mesmo é que sabe o que significa um preto como rei nessa Festa [B., componente do Congado, 2012].

Embora, no discurso, expressem indiferença quanto aos reis serem brancos, os congadeiros não escondem o contentamento e a emoção pelo fato de a coroa voltar para “quem era de direito”. De fato, acompanhando a Festa há mais de trinta anos como nativa e há três como pesquisadora, a autora desta pesquisa constatou um número consideravelmente maior de negros, tanto na Festa quanto na coroação dos reis, do que em anos anteriores. Pode-se afirmar, portanto, que o Reinado negro foi significativo não só para o grupo do Congado, mas também para os negros da comunidade de Paula Cândido por ele representados:

A felicidade é muito grande, entendeu? Meu irmão vai receber a coroa, depois de 106 anos, ela vai voltar pra quem é de fato. Isso aqui é um marco, mas também não há motivo para se pensar na possibilidade de um branco não pegar mais a coroa, mas apenas acabar com essa ideia de que o negro não possa pegar. Fico imaginando a alegria do meu vô, vendo seu neto pegar a coroa aqui na cidade [Chefe do Congado, 2012].

A fala da esposa do senhor Antônio Coelho Sobrinho e avó do Chefe do Congado e do Rei Novo, ao se referir, extasiada, à coroação de um neto e a ritualização do outro ao tirá-lo

do trono, traduz com fidelidade a emoção não só dela, mas também da guarda de Congado e dos espectadores, no momento do ritual:

Ver meus neto assim foi uma alegria muito grande, um recebendo a coroa do Rosário aqui na cidade e outro fazendo as obrigação dos Congo, que é tirar o rei da igreja, os preto de volta na festa. O avô deles ia Morrê de alegria, é tudo que ele sempre quis ter, a festa de volta. Foi lindo, chorei demais [M., 85, negra, avó de Chefe do Congado e do rei coroado, 2012]<sup>276</sup>.

Na razão de ser congadeiro, o exercício da interpretação possibilita aos devotos tanto a criação de novas representações que os insere na sociedade quanto a articulação da palavra, num processo dialético entre homem escravo e homem livre, entre negro e branco, entre passado e presente.

Essa razão, entretanto, extrapola o reinado negro, na medida em que ela “é um rastro de alegria para dar continuidade”. Num processo de circularidade, se, por um lado, ser congadeiro garante a tradição, numa permanente continuidade, por outro, essa mesma tradição é a responsável pela razão de ser congadeiro:

Cada ano é um ano, nós todos do Congado quando nos preparamos para mais um ano sentimos como se fosse a primeira vez. A gente pensa nos congo antigo e também nos que vão vir ainda. É bem bacana! Eu sinto uma coisa muito forte, sinto que sou abençoado pela santa. Nosso canto tem uma força bem grande, né! [Chefe do Congado, 2012].

A banda “Antônio Coelho”, com seus símbolos sagrados e culturais, sintetiza um conjunto de valores, hábitos e costumes, propulsionando no grupo, ano a ano, tanto sua razão de ser congadeiro quanto sua condição de pertencimento. No testemunho emocionado da avó, nas falas de todos os congadeiros, na presença significativa de negros na festa, no ritual carregado de emoção em que o Chefe do Congado retira o Rei Novo – seu irmão – do trono, tudo isso transporta os espectadores numa viagem ao passado, num processo de atualização dos ancestrais e de sintetização dos eventos históricos e experiências transcendentais, justificando, mais do que nunca, nesse ano, o “rastros de alegria” e a razão de ser congadeiro.

---

<sup>276</sup>Entrevista em 4/11/2012, concedida pela avó do Chefe do Congado e do Rei coroado, momentos após o fim da Festa, quando o Reinado é retirado da igreja.

## CONCLUSÃO

A simbologia religiosa é o tecido da construção da identidade negra por meio do Reinado e do ritual do Congado, entendendo que o catolicismo teve influência na composição dessa festividade, de forma que os elementos da religiosidade cristã são assimilados pelos congadeiros. A partir dos elementos essenciais da Festa, Reinado e Congado, problematizou-se a geração dos contrastes e da articulação da herança negra e da presença branca, constatando o porquê da permanência do tradicionalismo exclusivo dos negros na Festa da comunidade rural de Chácara.

Dessa forma, em todo o trabalho efetuado, desde o início da pesquisa, é perceptível, a permanência de rituais e mitos de origem da Festa em Paula Cândido. Se por um lado os integrantes do Congado “Antônio Coelho”, buscam reforçar a importância tradicional do Congado como cultura negra; por outro, a partir do Reinado Branco, as tensões e conflitos permeiam a Festa. Todos apontam não só para a questão de uma herança antepassada que deve ser preservada e transmitida aos seus filhos, mas também para uma preocupação com a não valorização dessa tradição.

Desde seu início, a Festa tem como elemento primordial os negros e suas vivências culturais, embora a presença dos brancos tenha deixado suas profundas marcas simbólicas e sociais. Antes, comandada pelos fazendeiros, a Mesa exercia papel preponderante na execução da Festa em virtude da arrecadação de fundos. Hoje, seu caráter é simbólico, já que, independentemente da arrecadação feita pela Mesa, a Festa acontecerá, sendo esse fundo arrecadado apenas um complemento aos Reis. Dessa forma, o papel da Mesa atualmente restringe-se à confirmação da tradição branca na Festa.

Mas, a partir do momento em que os fazendeiros assumiram o financiamento da Festa (1853) e a coroação do Reinado (1906), permaneceu no imaginário de Paula Cândido que o Reinado seria dos brancos e o Congado, dos negros. Essa dinâmica foi interrompida, no ano de 2012, trazendo interrogações, já que, até o momento o discurso é de que não existe ninguém que tenha visto um Reinado Negro na Festa. A coroação de um Reinado negro no Congado provocou a percepção de uma descontinuidade mítica.

Porém, ao dizer “nós não somos parte da Festa, nós somos a Festa junto de Nossa Senhora do Rosário”, a fala de um integrante da guarda de Congado aponta para a permanência da tradição como elemento identitário forte da presença negra na Festa. Dessa

forma, os significados da tradição, para aqueles que a praticam, são vistos como resíduos de um tempo remoto, mas também de uma manifestação viva e constantemente recriada.

Quanto à questão religiosa, nas celebrações em que o Congado não participa da missa, para o padre consiste na tradição da Festa, não necessariamente exclusão do grupo. Sua argumentação reside no fato de que, quando não estão de “congos”, eles participam das celebrações e da comunidade católica normalmente. A autoridade religiosa local, inclusive, ratifica a tradição congadeira como uma forma de religiosidade necessária para manter as “tradições do povo de Deus (...) e ajudar o povo a ser mais católico”.

Desde o início, embora as questões abordadas nesta pesquisa se referissem ao embranquecimento da Festa e à identidade negra, ela foi enriquecida, em seus últimos momentos, com a coroação do Reinado Negro, em 2012. Esse Reinado é apenas o começo, e não o fim, de uma dinâmica criada na tradição da Festa, na medida em que desconstrói alguns mitos criados em torno dessa festividade. Outros aspectos da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido, merecem um estudo mais aprofundado: uma comparação entre outras Festas de Reinados e Congados, em Minas Gerais; a ritualística do Congado composta pelos sons, gestos e cores, os quais produzem pertencimento ao homem congadeiro.

Contudo, a permanência dos poderes e as legitimações sociais sejam entrevistas na relação entre o Congado e o Reinado, construindo pares de oposições – Mesa e banda (brancas), no interior da igreja/Congado (negros) do lado de fora da igreja –, por exemplo, os valores do sagrado, aplicados pelo poder simbólico através da religião, aproximam os representantes do Congado de toda uma sociedade em que, mesmo não tendo as mesmas estruturas sociais, são estabelecidos vínculos entre os diversos grupos que a formam.

A Festa e o ritual são elementos ressemantizadores da identidade negra, a partir da qual as festividades religiosas organizam um momento da vida social que busca ligar o passado ao presente, demonstrando os vínculos particulares que a Festa mantém com o tempo, conferindo força simbólica para os que a promovem.

Assim, dialeticamente, a tradição congadeira participa dos tempos e constrói a identidade e a memória dos grupos negros do Congado de Paula Cândido. Uma construção realizada em contraste com os grupos brancos do Reinado, cujos mecanismos de legitimação, apesar de entrarem em atrito com o Congado, são complementares.

Dessas relações, o Congado, com seus símbolos sagrados e culturais, sintetiza um conjunto de valores, hábitos e costumes, propulsionando no grupo, ano a ano, tanto em sua razão de ser congadeiro quanto sua condição de pertencimento, articulando, portanto, o tempo irreversível e o reversível, a sincronia e a diacronia, no ritual da Festa em Paula Cândido.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ABREU, Martha. MATOS, Hebe Maria. Etnia e Identidades; Resistências, Abolição e Cidadania. In: *Tempo*, Vol. 3 - n° 6, Dezembro de 1998.
- AGIER, Michel. Exu e o Diabo em Ruas de Carnaval: as identidades negras em questão (Brasil, Colômbia). In: BIRMAN, Patrícia (org.). *Religião e espaço público*. São Paulo/Brasília: CNPq/Pronex/Attar, 2003, p. 41-62.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Salvador, Edufba, 2002.
- BARROS, José D'Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade da formação da sociedade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. Trad. Maria Eloisa Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BERGER, Peter. *A construção social da realidade: tratado da Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. BOFF, Waldemar; CLASEN, Jaime (trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. CASTRO, Celso (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.
- BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção Branca de Homens Negros: As irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.
- BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. "Como os filhos de Israel no deserto?" (ou: a expulsão de eclesiásticos em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII) In: *Revista do Centro de Ciências Humanas da PUC-MG*, n. 3, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas sobre a teoria da ação*. Mariza Corrêa (trad.). Campinas, SP: Papirus, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Economia das trocas simbólicas*. MICELI, Sérgio (org.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século-Edições Sociedade Unipessoal, Ltda.2003.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tomaz, Fernando (trad.). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Festas populares brasileiras*. FERREIRA, Cláudia Márcia (org.). Ed. Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. *O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *A festa do santo de preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

\_\_\_\_\_. *O que é Folclore*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas em Minas Gerais*. Brasília: Fundação Palmares, 2001.

BRETTAS, Aline Pinheiro. FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação da memória mineira: novas possibilidades. In: *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação*. Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e “guerras santas”: uma tentativa de tipologia das relações travadas no cenário religioso brasileiro. In: *Grande sinal: espiritualidade*. 1999, p. 533-553.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARVALHO, José Jorge. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria C. (org.) *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992, p.133-160.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

CEZAR, Lilian Sagio. *O velado e o revelado: imagens da Festa da Congada*. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade de São Paulo. 2010.

COELHO, Tatiana Costa. *A reforma católica em Mariana e o discurso ultramontano de Dom Viçoso (1844-1875)*. Dissertação de Mestrado em História. UFJF, 2010.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário*. 2006. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

COSTA, Robson Pedrosa. As ordens religiosas e a escravidão negra no Brasil. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. In: *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24. Set/out. 2008.

COUTO, Patrícia Brandão. *Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito*. Niterói: Ed. UFF, 2003.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. *As Irmandades Religiosas de Africanos e Afrodescendentes*. In: *PerCursos*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 03-17, jan. / jun. 2007.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Paulo. *A outra festa negra*. Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa, org. de Iris Kantor e István Jancsó FFLCH/USP. São Paulo, Hucitec/Edusp, 2001.

DIAS, Adriana de Oliveira. “*Nos passos dos Congos*” Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca, SP, 2008.

DOMINGUES, Andrea Silva. *Cultura e Memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG*. Tese (Doutorado em História Social), PUC – São Paulo, São Paulo, 2007.

DORNAS FILHO, João. *O Padroado e a Igreja Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ferreiros e Alquimistas*. Madrid: Aliança Editorial S.A, 1983.

\_\_\_\_\_. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FERREIRA, Gilberto A. *Identidade Negra: Descaminhos*. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, 2 (2): 27-29, abr./jul. 1988.

FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

FERREIRA, Rodrigo de Souza. “*Os dançadores do Rosário ganham novos trajes: Congada, Igreja e Amigos da Congada em Brás Pires – MG*”. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) UFV, Viçosa, 2005.

FERRETTI, Sérgio. *Sincretismo e Religião na Festa do Divino*. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, vol.18 (2): 105 – 122. (2007).

FONSECA, Cláudia Damasceno. *Embates Mineiros: Criação de três municípios há 300 anos ajudou a curar feridas de guerra, mas deu início a novas rivalidades em Minas*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ed. 69, jun. 2011.

GABARRA, Larissa Oliveira e. *O Reinado do Congo no Império do Brasil: O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central*. Tese (Doutorado em História) PUC do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GARONE, Taís Diniz. *Uma poética da mediação: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano- MG*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) PPGAS/DAN/ICS/ Unb, Brasília, 2008.

GERTTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. DENTZIEN, Plínio (trad.). Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. *Reinado do Rosário de Itapecerica*. São Paulo: Associação Palas Athena do Brasil/ Massao Ohno Estúdio, 1989.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed.34, 2001.

GOLDMAN, Márcio. Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetriação antropológica. In: *Análise Social*, vol. XLIV (190), 2009, 105-137.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mundo encaixado: significação da cultura popular*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Juiz de Fora: UFJF, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

História geral da África, V: *África do século XVI ao XVIII* / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-Colônia (1500-1800)*. São Paulo. Brasiliense, 1982.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. “*Dicionário Houaiss de língua portuguesa*”. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa s/c Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

<http://www.significadodepalavras.com.br>. Acesso em 21 agosto de 2012, às 17h06min.

KANTOR, Íris. Ritualidade pública no processo de implantação do Bispado de Mariana. (Minas Gerais 1745-1748). In: *Projeto História*, São Paulo, n.28, jun.2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. In: *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v.11, n.15, 2º sem. 2010.

\_\_\_\_\_. *Entre a Cruz e os Tambores: conflitos e tensões nas festas do Reinado – (Divinópolis-MG)*. Dissertação Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica – Minas. Belo Horizonte, 2009.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- \_\_\_\_\_. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. In: *Textos de História*, n. 4. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1994.
- LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LUCENA, Francisco Carlos de. LIMA, Jorge dos santos. Ser negro: um estudo de caso sobre “identidade negra”. In: *SABERES*, Natal – RN, v. 1, n.2, maio 2009, p.34-49.
- LUCHETE, Felipe. *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados*. Essa obra integra as produções do Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular (Universidade Federal de Viçosa), Viçosa: do Autor, 2008.
- MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 13ed, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. DIAS, Maria Clara Corrêa (trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2003.
- MARTINS, Leda Maria Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autência, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edu/Edusp, 1974.
- MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. In: *Etnográfica*. Maio de 2009 - 13 (1): 7-16.
- MORAIS, Mariana Ramos de. *Nas teias do sagrado: registros da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG: Espaço Ampliar, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.
- OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O Projeto Romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe*. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Sueli do Carmo. *O Reinado nas Encruzilhadas do Catolicismo: A Dinâmica das Comunidades Congadeiras em Itaúna/MG*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), PPCIR, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

PEIRANO, Marisa. *Rituais ontem e hoje*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, André Luiz Mendes. *Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João Del-Rei, MG*. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, Belo Horizonte, 2011.

PEREIRA, Camila Mendonça. *Abolição e Catolicismo: a participação da Igreja Católica na extinção da escravidão no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História), UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2011.

PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe*. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

PEREIRA, Edimilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ouro Preto da Palavra: narrativas de preceito do Congado em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas/ Mazza Edições, 2003.

PEREIRA, Marcos Aurélio de Paula. *Fortunas e infortúnios ultramarinos: alguns casos de enriquecimento e conflitos políticos de governadores na América portuguesa*. In: *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.279-299, jan./jun. 2012.

PEREZ, Lea Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. (org.) Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Léa. *Festa para além da Festa*. In: PEREZ, Léa. AMARAL, Leila. MESQUITA, Wania (orgs.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PETRUSKI, Maura Regina. *JULHO CHEGOU... E A FESTA TEMBÉM: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)*. Tese Doutorado História. Universidade Federal do Paraná. 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciências Sociais e religião – a religião como ruptura*. In: Teixeira, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil, continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 115-129.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

POMPEU, Aristides. *A verdadeira história de Paula Cândido*. Impressão: Conselho Nacional do Brasil da SSPV, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Hipertrofia ritual das religiões afro-brasileiras*. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº 56, março, pp. 77-88.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33.

REIS, José Carlos. *As identidades no Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RIBEIRO, José da Silva. Imagens de Congado - uma experiência visual em antropologia. In: *IC - Revista Científica de Información y Comunicación*, 2010, 7, pp. 293-320.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. In: *Estudos Teológicos*, v.44, n.2, 2004.

RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

RUBIÃO, Fernanda Pires. *Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009)*. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal Fluminense. 2010.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... In: *CADERNOS CERU*, série 2, v. 19, n. 2, São Paulo, USP, dezembro de 2008.

\_\_\_\_\_. *As Religiões dos Brasileiros*. Horizontes, Belo Horizonte, vol. 1, n.2, p. 28-43, 1997.

\_\_\_\_\_. O Campo Religioso Contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.103-117.

\_\_\_\_\_. "As tramas Sincréticas da História: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 28, São Paulo, 1995.

SANSIONE, Lívio. Os objetos da Identidade Negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. In: *MANA*, 6 (1):87-119, 2000.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. In: *Temporalidades / Departamento de História-Programa de Pós-Graduação em História*. V. 2, n. 2 (ago./dez.2010). Belo Horizonte: Departamento de História. História, FAFICH/ UFMG. 2010.

SANTOS, Carlos Roberto Moreira dos. *Congado e Reinado: história religiosa da irmandade negra em Jequitibá-MG*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2001.

SANTOS, Patrícia Ferreira dos. Igreja, Estado e o Direito de Padroado nas Minas Setecentistas através das Cartas Pastorais. In: *Cadernos de História*, departamento de História da UFOP, Ano I, n.º 2, setembro de 2006.

SEGALEN, Martine. Rito, Sagrado, Símbolo. In: *Ritos e Rituais Contemporâneos*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002, pp. 17-38.

SILVA, Rubens Alves. *Negros católicos ou catolicismo negro?* Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, João Valdir Alves de. A Festa e o Calendário Religioso na demarcação dos tempos da vida social. In: *Revista Desenvolvimento*, n.4. Montes Claros. Dezembro de 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. A construção transatlântica das noções de 'raça', cultura negra, negritude e antirracismo: rumo a um novo diálogo entre pesquisadores na África, América Latina e Caribe. In: *Afro-Ásia*, 28. 2002.

\_\_\_\_\_. Catolicismo negro no Brasil: santos e *minkisi*, uma reflexão sobre miscigenação cultural. In: *Afro-Ásia*, 28 (2002), 125-146.

\_\_\_\_\_. Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX. In: *Revista de História* 152 (1º-2005), 79-98.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. In: *Ciências Sociais y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, n 3, 2001, pp.115-129.

TEIXEIRA, Cláudia Mudado. As Minas e o Templo: o caso de muitos casos. In: *Revista Mosaico*, v.2, n.1, p.9-16, jan./jun., 2009

TEIXEIRA, Faustino. As Faces do Catolicismo Contemporâneo. In: *Revista USP*, São Paulo, n.67. Setembro/novembro 2005.

TINHORÃO, José Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

\_\_\_\_\_. *Os sons dos negros no Brasil*. Cantos, danças e folguedos: origem. São Paulo: Ed. 34, 2008.

TOMAZ, Laycer. *Da Senzala à Capela*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para sua história*. 2. Edição. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953, p. 56-63.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), PPCIR, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2007.

## APÊNDICES

### 1 TABELAS COMPARATIVAS

**TABELA 1 – Época da Festa e número de grupos de Congado**

<b>Cidade</b>	<b>Época da festa</b>	<b>Números de Grupos</b>	<b>Mito de origem</b>
Belo Horizonte	Set. a Out.	33	Mar
Brás Pires (Zona da Mata)	Out	1	
Dores do Indaiá (oeste)	Out	3	Mar, mato e rio.
Fagundes – Santo Antônio do Amparo (sul)	Set.	1	Rocha na beira do mar
Itaúna (centro-oeste)	Ago.	16	Mar
Ituiutaba (triângulo)	Out	7	
Montes Claros (norte)	Ago.	6	Mata
Oliveira (sudoeste)	Set.	17	
Passos (sudoeste)	Dez.	4	
Paula Cândido (Zona da Mata)	Out	2	Mata
Poços de Caldas (sul)	Mai.	2	Gruta
São Sebastião do Paraíso (Sul)	Dez.	15	Gruta
Serra do Salitre (oeste)	Dez.	4	Ao lado da senzala
Silvianópolis (sul)	Jun.	8	
Uberlândia (triângulo)	Out	24	Mata, água e deserto.
Viçosa (Zona da Mata)	Out	3	Mata

**TABELA 2 – Reinado, Congado e religiosidade.**

Cidade	Reis festeiros	Reis congos	Reis de promessa	Mulheres no congado
Belo Horizonte				
Brás Pires (Zona da Mata)				
Dores do Indaiá (oeste)				
Fagundes – Santo Antônio do Amparo (sul)				
Itaúna (centro-oeste)				
Ituiutaba (triângulo)				
Montes Claros (norte)				
Oliveira (sudoeste)				
Passos (sudoeste)				
Paula Cândido (Zona da Mata)				
Poços de Caldas (sul)				
São Sebastião do Paraíso (Sul)				
Serra do Salitre (oeste)				
Silvianópolis (sul)				
Uberlândia (triângulo)				
Viçosa (Zona da Mata)				

**TABELA 3 – Elementos da Festa**

Cidade	Alvorada	Guarda-Chuva	Reunião da mesa	Banda de música	Cortejo e procissões	Coroa, mastro e bandeira
Belo Horizonte						
Brás Pires (Zona da Mata)						
Dores do Indaiá (oeste)						
Fagundes – Sto Antônio do Amparo (sul)						
Itaúna (centro-oeste)						
Ituiutaba (triângulo)						
Montes Claros (norte)						
Oliveira (sudoeste)						
Passos (sudoeste)						
Paula Cândido (Zona da Mata)						
Poços de Caldas (sul)						
São Sebastião do Paraíso (Sul)						
Serra do Salitre (oeste)						
Silvianópolis (sul)						
Uberlândia (triângulo)						
Viçosa (Zona da Mata)						

TABELA 4 – Trabalhos usados como referência

<b>Cidade</b>	<b>Autoria do trabalho usado como referência</b>
Belo Horizonte	<b>Marcelo Vilarino</b> – “Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino”.
Brás Pires (Zona da Mata)	<b>Rodrigo de Souza Ferreira</b> – “Os dançadores do Rosário ganham novos trajes: Congada, Igreja e Amigos da Congada em Brás Pires – MG”.
Dores do Indaiá (oeste)	<b>Rubens Alves da Silva</b> – “Negros católicos ou Catolicismo Negro?”.
Fagundes – Santo Antônio do Amparo (sul)	<b>Luísa Pontes Molina</b> – “De metáforas e mediações: agência e relação entre humanos e não humanos como possíveis abordagens do Congado”.
Itaúna (centro-oeste)	<b>Sueli do Carmo Oliveira</b> – “O Reinado nas encruzilhadas do catolicismo: A dinâmica das comunidades congadeiras em Itaúna/MG”.
Ituiutaba (triângulo)	<b>Fernanda D. Naves</b> – “Cultura, Identidade e Religiosidade: O Congado na cidade de Ituiutaba – MG”.
Montes Claros (norte)	<b>Ricardo Ribeiro Malveira</b> – “Hoje é dia de festa! É agosto em Montes Claros”.
Oliveira (sudoeste)	<b>Fernanda Pires Rubião</b> – “Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950 – 2009)”.
Passos (sudoeste)	<b>Adriana de Oliveira Dias</b> – “Nos passos dos Congos”.
Paula Cândido (Zona da Mata)	<b>Giane Rena Cardoso de Queiroz</b> – A Festa de Nossa Senhora do Rosário em Paula Cândido (MG): Identidade, memória e ritual no Congado e no Reinado.
Poços de Caldas (sul)	<b>Elvira Cerniavskis</b> – “Congo: Fé ou Festa? Eis a questão!”.
São Sebastião do Paraíso (Sul)	<b>Lilian Sagio Cezar</b> – “O velado e o revelado: Imagens da Festa da Congada”.
Serra do Salitre (oeste)	<b>Patrícia Trindade</b> – “As Raízes da Congada: A renovação do presente pelos <i>filhos</i> do rosário”.
Silvianópolis (sul)	<b>Andrea Silva Domingues</b> – “Cultura e Memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis – MG”.
Uberlândia (triângulo)	<b>Renata Nogueira da Silva</b> – “A festa da Congada: A tradição ressignificada”.
Viçosa (Zona da Mata)	<b>Felipe Luchete de Oliveira</b> – “Guardiões da Memória – Lembranças de Congados”.

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### PERGUNTAS GERAIS:

- 1-Você poderia nos contar os motivos pelos quais vem à Festa e o que nela mais te chama atenção?
- 2-Desde quando você acompanha ou participa da Festa? Mais pessoas que você conhece vêm à festa por esses mesmos motivos?
- 3-A Festa mudou muito com o passar dos anos? O que mudou mais (em caso de sim) Você acha que a Festa pode acabar? Por quê?
- 4-Você é devoto (a) de Nossa Senhora do Rosário? Como é sua participação na preparação da Festa? (terço e coroações todas as noites)
- 5- Você gosta do Congado? O que ele é dentro da Festa, para você? Por que as pessoas, em sua opinião participam do Congado?
- 6-Para você, o que significa receber a Coroa do Rosário? Gostaria de receber? E para os que recebem a coroa, qual o significado?
- 7- Você conhece alguma história interessante sobre a Festa? Acha que Nossa Senhora do Rosário ajuda para que os Reis não tenham dificuldade em fazer a Festa? E que nunca falta comida?
- 8- Qual o momento mais emocionante na Festa? Por quê?
- 9- Você saberia me dizer o porquê do uso do guarda-chuva no Reinado? E da Reunião da Mesa, o que você acha? O que significa a doação de dinheiro para Nossa Senhora? Gosta da banda de música?
- 10- Posso dizer que a Festa de Nossa Senhora do Rosário é a marca da cidade? É uma Festa que atrai turista? O que você acha disso?

### CONGADO:

- 1-Conte-nos um pouco sobre a origem do congado, sobre o nome da banda.
- 2-Você é descendente do Sr. Antônio Coelho? (para o chefe do Congado). Qual a sua posição dentro da banda?
- 3-O que é a Festa para você? E o Congado, é folclore ou religião? Pode me explicar?
- 4-Como você entrou para a banda? O que é para você vir todo ano “pular” na Festa?

**5-** Como é a divisão de posições dentro da banda? Qualquer pessoa pode participar da banda? E as mulheres? Fale um pouco sobre isso.

**6-** O ritual, as músicas, as danças e toda a Festa são tudo do jeito que era com os antigos, os seus antepassados? O que é importante para você nesses rituais?

**7-** A Festa tem muitos elementos interessantes, como apito, bandeira, etc. Você poderia falar um pouco deles, da origem, de como começaram a ser usados, como se usa?

**8-** Sabemos que o Congado é de origem dos escravos, você sente que o papel do Congado na Festa é importante? Os componentes da banda conhecem a história do Congado? Sabem de seu significado?

**9-** Em sua opinião, a importância do Congado na Festa e na cultura da cidade existe? E ao terminar a Festa, qual a sensação? É a de missão foi cumprida?

**10-** Você acredita que o grupo constrói sua identidade negra todo ano ao participar da Festa? Por quê? Vocês são tradicionais? Podem mudar ao longo dos tempos?

**11-** Você vê diferença na Festa daqui da cidade com a da Chácara? Se sim, qual? Por que as bandas daqui e de Airões não pulam juntas?

**12-** Como vocês fazem para manter as roupas, e os instrumentos? Tem algum dinheiro que vocês recebem? Se organizarem a banda para receber dinheiro da secretaria da cultura, pode atrapalhar na tradição do Congado? Ou não tem nada a ver?

### **REIS FESTEIROS OU DE COMPROMISSO:**

**1-** O que fez você ser o Rei de Compromisso dessa Festa? Para você qual o significado real da Festa? Valeu a pena fazê-la?

**2-** Você tem recordações e experiências com a Festa? Há quanto tempo você participa dela?

**3-** Você seria Rei Festeiro novamente? Por quê?

**4-** É verdade que Nossa Senhora ajuda na Festa? Como? Sua visão da Festa mudou depois de ter sido festeiro?

**5-** Qual a importância, para você, do Congado na Festa? Você acredita que o Congado é tão religioso quanto as cerimônias na Igreja? Por quê?

**6-** Em sua opinião, o que é necessário para ser festeiro? O dinheiro é o mais importante?

**7-** Qual é a emoção de carregar a Coroa do Rosário? O que é a devoção para você?

**8-** Por que os Reis se emocionam a ponto de chorar? É o clima da Festa, o motivo que o levou a ser festeiro ou é a fé em Nossa Senhora?

**9-** O que ficou para você depois da Festa? Mudou sua concepção de religião?

**10-** Há toda uma aura de misticismo que envolve a Festa, você tem alguma experiência com a Festa que gostaria de relatar?

**REIS DE PROMESSA:**

- 1-Essa Festa é muito bonita e envolve toda a cidade, você participa a muito tempo da Festa?
- 2-O que fez com que você decidisse ser Rei de Promessa?
- 3- Essa é uma Festa muito emocionante, como é fazer parte dela?
- 4-Você vem todo ano como Rei de Promessa ou só às vezes?
- 5- Como você vê o Congado na Festa? Há um significado em sua opinião?
- 6-Você pensa em ser festeiro? Por quê?
- 7-O que significa carregar essa coroa para você?(...) Descreva sua emoção.
- 8-O que significa doar dinheiro na Reunião da Mesa? Missão cumprida ou ato de fé?
- 9-Você tem alguma experiência na Festa que queira contar?
- 10- Como você vê os rituais como as procissões, as missas, o terço, as coroações, as músicas e tudo mais dentro da Festa?

**PADRE:**

- 1- Essa é uma Festa antiga e tradicional na cidade, qual o significado dela para o senhor?
- 2- Como o senhor vê o Congado? Folclore ou religião? Por quê?
- 3- E a Igreja como vê? O que significa essa Festa com os rituais de origem afro?
- 4- Por que o Santíssimo é retirado do altar para a Reunião da Mesa (a Chamada)?
- 5-O terço rezado no mês de outubro é uma tradição, qual seu significado? O senhor sabe dizer como começou?
- 6-Qual o significado das coroações que acontecem todas as noites durante o terço? É uma característica dessa Festa em particular.
- 7-Na coroação dos Reis de Compromisso, qual o papel da Igreja? O que simboliza?
- 8-Houve um período de proibição dessa Festa por parte da Igreja, aqui essa proibição não foi cumprida. O senhor sabe alguma coisa? Qual sua opinião?
- 9-O senhor acha que o povo enxerga a religiosidade no Congado? Por quê?
- 10-O senhor acha que a religiosidade da comunidade é renovada anualmente por meio dessa Festa? E o Congado tem papel importante nisso?

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Ata da reunião para a organização da primeira Festa de Nossa Senhora do Rosário do povoado de São José do Barroso – Paula Cândido (MG).

Este livro teve de ser para mil e de se  
 carem as caídas e seus Compêndios dos di  
 'nhuros que se gasta ou se dispender com  
 as habras desta Capella de São José do  
 Barroso, Vai todo por mim memorado e  
 rubricado e deora no fim insensamente  
 São José do Barroso 19 de Março de 1853

Offiz.º Antonio José de Sá

Aos Cinco dias do mes de Junho de mil e oito Cen  
 tos e Cincoenta e tres annos, nesta Capella de  
 São José do Barroso, reunindo os O. Thesaurario e  
 Procurador, e Eu Escrivão da habra desta  
 Capella de São José do Barroso para se fazer  
 e se escrever as dis. puras das Mesas anteriores  
 em livros tirado do Caderno onde se acha  
 escrito que he as seguintes na Mesa feita  
 no dia tres de Dezembro de mil e oito Centos  
 e quarenta e seis annos se dispendero a quantia  
 de Cincoenta e seis mil quatro Centos e dez 524-8  
 de Marco de mil e oito Centos e quarenta e  
 nove annos se dispendero a quantia de vinte  
 e sete mil e seis Centos e quarenta e seis, na 276-4  
 Mesa feita no dia primeiro do mes de Ju  
 nho de mil e oito Centos e Cincoenta e  
 seis annos se dispendero a quantia de Seenta  
 e Cinco mil e seis Centos e quarenta e seis 656-4  
 na Mesa feita no dia primeiro de Agosto  
 de mil e oito Centos e Cincoenta e seis  
 annos se dispendero a quantia de vinte e  
 hum mil e seis Centos e seis, na

Este documento foi obtido na Casa da Cultura “Padre Antônio Mendes” de Paula Cândido.

## **ANEXO 2 – Lista cronológica dos Reis do Rosário.**

(Esta relação foi obtida na Casa da Cultura “Padre Antônio Mendes” de Paula Cândido.)

### **FESTEIROS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO:**

- 1862** – *Escravo do Senhor Luciano Rodrigues de Oliveira.*
- 1863** – *Escravo do Senhor Francisco Fernandes Ribeiro.*
- 1864** – *Escravo do Senhor Domingos Lopes Francisco.*
- 1865** – *Escravo do Senhor Manuel Pereira de Queiroz.*
- 1866** – *Escravo do Senhor Manuel Vaz Rodrigues.*
- 1867** – *Escravo do Senhor Fortunato Teixeira de Carvalho.*
- 1868** – *Escravo do Senhor João Alves Ladeira.*
- 1869** – *Escravo do Senhor Antônio Francisco Teixeira de Oliveira.*
- 1870** – *Escravo do Senhor Coronel Antônio Faustino Duarte.*
- 1871** – *Escravo do Senhor Serafim José Cardoso.*
- 1872** – *Escravo do Senhor Domingos José Valente.*
- 1873** – *Escravo do Senhor João Rodrigues de Oliveira.*
- 1874** – *Escravo do Senhor Domingos José Valente.*
- 1875** – *Escravo do Senhor Francisco Crescêncio Bandeira.*
- 1876** – *Escravo do Senhor João Antônio de Queiroz.*
- 1877** – *Escravo do Senhor João Antônio de Queiroz.*
- 1878** – *Escravo do Senhor Luiz Ferreira.*
- 1879** – *Escravo do Senhor Antônio da Paixão Moreira dos Reis.*
- 1880** – *Escravo do Senhor João Rodrigues de Oliveira.*
- 1881** – *Escravo do Senhor Francisco de Assis Ferreira.*
- 1882** – *Escravo do Senhor João Fortunato da Silva.*
- 1883** – *Escravo do Senhor João Fortunato da Silva.*
- 1884** – *Escravo do Senhor João Antônio Lopes de Oliveira.*
- 1885** – *Escravo do Senhor Francisco Isidoro de Jesus.*
- 1886** – *Escravo do Senhor Capitão José Antônio Valente.*
- 1887** – *Escravo do Senhor Francisco de Assis Ferreira.*
- 1888** – *Âmago do Reverendíssimo Monsenhor Lisboa.*
- 1889** – *Âmago do Reverendíssimo Monsenhor Lisboa.*
- 1890** – *Âmago do Senhor Capitão Silva.*
- 1891** – *Âmago do Senhor José Firmiano.*
- 1892** – *Âmago do Senhor João Antônio Lopes de Oliveira.*
- 1893** – *Âmago do Senhor João Antônio de Queiroz.*
- 1894** – *Âmago do Senhor João Antônio Batista Pereira.*
- 1895** – *Âmago do Senhor Francisco de Paula Freitas.*
- 1896** – *Âmago do Senhor Zacarias Pedro Pereira.*
- 1897** – *Âmago do Senhor Francisco de Paula Freitas.*
- 1898** – *Âmago do Senhor Capitão José Antônio Valente.*
- 1899** – *Âmago do Senhor Joaquim dos Santos Teixeira.*
- 1900** – *Âmago do Senhor Capitão José Antônio Valente.*

- 1901 – *Âmago do Senhor Theotônio Teixeira.*
- 1902 – *Âmago do Senhor José Estevão de Freitas Castro.*
- 1903 – *Pedro Celestino da Silva / Delfina Rosa Maria de Jesus.*
- 1904 – *Ignocencio Ferreira de Lima / Francisca Teixeira do Espírito Santo.*
- 1905 – *José Corrêa Borges / Zeferina Maria de Jesus.*
- 1906 – *Maximiano de Mello / Clotilde Lotte de Mello.*
- 1907 – *Capitão Martinho Ludgero Alves / Januária Isabel de Jesus.*
- 1908 – *Luís Antônio Teodoro / Anna Rita da Silva.*
- 1909 – *João Francisco de Oliveira / Antônia Carolina da Silva.*
- 1910 – *Capitão José Lourenço de Oliveira/ Maria Vieira de Oliveira.*
- 1911 – *Theotônio Teixeira de Oliveira / Angélica Benigna Oliveira Fernandes.*
- 1912 – *João Teixeira de Carvalho / Maria José Lisboa.*
- 1913 – *Ivo Soares Valente / Maria José Matias.*
- 1914 – *José da Silva Lisboa / Maria José Teixeira.*
- 1915 – *José Estêvão de Freitas Castro / Rita Maria de Oliveira.*
- 1916 – *Antônio Vieira da Silva / Virgínia Vieira da Silva.*
- 1917 – *José Joaquim da Silva / Jovita de Oliveira Valente.*
- 1918 – *Capitão José Ferreira do Nascimento / Maria José da Silva Valente.*
- 1919 – *Antônio Theotônio Teixeira / Maria José Duarte.*
- 1920 – *Cândido José Mathias / Maria Francisca Duarte.*
- 1921 – *Francisco Ferreira do Nascimento / Maria da Conceição Oliveira.*
- 1922 – *José Faustino Duarte / Francisca de Mello Lotte.*
- 1923 – *Doutor Waldemiro Potsch / Maria Rita da Silva.*
- 1924 – *João Lourenço Roque / Ananília de Oliveira Duarte.*
- 1925 – *José Theotônio de Oliveira Primo / Luzia Maria da Silva.*
- 1926 – *Antônio Alexandre Costa / Edyr de Magalhães.*
- 1927 – *Antônio da Silva Gandra / Maria José da Silva Roque.*
- 1928 – *José Maurílio Valente / Maria Maurícia de Oliveira.*
- 1929 – *José Pereira / Maria Alexandria Teixeira.*
- 1930 – *Marcelino Vieira da Silva / Ludovina Angélica da Silva.*
- 1931 – *João Satyro Anastácio / Anna as Assumpção.*
- 1932 – *Celestino Lopes de Oliveira / Maria José D'anunciação Lisboa de Oliveira.*
- 1933 – *Francisco Ferreira do Nascimento / Antônia Isabel Teixeira.*
- 1934 – *Antônio Ferreira do Nascimento / Anna de Paiva e Silva.*
- 1935 – *Capitão Martinho Ludgero Alves / Maria Rita Alves.*
- 1936 – *João Theotônio Teixeira / Jovita de Oliveira Valente.*
- 1937 – *José Antônio Faustino Duarte / Maria Ludovina da Motta.*
- 1939 – *Theotônio Tito Teixeira / Porcina Alves Ferreira.*
- 1940 – *João Faustino Duarte / Maria José Fernandes.*
- 1941 – *Euclides Cardoso da Silva / Raymunda Lisboa Valente.*
- 1942 – *Antônio da Silva Gandra / Nicolina da Silva Valente.*
- 1943 – *Antônio Firmiano dos Santos / Angélica Ferreira.*
- 1944 – *Antônio Julião Ferreira / Maria Francisca Ferreira.*
- 1945 – *Francisco da Silva Duarte / Anna Maria de Oliveira.*

- 1946 – Domingos Teixeira Valente / Maria Rita de Oliveira.  
1947 – José de Oliveira Duarte / Maria José Teixeira.  
1948 – Antônio Faustino Duarte / Gertrudes Mendes Duarte.  
1949 – Raymundo Ludgero Alves / Maria de Lourdes de Oliveira Alves.  
1950 – Caio de Amorim / Olinda Maria de Oliveira.  
1951 – Benjamim Sotero de Oliveira / Maria D'anunciação Lisboa de Oliveira.  
1952 – Francisco Ferreira da Silva / Angélica Ferreira da Silva.  
1953 – Luís Teixeira Valente / Maria Angélica Ferreira.  
1954 – Raphael Ludgero Alves / Maria Júlia Alves.  
1955 – Josias Ludgero Alves / Rita Teixeira Alves.  
1956 – José Severiano Batista / Theonila Pompeu de Oliveira.  
1957 – Agostinho Avelino de Queiroz / Isaura de Queiroz.  
1958 – Odilon Sotero de Oliveira / Francisca da Silva de Oliveira.  
1959 – José Pereira da Silva / Angélica Teixeira de Oliveira.  
1960 – Antônio F. de Oliveira Duarte / Maria Angélica Ferreira.  
1961 – José Antônio de Oliveira / Maria de Lourdes de Oliveira.  
1962 – Áureo da Silva Lisboa / Elvira da Costa Lisboa.  
1963 – Fábio da Costa Lisboa / Francisca Teixeira Dias.  
1964 – José Firmiano Filho / Maria Batista Silva.  
1965 – Francisco Firmiano dos Santos / Ruth Alves Ferreira Santos.  
1966 – Idevaldo de Oliveira / Filonira Ferreira de Oliveira.  
1967 – Raphael José de Oliveira / Francisca Teixeira de Oliveira.  
1968 – Raphael Teixeira do Nascimento / Francisca Ferreira de Oliveira.  
1969 – Benedito Saturnino Teixeira / Jacinta Martins Silva.  
1970 – Jaime Teixeira / Maria Teixeira de Oliveira.  
1971 – Alberto Sotero de Oliveira / Maria Aparecida Lima de Oliveira.  
1972 – José da Costa Lisboa / Nadir Maria de Queiroz Lisboa.  
1973 – João Francisco da Silva / Jovita de Oliveira Silva.  
1974 – Adailton Dias Norberto / Francisca Teixeira Dias.  
1975 – Eloísio de Oliveira e Silva / Januária Teresa C. Silva.  
1976 – Ney José Alves / Maria Imaculada Alves.  
1977 – Elvídeo Teixeira Valente / Fausta Teixeira de Oliveira.  
1978 – Doutor Jorge Theotônio Teixeira / Efigênia Dias Teixeira.  
1979 – Luciano Sotero de Oliveira / Maria do Carmo de Oliveira.  
1980 – Alberto Sotero de Oliveira / Francisca Assis de Oliveira.  
1981 – Benjamim Sotero de Oliveira Silva / Maria Alves de Oliveira.  
1982 – Francisco Colamarco / Tomazina Colamarco Ferreira.  
1983 – Rafael de Oliveira Silva / Maria do Rosário Silva.  
1984 – Raphael Ludgero Alves Filho / Marion das Dores Flores Alves.  
1985 – Fabiano Ludgero Alves / Rita de Oliveira Alves.  
1986 – Osvaldo da Silva Matias / Daura de Freitas Matias.  
1987 – Celso Teixeira Valente / Ananília Duarte Valente.  
1988 – José de Queiroz / Angélica Duarte de Queiroz.  
1989 – Nelson Renna / Francisca Ladeira Renna.

- 1990 – *Antônio Cupertino de Almeida / Ivete Ferreira de Oliveira.*
- 1991 – *José Evaristo da Silva / Maria Teresa Oliveira Silva.*
- 1992 – *João Faustino Teixeira / Zélia Idaci Teixeira.*
- 1993 – *Vicente Alves Souza / Teresinha Elizabete de Souza.*
- 1994 – *José Gordiano Teixeira / Teresa Silva Teixeira.*
- 1995 – *José de Oliveira Neves / Maria do Carmo de Oliveira.*
- 1996 – *Oswaldo Duarte Sobrinho / Elaine Silva Duarte.*
- 1997 – *Milton Joaquim Bezerra de Almeida / Dolores Maria Ferreira Almeida.*
- 1998 – *Célio Anísio Teixeira / Marlene Mendes Teixeira.*
- 1999 – *Ivan Teixeira Cotta Filho / Maria Goretti Lisboa Cotta.*
- 2000 – *Nelson Rena Filho / Rosália Flores Cotta Rena.*
- 2001 – *João Batista Roque / Sônia Maria Valente Roque.*
- 2002 – *Luciano Teixeira de Oliveira / Maria Lúcia Rodrigues de Oliveira.*
- 2003 – *Washington Ângelo Cabral / Anamaria de Oliveira Cabral.*
- 2004 – *Adenir Queiroz Teixeira / Anilza Queiroz Teixeira.*
- 2005 – *Antônio Ferreira Filho / Maria Teresinha Ferreira.*
- 2006 – *Bráulio Valente / Hosana Mendonça de Souza Valente.*
- 2007 – *João Batista Teixeira / Assunta Maria Santos Teixeira.*
- 2008 – *Francisco de Oliveira Duarte / Tereza Sobreira de Barros Duarte.*
- 2009 – *Emerson Rodrigues Lisboa / Leticia Teixeira Lopes Lisboa.*
- 2010 – *Luiz Carlos de Oliveira Valente / Rita de Cássia Ladeira Rena Valente.*
- 2011 – *Geraldo Lisboa / Maria da Graça de Oliveira Lisboa.*
- 2012 – *Marcus Vinícius Rodrigues Alves / Alessandra Teixeira Valente Alves.*
- 2013 – *André Leandro Brígida / Selma Brígida.*